

Revista

# RAÍZES

# 69

Publicação Semestral  
Distribuição gratuita

Dezembro de 2024

Publicação da  
Fundação Pró-Memória  
de São Caetano do Sul

ANO XXXVI





# Palavra do Presidente

 Charly Farid Cury

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

NESTE ENCERRAMENTO de mais um ciclo de quatro anos, entregamos a edição nº 69 da revista *Raízes*, publicação da qual tanto nos orgulhamos. Criada em 1989, a revista vem atravessando gestões municipais, em uma demonstração de reafirmação de seu marcante e importante papel no registro e na divulgação da história de São Caetano do Sul.

Ressalto, neste período, o comprometimento das equipes editoriais da Fundação Pró-Memória que sempre sustentaram o propósito de fazer da publicação uma referência no âmbito da preservação da memória local. Importante, ainda, destacar os inúmeros cidadãos que contribuíram generosa e graciosamente na produção dos conteúdos e no encaminhamento de suas histórias, trajetórias e lembranças, em textos e fotografias.

Convido nosso público leitor para mais uma jornada pelo nosso passado nas próximas páginas. Com o coração feliz e grato, desejo a todos uma excelente leitura! ■

Ano XXXVI – Número 69  
Publicação semestral  
Distribuição gratuita  
Publicação da Fundação  
Pró-Memória de São Caetano do Sul

[WWW.FPM.ORG.BR](http://WWW.FPM.ORG.BR)  
[FPM@FPM.ORG.BR](mailto:FPM@FPM.ORG.BR)  
[RAIZES@FPM.ORG.BR](mailto:RAIZES@FPM.ORG.BR)



FUNDAÇÃO  
PRÓ-MEMÓRIA  
SÃO CAETANO DO SUL

**Prefeito Municipal:** José Auricchio Jr. **Secretário Municipal de Cultura:** Erike Busoni. **Presidente da Fundação Pró-Memória:** Charly Farid Cury. **Conselho Diretor:** Charly Farid Cury – Presidente, Anna Figueira, Brenno Diorrener Pereira, Candido Giraldez Vieitez, Erike Laerte Busoni, Eva Bueno Marques, João Tarcísio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Priscila Ferreira Perazzo, Wagner Antônio Natale, William Pesinato. **Conselho Consultivo:** Ana Paula Demambro, Donizetti Tadeu Moretti, Elisabete Montesano, Issao Toyoda Kohara, José Luiz Cabrino, Marcos Eduardo Massolini, Mário Porfírio Rodrigues, Nelson Albuquerque Oliveira Júnior, Newton Mori, Paulo Alves Rosa, Wander Correa.

**RAÍZES**

**Jornalista Responsável:** Paula Fiorotti (Mtb. 28.927).  
**Edição e organização:** Paula Fiorotti. **Revisão:** Paula Fiorotti, Cristina Toledo de Carvalho e Humberto Pastore.  
**Serviço de Difusão Cultural:** Cristina Toledo de Carvalho e Humberto Pastore. **Comissão Editorial:** Charly Farid Cury, Ana Maria Guimarães Rocha, Cristina Toledo de Carvalho, Heloísa Canga, Humberto Pastore, Maria Zulema Cebrían, Paula Fiorotti, Rodrigo Marzano Munari, Sandra Regina Bittancourt Gouveia. **Projeto Gráfico:** Roberta Giotto.  
**Digitalização de Imagens:** Ingrid Marianek.

Tiragem desta edição:  
2.000 exemplares  
Dezembro de 2024

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255  
Santa Paula - CEP: 09541-520  
São Caetano do Sul - SP  
Fone/fax: (11) 4223-4780

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC. A seleção do material é de responsabilidade da Comissão Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

# Carta ao leitor

■ Paula Fiorotti

EDITORA

SÃO 35 ANOS de publicação, durante os quais a Fundação Pró-Memória nunca deixou de assumir seu compromisso em dar continuidade ao projeto da revista *Raízes*. E publicar a edição de nº 69, com textos provenientes de produção interna e de colaboradores externos, mantendo os padrões de qualidade, nos traz grande alegria.

Ao longo dos últimos anos, temos nos dedicado com afinco à tentativa de manter a revista *Raízes* como um importante canal de publicação e veiculação de pesquisa histórica e dos registros de nossa memória, o que, acredito, temos conseguido fazer com sucesso. Lembrando que é um trabalho colaborativo e que envolve dezenas de pessoas, suas vidas, suas memórias, seu trabalho, sua disposição.

Celebrar 35 anos de publicação ininterrupta é um marco que deve ser comemorado. E os desafios são constantes. Quando levamos em consideração o avanço da tecnologia, principalmente na

área de produção editorial, com a instalação no mercado de *e-books* e audiolivros, por exemplo, percebemos que manter uma revista impressa, principalmente no campo da história e da memória, não é tarefa fácil. É preciso saber inovar dentro da tradição.

E por falar em tradição, nossa capa desta edição celebra os 60 anos da inauguração do Estádio Lauro Gomes de Almeida (atual Complexo Poliesportivo), um dos maiores equipamentos esportivos de São Caetano do Sul, que já sediou grandes competições em diversas modalidades, além de shows musicais e eventos sociais. Quem assina o artigo é o pesquisador e memorialista Renato Donisete Pinto, que, em 2024, completa 10 anos como articulista de *Raízes*. Sempre envolvido com a história do esporte da cidade e suas memórias, a cada edição, nos presenteia com trabalhos resultantes de esmeradas pesquisas. E, desta vez, não foi diferente. Afinal o “Lauro Gomes” foi palco de muitas das partidas sobre as

quais o autor já rememorou em nossas páginas.

A revista apresenta vários outros textos, distribuídos por suas seções, e muitas fotografias antigas, daquelas que nos levam imediatamente ao passado. Nesta edição, foi possível privilegiar as imagens e resgatar lindos momentos e paisagens já distantes de nossos olhos. Retomamos a publicação dos trabalhos vencedores do concurso de redação sobre a autonomia, realizado em parceria com o Grupo de Amigos do Movimento Autonomista e com a Secretaria Municipal de Educação, como parte das celebrações pelos 76 anos da autonomia política e administrativa do município.

Agradecemos imensamente a todos os envolvidos, as contribuições enviadas e a confiança depositada em nossa revista. Que possamos continuar a estimular novos questionamentos, novas pesquisas, novas descobertas, que possam resultar em mais histórias de nossa São Caetano do Sul. ■

Paula Fiorotti

é jornalista formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, tem pós-graduação em Comunicação Empresarial e Relações Públicas, pela Faculdade Cásper Líbero, e especialização em Gestão de Patrimônio e Cultura, pela Unifai (Centro Universitário Assunção). Atualmente cursa MBA em Museologia, Curadoria e Gestão de Exposições pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul. É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul. É responsável pelo Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória, sendo editora da revista *Raízes*, e está atuando como responsável pela programação da Pinacoteca Municipal, do Espaço Cultural - Casa de Vidro e de outros espaços da instituição.

✉ raizes@fpm.org.br



## 12 CAPA

**Sessenta anos do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida**  
Renato Donisete Pinto

Capa  
Evento cívico realizado no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida na década de 1960

Contracapa  
Vista aérea do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida na década de 1990

Acervo/FPMSCS

# HASHTAG  
**4**

ALMANAQUE  
**5**

CAPA - MEMÓRIA FOTOGRÁFICA  
**23**

ARTIGOS  
**26**  
**Memórias da Cidade: Rua Constantino Serafini ou Rua Serafim Constantino?**  
Virgílio Antiqueira

BAÚ DE MEMÓRIAS  
**32**  
Acervo/Morisa Garbelotto

CURIOSIDADES  
**33**  
**Um grandioso festival artístico-esportivo**

MEMÓRIA  
**34**  
**O Semeador - 50 anos Vida, amor, fé e prática**  
Eliete Garcia de Souza

**40**  
**O Clube Atlético Centenário**  
Cristina Toledo de Carvalho

**45**  
**Rezar, festejar e auxiliar: as missões da Irmandade de São Caetano**  
Humberto Pastore

**48**  
**Renascença: o grupo que nasceu por causa da saudade dos bailes da saudade**  
Humberto Pastore

**52**  
**A Snake ecoa na memória musical de São Caetano do Sul**  
Marcos Eduardo Massolini

CURIOSIDADES  
**58**  
**Não havia faculdade, mas havia centro acadêmico**

RAÍZES E RETRATOS  
**59**  
Acervo/Maria Antonia Ferreira Fiorotti

PERSONAGENS  
**60**  
**Uma ilustre sul-são-caetanense de coração**  
Gilberto Tadeu de Lima

CURIOSIDADES  
**62**  
**A Vera Cruz de São Caetano do Sul**

ESPECIAL AUTONOMIA 76 ANOS  
**63**

TRANSFORMAÇÕES  
**71**

MEMÓRIA E AFETO  
**72**  
**O saudoso Cine Max**

ESPORTES  
**73**  
**Antonio Carlos Fedato, o Talismã**  
Mario Edson Botteon

QUEM FOI  
**75**  
**Zilda Natel**

CURIOSIDADES  
**76**  
**São Caetano do Sul já acordou com uma guerra civil em sua janela**

CRÔNICAS E CAUSOS  
**77**  
**O primeiro automóvel da família Zucato**  
Ângelo Honorato Zucato

**79**  
**Nossas três primeiras ruas cresceram e trocaram de nomes**  
Humberto Pastore

RAÍZES E RETRATOS  
**81**  
Acervo/Claudio Vecchia

NOSSO ACERVO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL  
**82**

NOSSO ACERVO PINACOTECA MUNICIPAL  
**83**

TRANSFORMAÇÕES  
**84**

CURIOSIDADES  
**85**  
**Votação do plebiscito aconteceu em dez locais diferentes**

RAÍZES E RETRATOS  
**86**  
Acervo/Cristina Sernagiotto Soares

ACONTECEU  
**87**

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA  
**92**

## A HISTÓRIA DE SÃO CAETANO PARA CRIANÇAS

Você sabia que a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul disponibiliza um conteúdo especial para que as crianças possam ter contato com a história da cidade?

O livro *A História de São Caetano do Sul*, editado pela instituição, está disponível para download em nosso site:

**WWW.FPM.ORG.BR**

Além disso, há materiais como vídeo, cenários para construção de maquetes, um jogo de tabuleiro, toy papers e sugestões de atividades.



instagram.com/  
fpmscs\_oficial



facebook.com/  
promemoria.caetano



## Quer conhecer a história de nossa cidade?

Entre no site

**WWW.FPM.ORG.BR**,

na aba Linha do Tempo, e acompanhe a trajetória de São Caetano do Sul e os principais acontecimentos de sua história.

**ACESSE**



➔ Acervo/FPMSCS



## Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano do Sul: 75 anos de história

A Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano do Sul foi fundada no dia 5 de outubro de 1949 com o objetivo de reunir a colônia lusitana da cidade em torno do propósito de promoção de atividades filantrópicas, como a da construção de um hospital. Na ocasião, o município sul-são-caetanense dava os seus primeiros passos, carecendo, assim, de obras e serviços elementares que pudessem alavancar o desenvolvimento local. Com o empenho de seus integrantes, que, por meio de campanhas destinadas à arrecadação de materiais de construção e de recursos financeiros para a compra de um terreno, o projeto da edificação hospitalar concretizou-se. No dia 17 de novembro de 1957, durante solenidade que contou com a presença de autoridades políticas, como o prefeito Oswaldo Samuel Massei e o deputado federal Lauro Gomes de Almeida, a casa de saúde foi inaugurada, recebendo o nome de Hospital Nossa Senhora de Fátima. Na ata de fundação da entidade, constam as assinaturas das seguintes pessoas, consideradas fundadoras da Sociedade Portuguesa de Beneficência: Júlio de Mello, José Cavalheiro, Adriano Duarte, Alfredo Rodrigues, Antônio Soares, Dirceu de Oliveira Lima, Anacleto Pires Laranjeira, Antônio Lopes Carvalho, Amadeo de Almeida, Antônio Benedito Remondes, Serafim Carlos, Adriano Gonçalves, Dirceu Vieira de Souza, João Antônio dos Santos, Joaquim Marques Vasconcelos, José Maria Rodrigues, Amadeu Pinto, José Correia, José Ferreira Pires, Manoel Maria dos Louros, José Teixeira Brandão, Manoel José Dias, José Garrido Lourenço, Aníbal Soares, Francisco Nogueira, Serafim R. de Almeida, Antônio Manoel, Antônio Marques Leal, José Rodrigues Neto, Elísio dos Santos, Manoel Nobre, Patrício José da Silva Gaspar, Francisco dos Santos, Manoel da Silva Laranjeira, Antônio Patrício, José Luiz Fláquer Neto, José Salvatore Neto, Paulo Gonçalves Pereira, Antônio Bernardes, Manoel de Oliveira Castro, Antônio de Andrade, João Sérgio de Almeida Filho, Antônio Augusto Remondes, Francisco Del Rey, Cândido Campos Lopes, Manoel Ribeiro, Armindo Ribeiro, José Salvetti, Pompeu Andreucci, Bernardino Borges, José de Almeida Claro e Inácio Ferreira Barbosa. Na imagem, em destaque, o prédio do Hospital Nossa Senhora de Fátima (primeiro bloco, inaugurado em 17 de novembro de 1957), da Sociedade Portuguesa de Beneficência.

➔ Acervo/Paulo Rosa



## Os 15 anos do Centro Integrado de Saúde e Educação (Cise) da Terceira Idade João Castaldelli

Fruto de uma iniciativa pioneira, colocada em prática a partir de 1988 pelo então prefeito de São Caetano do Sul, Hermógenes Walter Braido, a política voltada à promoção do bem-estar do grupo populacional integrante da chamada terceira idade encontra respaldo nos Centros Integrados de Saúde e Educação (Cises) da municipalidade. O Cise João Castaldelli foi inaugurado em 30 de agosto de 2009, no Bairro Olímpico, na gestão do prefeito José Auricchio Júnior. O nome dado a ele foi uma homenagem ao fundador da tradicional rede de supermercados Joanin. Como ocorre nas outras instituições da área presentes em São Caetano, o Cise João Castaldelli está voltado exclusivamente ao atendimento do público de terceira idade, com oferta de atividades de educação, cultura e lazer, além de serviços específicos para os maiores de 50 anos de idade. Em 2023, o Cise João Castaldelli mudou de endereço devido às obras para a construção do parque linear da Avenida Presidente Kennedy, passando a funcionar em um espaço maior e mais adequado para a utilização dos seus frequentadores situado na Rua Cavaleiro Ernesto Giuliano, nº 1.245, também no Bairro Olímpico. Na imagem, a fachada do prédio que abriga o Cise João Castaldelli desde 2023, instituição que debutou neste ano de 2024 e a qual cumprimos.



## Emei João Barile: 65 anos de sua inauguração

A Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) João Barile foi inaugurada no dia 25 de julho de 1959, durante o primeiro mandato do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1957-1961). Localizada na Rua Dr. Durval Villalva, nº 125, no Bairro da Fundação, a instituição foi transformada em Emei em dezembro de 1977. Vinte anos depois de sua inauguração, o espaço passou por reforma completa, sendo construído, nos fundos do seu terreno e acima do nível do chão, um novo prédio. Após um período de obras intensas, a escola foi reinaugurada no dia 28 de outubro de 1979. Em 1998, o estabelecimento sofreu novas reformas, que foram responsáveis pelas alterações em seu parque e em sua fachada. A partir do segundo semestre de 2005, a Emei foi submetida a um processo de revitalização que compreendeu a construção de uma sala de artes, a aquisição de novos materiais e o aumento do espaço externo, que passou a englobar a Praça Maria Pia. No dia 21 de fevereiro de 2006, a prefeitura, na gestão de José Auricchio Junior, entregou à comunidade a escola revitalizada. Ao longo dos seus 65 anos de atividades, a escola contou com a colaboração de inúmeras professoras, figurando em seus primeiros quadros docentes os seguintes nomes: Cleuza Aparecida Perrella, Zenaide K. Ferrigno, Eva Mansuette, Lucila M. R. Piccolo, Elizabeth Garbelotto e Sônia Montini. A imagem que ilustra este texto constitui registro da década de 1960 e traz o antigo prédio da Emei João Barile. Destaque para a Praça Maria Pia, que teve o seu espaço incorporado pela escola após obras de revitalização iniciadas no segundo semestre de 2005.



## Hospital São Caetano: sete décadas de história

O Hospital São Caetano é fruto de uma mobilização social verificada na cidade na década de 1940. A situação precária na qual se encontrava a área da saúde na localidade era agravada pela inexistência de uma unidade hospitalar (na época, os moradores contavam apenas com os serviços de um acanhado pronto-socorro). Com o propósito de reverter esse quadro desfavorável, o *Jornal de São Caetano* organizou uma campanha em prol da construção de um hospital, possibilitando a criação da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano em dezembro de 1946. A partir de então, a essa entidade coube toda a articulação necessária à viabilização do projeto, abarcando desde a etapa de arrecadação de fundos e recursos até as providências relativas à inauguração do hospital, em 25 julho de 1954. Um ano após o nascimento daquela sociedade, mais precisamente no dia 7 de dezembro de 1947, foi lançada a pedra fundamental do tão sonhado hospital em terreno situado na Rua Espírito Santo. Por tudo que representou para a história da cidade, o Hospital São Caetano ocupa um lugar de destaque no processo de desenvolvimento do município, tendo sido idealizado ainda no período anterior à autonomia política da localidade frente a Santo André, firmando-se como uma das molas propulsoras do movimento emancipacionista que se desenrolara em 1948 e que por meio do qual surgiu o município de São Caetano do Sul. A foto aqui mostrada traz diretores e conselheiros da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano reunidos junto ao primeiro bloco do hospital no dia da sua inauguração, em 25 de julho de 1954.



## Posse do primeiro prefeito e dos primeiros vereadores de São Caetano do Sul: 75 anos

Com a autonomia política de São Caetano, conquistada em 24 de outubro de 1948, a cidade foi elevada à condição de município, e os seus cidadãos adquiriram o direito de eleger os seus representantes junto aos poderes Executivo e Legislativo municipais. Realizadas no dia 13 de março de 1949, as primeiras eleições do município sul-são-caetanense apresentaram como vencedor para o posto de prefeito Ângelo Raphael Pellegrino (candidato da coligação autonomista) e, para a Câmara de Vereadores, foram eleitos 21 pleiteantes, a saber: Accácio Novaes, Alfredo Rodrigues, Antônio Dardis Netto, Arlindo Marchetti, Arthur Zago, Bento Vellannes Regis, Conetto Constantino, Genésio Carlos Alvarenga, Geraldo Cambaúva, Giácomo Garbelotto Netto, Jacob João Lorenzini, Jordano Pedro Segundo Vincenzi, José Lopes Filho, Láuriston Garcia, Luiz Rodrigues Neves, Mário Rades, Moisés Chapaval, Olga Montanari de Mello, Oswaldo Bisquolo, Oswaldo Samuel Massei e Vítório Marcucci. A cerimônia de posse de Pellegrino e dos vereadores ocorreu dias depois do certame eleitoral, mais precisamente no dia 3 de abril daquele ano de 1949, sendo marcada por uma celebração de missa campal na Praça Cardeal Arcoverde. A imagem apresentada constitui registro de tal cerimônia, realizada na Câmara Municipal, então situada na Rua João Pessoa. A partir da esquerda, Moisés Chapaval, Ângelo Raphael Pellegrino, Accácio Novaes, João Dal'Mas, Anacleto Campanella e Vítório Marcucci.



## Revista *Raízes*: há 35 anos divulgando a história e a memória da cidade

A revista *Raízes* completou 35 anos em julho de 2024. Sua origem encontra-se inserida no contexto de ações promovidas pelo poder público municipal em prol da valorização da história e da memória de São Caetano do Sul. Entre tais ações, destacou-se o projeto de captação de materiais alusivos ao passado da cidade, como fotografias, documentos e objetos, tendo em vista o enriquecimento do acervo do museu local. Esse projeto, iniciado em 1985, previa ainda a realização de um concurso de monografias voltado ao público estudantil do município, a quem cumpriria discorrer a respeito da história dos bairros sul-são-caetanenses. A partir das mencionadas iniciativas, criou-se em São Caetano um ambiente favorável à discussão de assuntos concernentes ao seu patrimônio histórico. Com um cabedal documental em franca formação e com a observância de uma orientação de apoio da municipalidade a propostas de caráter histórico-patrimonial, São Caetano do Sul testemunhou o nascimento de *Raízes* em julho de 1989, data da publicação de seu primeiro número. A cargo da então Assessoria de Comunicação Social da prefeitura, *Raízes* teve como primeiro editor o jornalista Aleksandar Jovanović, que, ao lado de Oscar Garbelotto e Sonia Maria Franco Xavier (na ocasião, diretora do Museu Histórico de São Caetano), articulou a criação da revista. Desde a sua 15ª edição, de julho de 1997, a revista está sob a responsabilidade da Fundação Pró-Memória, firmando-se, no decorrer dos anos, como o carro-chefe de seu projeto editorial. Embora reserve espaço a produções de viés acadêmico, os textos de cunho memorialístico são predominantes na revista, que tem periodicidade semestral e distribuição gratuita. Nestes 35 anos de trajetória, a publicação apresentou mudanças significativas em seu visual (design gráfico) e em sua estrutura editorial, não cansando de surpreender o seu público fiel de leitores. Vida longa à revista *Raízes*, e que, em suas páginas, continuem a figurar muitas memórias e histórias de São Caetano do Sul! Para marcar o 35º aniversário da revista, apresentamos a capa de seu primeiro número, lançado em julho de 1989.



## De Departamento de Água e Esgoto a Sistema de Água, Esgoto e Saneamento Ambiental de São Caetano do Sul: 55 anos de história

O Departamento de Água e Esgoto (DAE) de São Caetano do Sul foi criado como autarquia municipal pela lei nº 1.813, de 19 de dezembro de 1969, durante o segundo mandato do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1969-1973). A referida lei, que entrou em vigor no dia 1º de janeiro do ano seguinte, determina as atribuições da entidade autárquica no sentido da organização e da manutenção dos serviços de abastecimento de água e de coleta de esgotos sanitários, essenciais para a promoção do saneamento básico da cidade, pauta que integra a agenda pública local desde os primeiros anos de vida do município sul-são-caetanense. Em 2017, na gestão do prefeito José Auricchio Júnior, por força da lei nº 5.575, de 8 de novembro, o DAE passou a se chamar Sistema de Água, Esgoto e Saneamento Ambiental de São Caetano do Sul (Saesa), mantendo o compromisso com os propósitos que determinaram a sua criação há 55 anos. Na imagem, aparece em destaque o prédio onde funciona a autarquia, quando ainda atendia sob a denominação antiga.



## Os 110 anos do São Caetano Esporte Clube

Fundado em 1º de maio de 1914, o São Caetano Esporte Clube (SEEC) completou 110 anos neste ano. Com uma trajetória marcante, escreveu para sempre o seu nome na história das principais agremiações recreativo-esportivas da cidade. A sua origem remete ao episódio da fusão dos clubes Rio Branco e dos Amigos, decisão que foi tomada em reunião realizada na residência de Paulo Perrella (Rua Rio Branco, nº 26), na data acima referida. Nascia, assim, o São Caetano Esporte Clube, e, com ele, o desafio de promover no pequeno distrito fiscal de São Bernardo (condição na qual a cidade se encontrava na época) o conagraçamento entre os seus moradores. E isso se verificou por meio dos esportes e da cultura. No âmbito esportivo, o futebol se sobressaiu, elevando a popularidade do clube. O seu ingresso na segunda divisão de profissionais da Federação Paulista de Futebol (FPF) não deixa mentir. Antes, contudo, o São Caetano já havia se notabilizado no cenário futebolístico ao vencer o campeonato de 1928 da antiga Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea). Entre as sedes que o clube possuiu, merecem ser destacadas a da Rua 28 de Julho, inaugurada no início da década de 1920 em um amplo salão construído pelo associado Maximiliano Lorenzini, e a da Rua Perrella, nº36, cuja inauguração ocorrera no dia 9 de dezembro de 1933. Em tal endereço, o clube permaneceu até 1968, ano de sua instalação na sede atual, inaugurada em 27 de abril de tal ano e localizada na Rua Ceará, nº 393, Bairro da Fundação. Além do futebol, a agremiação impulsionou diversos outros esportes, como o voleibol e o basquete, sagrando-se campeão em ambas as modalidades e contando com atletas consagrados em seus respectivos plantéis, como Norminha, Marlene José Bento, Delcy Ellender Marques e Elza Pacheco (Elzinha), então cestobolistas da seleção brasileira. Como homenagem pelas tantas glórias esportivas alcançadas pelo clube no decorrer dos seus 110 anos, apresentamos uma foto da inauguração do estádio da Rua Paraíba, em 1º de maio de 1937. Denominado Conde Francisco Matarazzo, possuía arquibancada coberta com capacidade para 600 pessoas, além de espaço para estacionamento. A partida contra os veteranos paulistas da Apea foi o jogo inaugural nesse campo.

# Sessenta anos do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida

 Renato Donisete Pinto

**TODO MORADOR** da cidade de São Caetano do Sul tem uma história, uma lembrança, um momento importante no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida, que, em julho de 2024, completou 60 anos. Comigo não é diferente. Jamais irei esquecer quando, ainda estudante, em 1984, participei de várias provas de atletismo naquela imponente pista que circundava o campo de futebol. Um garoto que representava a extinta Escola Estadual de Primeiro Grau Dr. Arthur Rudge Ramos nos Jogos Escolares, tradicional evento esportivo e educacional da cidade.

Inesquecíveis também são as aberturas desses jogos, com apresentação das delegações das escolas, juramento do atleta e a premiação da Miss e do Mister, sempre com o ginásio completamente lotado. Já no final da década de 1990, tive o privilégio, como professor de Educação Física, de acompanhar meus estudantes nesses jogos disputando as provas das modalidades de tênis de campo (na quadra que não existe mais, localizada ao lado do campo de futebol), de voleibol no Ginásio Milton Feijão e, no começo dos anos 2000, de natação no reinaugurado conjunto aquático. Um equipamento público extremamente importante para os munícipes.



Inaugurado em 1955, o campo de futebol aparece, nesta imagem panorâmica, ainda sem as instalações do futuro Estádio Lauro Gomes de Almeida (atual Complexo Poliesportivo)



Como torcedor, então, são inúmeras lembranças: fantásticos jogos de futebol protagonizados pelo Saad Esporte Clube e, depois, pela Associação Desportiva São Caetano; além de memoráveis partidas da espetacular equipe de voleibol feminino da Colgate/São Caetano Esporte Clube, no início dos anos 1990. Ótimas lembranças daquela temporada. Depois de ser campeã da Liga Nacional de Voleibol, temporada 1991/92, a equipe da Colgate/São Caetano E.C.

tornou-se campeã sul-americana. O título foi conquistado no dia 22 de março de 1993, num ginásio Milton Feijão abarrotado de gente, com uma implacável vitória de três sets a zero frente à rival L'Acqua di Fiori/ Minas Tênis Clube. Esse jogo também foi transmitido pela televisão, o que prova a relevância do evento. Vale ressaltar que a cidade de São Caetano do Sul sediou esse torneio internacional. O time sul-são-caetanense era comandado pelo consagrado treinador José

Roberto Guimarães, que contava com as estrelas Ana Moser, Fofão, Kerly, Juliana, Fátima, Patrícia Coco, entre outras.

No complexo, surgiram grandes personalidades do esporte, resultado do excelente trabalho executado nas escolinhas. Vou citar apenas três exemplos. Uma das maiores jogadoras da história do basquete mundial, Hortência de Fátima Marcari, ou simplesmente rainha Hortência, teve seus primeiros arremessos orientados pela jogadora Marle-



ne José Bento, que, na época, além de jogadora, era professora da escolinha de esportes que acontecia nas quadras poliesportivas do complexo. Do ano de 1968 até a metade dos anos 1970, São Caetano do Sul foi referência no basquete feminino brasileiro e formava a base da seleção brasileira. Jogadoras como Delcy (Delcy Ellender Marques), Norminha (Norma Pinto de Oliveira), a própria Marlene, Elzinha (Elza Arnelas Pacheco) vestiram a camisa do Clube Atlético Monte Alegre e depois do São Caetano Esporte Clube.

Pelas mãos da citada Marlene e da professora Benta (Maria Aparecida Benta Apone), a atleta Vanda Rinalda Dal Col Tormar aprimorou seus fundamentos no basquetebol e foi encaminhada para a equipe do Centro Recreativo e Esportivo Fundação. Sua carreira foi se consolidando até chegar à seleção brasileira em 1979, onde permaneceu até 1986. Depois, tornou-se professora de Educação Física e passou seus conhecimentos para outras gerações. Por fim, outro nome importante do esporte sul-são-caetanense que surgiu nas escolinhas na década de 1970 foi Cassia Theresza Lorenzini, que se apaixonou pelo esporte ao experimentar uma aula de tênis de campo. Após um ano de escolinha, já representava a cidade nos Jogos Regionais e Abertos. Isso durou cerca de 30 anos, numa fase áurea e vitoriosa de São Caetano do Sul na modalidade. Também se tornou pro-

O atleta Antônio Fernandes acende a pira com o fogo simbólico (conduzido desde o Museu do Ipiranga) durante a cerimônia de inauguração do Estádio Lauro Gomes de Almeida, em 26 de julho de 1964

A ideia de se ter uma praça de esportes em São Caetano do Sul começa a se tornar realidade quando a municipalidade promove um grande concurso nacional de projetos para a construção da Praça de Esportes Lauro Gomes, em 1960.



A cerimônia de inauguração foi também marcada pelo descerramento do busto de Lauro Gomes de Almeida. Na imagem, o então deputado federal Pascoal Ranieri Mazzilli aparece ao lado de Lavinia Rudge Ramos, esposa do homenageado e patrono do estádio

fessora da modalidade e desenvolveu um trabalho inovador de ensino de tênis para cadeirantes.

Não só eventos esportivos aconteciam no complexo. Por exemplo, no dia 15 de setembro de 1985, o cantor Jessé se apresentou no ginásio, cuja arrecadação da bilheteria foi em benefício da Associação Metodista de Assistência Social (Amas), mantenedora da Escola Metodista de Educação Especial O Semeador. Em tal show, o cantor fez pré-lançamento do álbum *Todos os Palcos* e tocou os seus sucessos, com o ginásio inteiro fazendo coro na música *Porto Solidão*. Simultaneamente, no campo, o Saad E.C. empatava em um gol com o Aparecida Esporte Clube em jogo válido pela segunda divisão do Campeonato Paulista de Futebol.

Em 1º de dezembro do mesmo ano, uma histórica apresentação do roqueiro Raul Seixas foi realizada no campo de futebol, no período da tarde, com as arquibancadas totalmente tomadas de fãs do cantor. Seixas foi acompanhado pelos músicos Tony Osanah na guitarra e baixo, Nenê, ex-integrante do grupo *Os Incríveis*, na guitarra, e Nelsinho na bateria. O áudio desse show é facilmente encontrado na plataforma digital Youtube. Após o mencionado evento em São Caetano do Sul, Raulzito ficou três anos sem se apresentar, voltando em 1988 acompanhado do roqueiro Marcelo Nova.

**Inauguração do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida** - A ideia de se ter uma praça de esportes em São Caetano do Sul começa a se tornar realidade quando a municipalidade promove um grande concurso nacional de projetos para a construção da Praça de Esportes Lauro Gomes, em 1960. Foram premiados com a primeira colocação os arquitetos Zenon Lotufo e Ubirajara Ribeiro. Lotufo já era um engenheiro-arquiteto de grande notabilidade, tendo trabalhado com Oscar Niemeyer em outros projetos. Ele foi responsável pela criação do Paço Municipal, na Avenida Goiás, em 1961. Já Ubirajara Ribeiro, além de arquiteto, foi um importante artista plástico. A praça não saiu, mas a prefeitura pediu a remodelação do Estádio Anacleto Campanella, que, até então, só contava exclusivamente com o campo de futebol, inaugurado no início de 1955. Baseado nos princípios da arquitetura moderna, foi projetado o complexo esportivo.

Por meio da lei nº 1.267, de 2 de julho de 1964, em seu artigo 1º, passa a denominar-se Estádio Lauro Gomes de Almeida o atual “Estádio Municipal”, situado na Vila Monte Alegre Novo (atualmente Bairro Olímpico). Uma homenagem ao antigo político falecido em 20 de maio daquele ano.

O estádio (atual Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida) foi inaugurado num domingo, dia 26 de julho de 1964. Esse evento fez parte das comemorações do 87º aniversário da cidade.

A “moderna praça de esportes” não teve grandes mudanças estruturais nesses 60 anos. No início, era formada por um campo de futebol isolado do público por um fosso e ligado aos vestiários por um túnel, com arquibancadas cobertas e arejadas. Ao lado do campo, completamente independente, ficava o conjunto aquático, composto de piscinas (olímpica, infantil e juvenil), tanque de saltos, com vestiários e arquibancada coberta. Na entrada principal do estádio, foi erguido um monumental ginásio de esportes com capacidade para cinco mil pessoas. Também possuía campos para a prática de bocha e malha.

A cerimônia de abertura teve início às 8h, com um grupo de atletas partindo do Monumento do Ipiranga, em São Paulo, transportando o fogo simbólico da pátria em direção ao Estádio Municipal para acender a pira comemorativa. Na sequência, o descerramento do busto de Lauro Gomes, seguido do corte da fita simbólica por Lavínia Rudge Ramos, viúva de Lauro Gomes. Antes do descerramento da placa comemorativa, o prefeito Anacleto Campanella discursou e entregou o complexo esportivo à população. As instalações tiveram a benção do padre José Caruso. A partir das 11h, tiveram início as apresentações esportivas: competição de natação e show dos Aqualoucos, além de competições de voleibol e “bola ao cesto”, com a participação da S.E. Palmeiras, E.C. Pinheiros e XV de Novembro de Piracicaba, além das seleções masculina e feminina de São Caetano do Sul.

A construção de um equipamento exclusivo para competições esportivas e que abrigasse suas diversas modalidades partiu da escolha de São Caetano do Sul para sediar a 29ª edição dos Jogos Abertos do Interior. No *Boletim dos XXIX Jogos Abertos do Interior*, produzido pela Comissão Central Organizadora (CCO) em 1964, um trecho da *Palavra do Editor* evidencia como o estádio teve seu projeto atrelado ao calendário da competição:



O remodelado estádio foi palco do desfile de abertura dos Jogos Abertos do Interior disputados em São Caetano do Sul entre os dias 17 e 25 de outubro de 1964. Em destaque, o momento da passagem da equipe de basquete masculino da delegação sul-são-caetanense. À esquerda, João Anhê e Mário Romano

“ (...) Não é segredo para ninguém que nossa querida cidade vem-se preparando há muito com esmero e dedicação, para o magno certame, não medindo sacrifícios no afã de superar as mais otimistas expectativas; de transformar o marcante acontecimento esportivo numa epopéia a ser cantada em prosa e verso pelas gerações vindouras; de proporcionar tanto a delegações visitantes como ao público assistente em geral um espetáculo de beleza helênica, de pomposo colori-

do, de inexcusável magnificência, pois esse é o ânimo que domina os organizadores da já tradicional olimpíada interiorana. A CCO, cumprindo fielmente o programa preestabelecido, vem inaugurar o monumental estádio olímpico de São Caetano do Sul. A gigantesca estrutura de concreto, incrustada na encosta do “MONTE ALEGRE”, olha, silente, a cidade, que, num azáfama plenamente justificável, engalana-se para receber os mais notáveis atletas de nosso Brasil.”



A construção de um equipamento exclusivo para competições esportivas e que abrigasse suas diversas modalidades partiu da escolha de São Caetano do Sul para sediar a 29ª edição dos Jogos Abertos do Interior.

**Jogos Abertos do Interior** - Entre os dias 17 e 25 de outubro de 1964, foi realizada em São Caetano do Sul a 29ª edição dos Jogos Abertos do Interior. A Comissão Central Organizadora teve à frente o professor Milton Feijão e o prefeito Anacleto Campanella como presidente de honra. A programação oficial foi a seguinte:

**Dia 17 (sábado)**

15h – Auditório Municipal – Congresso Técnico;  
20h – Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida – Congresso Solene de Instalação dos Jogos;  
22h – Clube Comercial – Baile de Abertura.

**Dia 18 (domingo)**

8h - Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida – Concentração de atletas; chegada do fogo simbólico; hasteamento das bandeiras; desfile na pista de atletismo; juramento do atleta; homenagem aos atletas falecidos; abertura oficial dos jogos; retirada das delegações;  
14h – Início dos jogos de basquetebol, voleibol, xadrez, tênis e tênis de mesa, nos seguintes locais: Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida, Centro Social Roberto Simonsen, Tiro de Guerra, Instituto de Educação Coronel Bonifácio de Carvalho, General Motors Esporte Clube; G.E. 28 de Julho; Senai, São Caetano E.C., Clube de Campo, Clube do Trabalhador e Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs).

De 19 a 24 de outubro continuação das disputas das modalidades especificadas:

**Dia 22 (quinta-feira)**

Na piscina do Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida, primeira parte das provas de natação.

**Dia 23 (sexta-feira)**

9h – Piscina do Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida. Campeonato de mergulhos (masculino e feminino);  
14h30 – segunda parte das provas de natação.

**Dia 24 (sábado)**

9h – Avenida Marginal. Ciclismo, prova de velocidade;  
9h – Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida. Primeira parte das provas de atletismo;  
14h – Continuação das provas de atletismo;  
19h – Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida. Partidas finais de bola ao cesto e voleibol.

**Dia 25 (domingo)**

9h – Avenida Marginal. Ciclismo, prova de resistência;

9h - Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida. Segunda parte das provas de atletismo; 14h – Continuação das provas de atletismo;

20h - Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida. Congresso solene de encerramento, com entrega de prêmios;

22h – Centro Social Roberto Simonsen. Baile de encerramento gentilmente oferecido pelo Cerâmica São Caetano Futebol Clube.

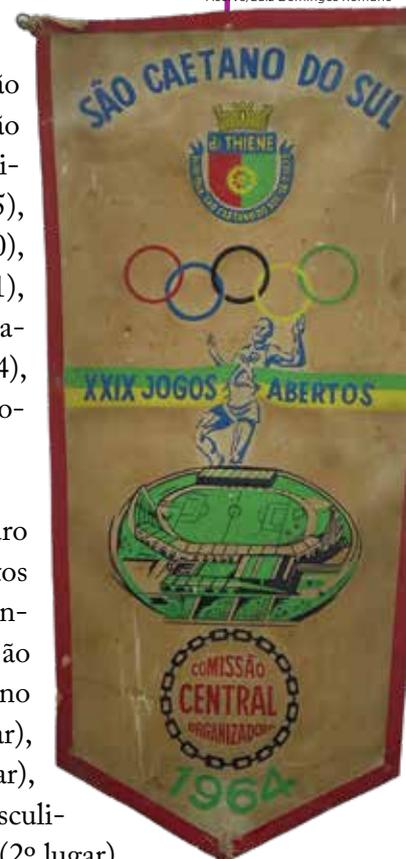
**Cidades Participantes e Número de Atletas -**

Adamantina (20), Altinópolis (27), Americana (45), Anápolis (15), Andradina (8), Araçatuba (26), Araraquara (98), Atibaia (32), Avaré (10), Barretos (49), Bauru (42), Birigui (3), Bom Jesus dos Perdões (5), Botucatu (38), Bragança Paulista (9), Caçapava (18), Caieiras (24), Campinas (75), Campo Grande-MT (27), Capivari (12), Caraguatatuba (54), Cravinhos (26), Caxias do Sul-RS (35), Fernandópolis (59), Ferraz de Vasconcelos (13), Franca (35), Franco da Rocha (32), Garça (30), Getulina (15), Guaratinguetá, Guarujá e Guarulhos (35), Indaiatuba (24), Itanhaém (34), Itapetininga (54), Itararé (5), Itatiba (30), Itu (48), Jacareí (21), Jales (21), Jaú (39), Jundiaí (122), Limeira (15), Lençóis Paulista (66), Limeira (60), Lins (30), Londrina-PR (8), Maringá-PR (23), Marília (72), Mauá (4), Mirassol (37), Mogi das Cruzes (78), Monte Aprazível e Oliveira (53), Orlandia (22), Osasco (69), Paraguaçu Paulista e Paulo de Faria (30), Pindamonhangaba (45), Piracicaba (85), Piraju (40), Poços (2), Pompéia (24), Ponta Grossa-PR (16), Presidente Bernardes (16), Presidente Prudente (12), Presidente Venceslau (11), Ribeirão Pires (19), Ribeirão Preto (105), Rio Claro (54), Santa Bárbara D'Oeste (16), Santa Maria-RS (15), Santos (149), Santo André (118), São Bernardo do Campo (40), São Caetano do Sul e São Carlos (43), São Joaquim da Barra (15), São João da Boa Vista (20), São José dos Campos (60),

São José do Rio Pardo (26), São José do Rio Preto (21), São Simão (27), São Vicente (57), Sertãozinho (15), Socorro e Sorocaba (55), Suzano (23), Taquaritinga (30), Tanabi e Taubaté (17), Tietê (11), Tupã (22), Ubatuba (50), Uberaba-MG (11), Varginha-MG (14), Volta Redonda-RJ (14) e Votuporanga (33).

**Quadro de Honra** - No quadro de honra do 29º Jogos Abertos do Interior, a delegação de Santos tornou-se a campeã geral. São Caetano do Sul se destacou no basquetebol masculino (3º lugar), basquetebol feminino (4º lugar), ciclismo (5º lugar), voleibol masculino (3º lugar), voleibol feminino (2º lugar), xadrez masculino (2º lugar).

No basquete masculino, o município foi representado por: Zé Ambrósio, Carlão, Paulinho, Osvaldinho, Guaranha, Sidnei, Dante, Geraldo, Zambom, Alex, João, Lucio e Walmir Borges. Técnicos: Laerte Gomes e Brás. No basquete feminino, por: Arminda, Deudedit, Tereza, Leo, Cleide, Magda, Sonia, Iolanda, Rosa e Arline. Técnico: Galinho. O voleibol masculino contou com Pedro, Henri, Nelson, Perin, Antoninho, Edivar, Dutra, Marino, Ivan, José, Dionísio e Ivo, treinados pelo técnico Airton. O voleibol feminino contou com Vera Lucia, Regina, Edna, Niceia, Marlene, Maria, Iara, Marcia e Haidé, treinadas pelo técnico Chain. A prova de resistência de ciclismo foi representada por Antonio L. Cavalcanti. Na natação masculina, tivemos: Carlos Alberto Garbelto e Evaldo Almeida Poli (100 metros nado livre), Udo Sondelbach (200 metros clássico), Ernesto Gomariz e Cristo Manoel Garcia (100 metros costas), José Carlos Peçanha e Darcio Martorelli (saltos), Alberto Roveri (400 metros livre), Carlos Alberto, Valter, Evaldo e José Roberto Perrela (4x100 metros).





Equipe de voleibol que defendeu São Caetano do Sul na 29ª edição dos Jogos Abertos do Interior, em 1964. Foram identificados João Anhô (o primeiro, em pé, a partir da esquerda), Ivo Pellegrino (na sequência) e Mário Romano (o último, em pé)

Flâmula representativa da edição sul-são-caetanense dos Jogos Abertos do Interior

**Reinauguração do campo de futebol** - O campo foi reinaugurado apenas no dia 2 de fevereiro de 1965. Na mencionada data, foram realizados dois jogos amistosos: Atlético Vila Alpina 3x1 General Motors Esporte Clube e Cerâmica São Caetano Futebol Clube 1x0 Clube Atlético Monte Alegre. Antes do primeiro jogo, aconteceu uma prova de ciclismo. Atlético Vila Alpina atuou com Friaça; Martins e Washington; Cica, Nego e Dionísio; Paulinho, Oda, Jarci, Norberto e Baltazar. A General Motors com Silvio, Tacio e Primo; Balila, Silvio II e Aldo; Enio, Batista, Cide, Quitão e Vicente. Os gols foram anotados por Jarci (2), Washington e Enio. A partida foi conduzida pelo árbitro da Federação Paulista de Futebol, Angelo Riera.

No intervalo dessa partida, foram realizadas duas provas de atletismo. No jogo de fundo, o Ce-

râmica jogou com Luiz; Avelino e Barbosa; Jovan, Airton e Jau; Arruda, Paulo, Zezinho, Meia Noite (Valdir) e Nilton. O Monte Alegre se apresentou com Wilson; Fernando e Vilmar; Hugo, Tim e Schank; Levi, Edgar (Oscar), Ozeas (Jota), Nelson e Claudinei. O único gol foi anotado pelo Zezinho. Jaime Correa dirigiu o jogo, auxiliado pelos bandeiras Abel B. Sobrinho e Heraldo Gongora. Antes da partida, João Anhô (presidente da Comissão Municipal de Esportes) entregou uma placa de prata alusiva ao evento a um representante da Federação Paulista de Futebol.

**Inauguração dos refletores do estádio** - A partir do dia 24 de outubro de 1978, a cidade pôde receber jogos noturnos de futebol. Raimundo da Cunha Leite, prefeito na época, proporcionou



Com a inauguração do Estádio Lauro Gomes de Almeida, o seu espaço passou a ser palco de importantes eventos esportivos, os quais eram marcados por desfiles em suas cerimônias de abertura e de encerramento. Esta imagem constitui registro de um desses desfiles ocorridos na cidade

Acervo/FPMSCS

essa melhoria aos esportistas da cidade. Nessa data, foram inaugurados os potentes refletores, distribuídos em quatro gigantes postes. O serviço de iluminação do Estádio Lauro Gomes de Almeida foi executado pela empresa Montag, sediada em Campinas (SP). Para marcar a data, foi realizado um jogo amistoso, ou melhor, um clássico regional entre as equipes do Saad E.C. e o E.C. Santo André. Infelizmente um empate sem gols. O Saad atuou com Valter, Jaime Pereira, Celso, Rodolfo e Tadeu; Ademir (Raul), Joãozinho e Adelmo (Zanata); Valmir, Serginho (Nenê) e Antoninho, comandados pelo treinador César Franco. O Santo André se apresentou com Valvir, Almeida, Flávio, Góes e Zé Carlos; Tadeu, Cunha e Marinho;



Raimundo da Cunha Leite, então prefeito de São Caetano do Sul, discursa durante o evento de inauguração dos refletores do estádio, no dia 24 de outubro de 1978. Em primeiro plano, a partir da esquerda, foram identificados Mário Porfírio Rodrigues (de paletó escuro e calça clara), Osmar Ribeiro Fonseca (deputado estadual, na época) e Antônio Russo. Atrás, a partir da esquerda, Maurício Hoffman, Paulo de Oliveira Pimenta (ao centro) e Atílio Bertochi

Arnaldo (Bona), Antonio Carlos (Zezinho) e Bugre (Carlinhos), técnico Sebastião Lapola. O jogo foi conduzido pelo árbitro Jurandir Vicente.

Na administração do prefeito Luiz Olinto Tortorello (1989-1992), a lei nº 2.990, de 14 de abril de 1989, alterou sua denominação para Centro Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida. Por força do decreto nº 6.037, de 24 de abril do mesmo ano, o estádio voltou a ser denominado Anacleto Campanella, “considerando que o Centro Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida é composto de três unidades esportivas”, ou seja, o estádio de futebol, o conjunto aquático e o ginásio esportivo.

O decreto municipal nº 6.083, de 27 de julho de 1989, denominou de Professor Milton Feijão o ginásio esportivo e, no ano 2000, o conjunto de piscinas foi reinaugurado, em 3 de junho, com o nome de Conjunto Olímpico Aquático Leonardo Sperate (decreto nº 8.116, de 30 de maio de 2000).

**Troféu Brasil de Atletismo** - Originalmente, o complexo foi inaugurado para sediar os Jogos Abertos do Interior em outubro de 1964, porém, entre os dias 14 e 16 de agosto daquele ano, recebeu o Troféu Brasil de Atletismo nas suas dependências. Ele só foi possível depois que Antônio Glayr Santarneckchi, diretor do departamento de marcha atlética e andarilhos da Federação



Aspecto panorâmico do estádio, em que se destaca um de seus refletores



O estádio em imagem registrada sob o mesmo ângulo da foto acima. Destaque para as estruturas erguidas para a ampliação das arquibancadas



Antiga configuração do conjunto aquático do complexo



Aspecto do Ginásio Esportivo Milton Feijão, uma das unidades do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida. Foto do início da década de 1990, aproximadamente

Paulista de Atletismo, questionou o presidente da federação se o Troféu Brasil não poderia ser disputado fora do tradicional circuito Rio de Janeiro – São Paulo. Recebeu como resposta que poderia ser possível desde que o prefeito da cidade custeasse o evento. Em pouco tempo, a Comissão Municipal de Esportes conseguiu a aprovação do prefeito Anacleto Campanella.

Para se ter ideia da importância da competição, grandes estrelas do atletismo estiveram presentes em São Caetano do Sul. José Telles da Conceição, primeiro medalhista olímpico de atletismo, bronze no salto em altura em Helsinque (1952), participou com grandes resultados. Outra participação marcante foi a da botafoguense Aída dos Santos, disputando com Maria Conceição Cipriano uma vaga

na delegação da Olimpíada de Tóquio (1964). Em São Caetano do Sul, Aída atingiu o índice olímpico, ao saltar 1,65 metros. Depois confirmou a marca no Maracanã. Em novembro, firmou-se como a única mulher na delegação brasileira que foi aos jogos do Japão, conquistando o 4º lugar no salto em altura.

A equipe da General Motors Esporte Clube defendeu a cidade de São Caetano do Sul no citado torneio nacional de atletismo. O Clube de Regatas Flamengo sagrou-se campeão. A contagem final dos cinco primeiros colocados do Troféu Brasil foi a seguinte: C.R. Flamengo, campeão com 233 pontos; Fluminense F.C., em 2º lugar com 195 pontos; Botafogo F.R., em 3º lugar com 182 pontos; São Paulo F.C., em 4º lugar com 160 pontos e C.R. Tietê, em 5º lugar com 104 pontos. ■

**Agradecimentos:** Marcelo Politarchis (Banco de Dados/DGABC), Cristina Toledo de Carvalho e Luiz Domingos Romano.

#### REFERÊNCIAS

- A palavra do editor. *Boletim dos XXIX Jogos Abertos do Interior*, São Caetano do Sul, n. 2, 15 set. 1964.
- APLAUSOS só antes do jogo sem gols em São Caetano. *Diário do Grande ABC*, 25 out. 1978, p. 13.
- ATLETAS que disputam basquete e volei por SCS. *Jornal de São Caetano*, 24 out. 1964.
- CARAM, André Luis Balsante. O antigo Paço e o Estádio Anacleto Campanella: arquitetura moderna presente em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 26, p. 45-51, dez. 2002.
- CARVALHO, Cristina Toledo de. A rainha Hortência. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 35, p. 27-32, jul. 2007.
- ... Vanda Rinalda Dal Col Tormar: um grande nome do esporte sul-são-caetanense. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 54, p. 54-58, dez. 2016.
- ESTÁDIO Municipal "Lauro Gomes" será inaugurado domingo. *News Seller*, 26 jul. 1964.
- JOGOS abertos do interior irão empolgar a região do ABC. *O Arauto*, 9 ago. 1964.
- MAZIN, Catia. Equipe é a campeã invicta do Sul-Americano. *Diário do Grande ABC*, 24 mar. 1993, p. 12.
- MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993, p. 330-333.
- RAUL Seixas: só eu faço rock no Brasil. *Diário do Grande ABC*, 1 dez. 1985.
- SAAD feliz na festa de S. Caetano. *Diário do Grande ABC*, 24 out. 1978, p. 12.
- SANTARNECCHI, Domingos Glenir. Você Sabia? *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 46, p. 77, dez. 2012.
- TIVERON, Marília. Uma raquete na mão, um sonho na cabeça e uma cidade no coração. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 54, p. 28-33, dez. 2016.
- TROFÉU Brasil será realizado em SCS. *Jornal de São Caetano*, 8 ago. 1964.
- TROFÉU Brasil empolgou. *Jornal de São Caetano*, 22 ago. 1964.

Renato Donisete Pinto é pedagogo e professor de Educação Física. Membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul e do Memofut (grupo de Literatura e Memória do Futebol). É autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013) e coautor do *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos Autores, 2019). Participou da Antologia *Bola na Rede* (InHouse, 2023).

Acervo/FPMSCS



Entrada do Estádio Municipal anteriormente à construção do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida

Acervo/FPMSCS



Parte externa do Ginásio Prof. Milton Feijão, uma das unidades esportivas do complexo

Acervo/FPMSCS



Construção do conjunto aquático do complexo na década de 1960

Acervo/FPMSCS



Aspecto do estádio em foto da década de 1980, aproximadamente

Acervo/FPMSCS



Antiga quadra de tênis do complexo, que ficava ao lado do estádio

Acervo/FPMSCS



O estádio em outro ângulo, em foto do início dos anos 2000

# Memórias da Cidade: Rua Constantino Serafini ou Rua Serafim Constantino?

Virgílio Antiqueira

Rua Serafim Constantino em foto da década de 1970. À esquerda, destaque para a estação ferroviária

Acervo/FPMSCS



**SEMPRE, NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE**, o ato de nomear esteve presente. Consequentemente, essa prática de dar nome a tudo é estudada há muito tempo. É da natureza humana nomear e, em virtude das diversidades ao nosso redor, nos leva a considerar inúmeras possibilidades de análise e os estudos referentes aos nomes possibilitam variados olhares.

A Onomástica, que por definição

(...) é a área de conhecimento que estuda os nomes próprios em geral, nas suas dimensões mais profundas (aspectos linguístico-etimológicos, antropológicos, sócio-históricos, geográficos...), examinando o processo de denominação em diferentes épocas e localidades por meio de suas duas grandes áreas de investigação, (...)”<sup>1</sup>

nos ajuda a entender os processos de nomeação e tem buscado adentrar cada vez mais nas dimensões profundas, seja através da antroponímia seja pela toponímia.

Antroponímia é entendida como a área “que estuda a origem de nomes próprios de pessoas, nomes individuais, parentais, sobrenomes, apelidos e alcunhas”<sup>2</sup>. Toponímia, por sua vez, trata-se da área

que tem como objeto de estudo os nomes de lugares, os enunciados linguísticos que nomeiam e identificam espaços de áreas rurais (rios, córregos, sangas, corixos, igarapés, cachoeiras, montanhas, serras, cordilheiras...) e urbanas (cidades, vilas, povoados, bairros, ruas, alamedas, praças...)”<sup>3</sup>

Para além das definições, não se pode deixar de destacar que há uma intersecção entre ambas e, muito importante enfatizar, com as demais áreas do conhecimento, como história, geografia, antropologia, etc. Essas relações permitem um olhar mais detalhado para o nome de uma rua, seja este um nome cuja origem é reconhecida de maneira mais global (Avenida Presidente Kennedy), nome relacionado ao contexto nacional, no caso de um momento da história do país (Rua Luís Gama), nome que se relaciona com aspectos da história regional (Rua João Ramalho) ou nome notadamente referente ao contexto da cidade (Rua Serafim Constantino).

Esse último nome desperta inquietações<sup>4</sup>. Estamos diante de Serafim Constantino ou Constantino Serafini? Como que o léxico comum da língua que, em algum momento, passa da categoria nome comum para nome próprio de pessoa ganha um novo uso? O nome próprio

de pessoa usado para dar nome a um local, neste caminho, ganha nova função.

Neste ponto, convém analisar o significado do nome Constantino Serafini. De acordo com Mansur Guérios<sup>5</sup>, Constantino advém do latim *Constantinus* que é um diminutivo de *Constante*, em uma alusão ao Santo Confessor do Cartago. Em uma análise mais aprofundada, ao ver o léxico *Constante*, que provém do latim *Constans*, *Constantis*, temos a aceção daquilo “que é constante, perseverante”. O mesmo autor destaca ser um “nome cristão da época romana”. Já aqui existe a possibilidade de evidenciar um caminho do léxico: o nome comum, em algum momento, passa a designar pessoas e, como veremos neste trabalho, posteriormente passa a designar um local. Vale aqui a reflexão sobre o esvaziamento semântico desse nome, pois o sentido original, do latim, perdeu-se já no designativo de pessoa.

O segundo nome, Serafini, tem sua origem, ainda conforme Mansur Guérios, no hebraico. Trata-se de *Seraphim* (os exaltados, os excelsos, os sublimes), que é plural de *seraph*, do verbo *saraph*: queimar, arder, relacionado a “anjo do fogo, da luz”. O autor destaca que “os anjos de primeira hierarquia são assim chamados porque são os guardas do fogo da majestade divina”.

Diante disso, vale relacionar esse fenômeno com elementos de memória. Mas memória individual ou coletiva? Certamente, ao considerarmos a perspectiva de análise do nome de lugar e sua relação com a memória, ou melhor, memórias, não devemos nos apeguar em um simples desvendar, um mero exercício de curiosidade com relação aos mais diversos nomes que estão espalhados pelas cidades, locais tão pujantes que trazem centenas de aspectos importantíssimos.

Óbvio que a memória individual se relaciona com os nomes de lugar. Os artificios da tecnologia têm nos ajudado muito, entretanto nos lembramos de muitos endereços, muitas localizações. Nossa memória cerebral, cognitiva, nos ajuda nisso. Lembremos aqui que a memória é estudada há muito tempo. Alejandro Baer<sup>6</sup> ensina que *“la memoria es un concepto de larga data en la cultura, que encontramos, en griegos y romanos, asociado a las ideas de rememoración y memorización.”*<sup>7</sup>

Porém, a memória sobre a qual precisamos refletir é a memória coletiva. Para isso, convém começar por Halbwachs<sup>8</sup>, que é considerado como introdutor da ideia. Para esse autor, a memória é construída em grupos, sendo que as memórias são cristalizadas em lugares, instituídos pelo poder público, como, por exemplo, os monumentos e os museus. Ainda sobre esse autor, convém frisar a ideia por ele trazida de marcos

de memória e, aqui, para além de fotos, músicas, cheiros, há os lugares em que, por extensão, colocamos a rua.

Pierre Nora vai além da perspectiva de Halbwachs, ao colocar os lugares de memória como “museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações (...)”<sup>9</sup>. A título de exemplo, uma festividade como a Festa Italiana de São Caetano do Sul é um lugar de memória. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.”<sup>10</sup>

Na cidade de São Caetano do Sul, há muitos nomes que estão postos de modo a salvaguardar o pertencimento a uma tradição imigratória e isso fica bem explícito ao considerarmos a quantidade de nomes que tem por objetivo reforçar a importância do período de ocupação do local a partir de 1877.

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que

se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.<sup>11</sup>

Ao passar pelo local, quem olha para a placa em que o nome está grafado, não sendo conhecedor da história local, dificilmente enxerga um nome que salvaguarda aspectos da localidade, vê apenas um referencial espacial.

Além de marco e lugar de memória, o nome é visto como elemento da cultura imaterial e, por isso, abre uma infinidade de possibilidades, dentre elas a que aqui se espera, que é reconstruir o caminho entre o nome da rua e a pessoa homenageada. Por isso, retomar questões referentes à memória é salutar. Le Goff<sup>12</sup> nos ensina muito sobre os diversos elementos relacionados aos estudos da memória, ao trazer a noção de salvamento do passado para servir ao presente e ao futuro.

Obviamente, essa memória coletiva traz consigo algo que é revelador: o poder que o nome tem de ser representativo, no caso aqui exposto, de um elemento da cultura, entendimento de Patrícia Carvalhinhos<sup>13</sup> ao tratar do topônimo como herança imaterial cultural.

O nome da rua é, além de um marco de memória, como defen- de Halbwachs<sup>14</sup>, e de um lugar de memória, conforme Nora<sup>15</sup>, um monumento, que “(...) tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.”<sup>16</sup>

Interessa muito a relação entre o monumento como algo que traz o poder de perpetuação, que traz memórias, especialmente com relação à Rua Serafim Constantino.

A cidade de São Caetano do Sul possui inúmeros logradouros, com terminologia variada, sendo que, dentre os cerca de 700 nomes, 618 referem-se a nomes de ruas, travessas, alamedas, avenidas, entre outros. Dentre esses, 370 (60%) são provenientes de nomes próprios de pessoas. Essa quantidade não é algo específico da localidade, pois as grandes cidades possuem muitas nomeações dessa natureza. Não é apenas em relação aos nomes das ruas que esse fenômeno ocorre. Maria Vicentina de

Paula do Amaral Dick<sup>17</sup>, ao tratar dos nomes do Estado de São Paulo, levantou que, dos 572 da época (número relativo à década de 1980), cerca de 101 são provenientes de nomes de pessoas.

O fato que é incomum na cidade é que um dos nomes próprios de pessoa que passou para nome de rua possui uma questão particular. A normalidade na homenagem é de, ao dar nome às ruas, aparecer o nome de batismo completo (Rua Julieta Soares), às vezes com o agnome (Rua Professor Antonio Queiroz Filho), às vezes com uso de apenas prenome (Rua Silvia), outros casos com o sobrenome (Rua Perrella), entre outras possibilidades.

O léxico da língua (já em função de nome de pessoa) passa para a função de nome de rua respeitando esses e talvez outros padrões. Entretanto, o caso específico é que o nome de batismo, ao mudar de função, tem a inversão do nome. Foi José de Souza Martins quem registrou essa alteração, ao contar sobre a eleição de Serafim Constantino como presidente da União Operária, em 15 de novembro de 1908.

O verdadeiro nome de Serafim Constantino era Constantino Serafini. Acabou sendo consagrado como denominação de rua com o nome invertido em virtude do costume italiano de usar-se, nas designações de pessoas, primeiro o sobrenome e depois o nome.<sup>18</sup>

Constantino Serafini

Serafini Constantino

Serafim Constantino

A imagem acima reflete muito bem o caminho percorrido pelo nome. Constantino Serafini tem seu nome invertido e, ao passar para o nome da rua, além da inversão há uma mudança na grafia.

Por si só a inversão no nome já é algo digno de análise. Porém, a rua em questão é de localização central por ficar ao lado da estação de trem da cidade, tão importante para o desenvolvimento socioeconômico da localidade.

Um logradouro de região central possui um grau de importância maior. Nenhuma homenagem a figuras significativas ocorre em ruas em bairros afastados, sem a expressividade de uma localização central, de grande circulação.

O relato de Martins<sup>19</sup>, além do interesse em olhar para os nomes em busca de um entendimento aprofundado de motivações e circunstâncias de nomeação, foi ponto de partida para aprofundar um pouco os estudos sobre Constantino Serafini. O mapa oficial da cidade deu início

a uma análise, cujo objetivo era conseguir o primeiro registro, nem sempre de fácil localização.

Os livros sobre os mais diversos aspectos da história da cidade e revistas<sup>20</sup> foram de grande valia para a análise, bem como outros jornais digitalizados, visto que o homenageado não esteve restrito ao contexto municipal.

A partir da nomenclatura e considerando os conceitos já expostos no início, um olhar para os nomes comemorativos também foi necessário.

Nomeação comemorativa de ruas é um veículo importante para trazer o passado para o presente, ajudando a tecer a história no tecido geográfico da vida cotidiana. Ruas nomeadas, como qualquer lugar de memória, podem se envolver na política de definir o que é historicamente significativo ou digno de lembrança pública. Estou interessado em nomes de ruas como “arenas memoriais”, espaços públicos para representar as imagens de figuras históricas e debater o significado e a importância relativa dessas figuras para a sociedade contemporânea.<sup>21</sup>

Os nomes comemorativos, como é de fato o que ocorre quando um nome de pessoa é dado a uma determinada localidade, no caso uma rua, é, como defende Alderman<sup>22</sup>, uma arena memorial.

A homenagem a uma pessoa que nunca existiu. Obviamente

essa hipótese merece importantes reflexões. Desde o nome de batismo, passando para o nome de uso e depois para o nome da rua, muitas possibilidades estão presentes. Por isso, vale lembrar quem foi, de fato, Constantino Serafini.

Ademir Medici apresenta registros extremamente importantes, ao trazer uma biografia com informações relevantes.

### **SERAFIM CONSTANTINO (2) (1876-1961)**

O engenheiro químico Serafim Constantino, que assinava Constantino Serafini, foi vereador à Câmara Municipal de São Bernardo em três legislaturas: 1911-13, 1914-16 e 1917-19. Nos dois triênios finais foi secretário da mesa. Um de seus trabalhos registrado em ata ocorreu no triênio 1914-6. No final da gestão do prefeito Alfredo Luiz Flaquer, Constantino apresentou indicação visando a confecção de caixas completas para iluminação a petróleo em São Caetano. Deveria, a Municipalidade, adquirir o número de postes necessários. O prefeito atendeu ao pedido.

Serafim Constantino nasceu na Itália, formou-se engenheiro e mudou-se ainda jovem para o Brasil. Trabalhou de engenheiro na companhia Pamplona, uma das primei-

ras grandes indústrias de São Caetano, estabelecida junto ao atual Bairro Fundação, onde depois seria implantado o complexo fabril Matarazzo. Ele chegou a morar em São Caetano e, aqui, foi presidente da União Operária.

Mais tarde, Constantino atuou na Gordura de Côco Brasil, do grupo Giorgi Picossi. Em determinado período, vinha uma ou duas vezes a São Caetano, pois trabalhava como engenheiro-químico na Gessi-Lever, região de Jundiá.

Nordeman Asêncio, que nasceu em São Caetano, começou a ter amizade com Serafim Constantino entre 1946 e 1952. Lembra que o velho engenheiro já tinha graves problemas de vista, usava óculos grossos, era baixinho, gordo e careca mas mantinha a inteligência e cultura adquiridas ao longo da vida. Asêncio diz que Constantino foi um verdadeiro professor para ele e para o seu pai.

Já então residindo em São Paulo, Serafim Constantino faleceu em 1961. Por decisão direta do então prefeito Anacleto Campanella, seu corpo foi transferido para São Caetano e sepultado no cemitério de Vila Paula, onde jazia sua irmã desde 1952. Constantino era casado com Iole Serafini. O casal não teve filhos.<sup>23</sup>

Ele era, sempre, referenciado pelo nome que está na rua? Pesquisas mostram inúmeras constatações de que o homenageado era conhecido pelo antropônimo de batismo<sup>24</sup>. O periódico *Correio Paulistano*, na edição 17.961, do ano de 1913, registra a chegada de Constantino Serafini ao Brasil. O documento traz a lista de passageiros que chegaram vindos pelo vapor italiano Garibaldi. Ao que parece, trata-se de um regresso de alguma viagem feita para visitar familiares. No mesmo periódico, mas do ano de 1917 (edição 19.638), Constantino aparece na lista de coroas de flores colocadas sobre o caixão de um ilustre italiano falecido (Conde Dall'Aste Brandolin).

No periódico *A Noite*, do Rio de Janeiro (edição 07.163), de 1942, aparece o nome Constantino Serafini como um dos que doaram para a compra de avião (italianos antifascistas). O *Diário da Noite*, de 1961 (edição 11.177), traz informações sobre o falecimento de Constantino Serafini.

O ano de falecimento de Constantino Serafini é 1961. Entretanto, o nome da rua, com a inversão já discutida, é anterior.

A lei nº 289, de 9 de setembro de 1929, assinada pelo então prefeito municipal de São Bernardo, Saladino Cardoso Franco, denomina diversas ruas, constantes em plantas já existentes, entre elas está a Rua Serafim Constantino.

O jornal *A Gazeta Esportiva*, de 1955 (edição 09.214), traz

o endereço como Rua Serafim Constantino em data anterior à data do falecimento do homenageado. O mesmo ocorre com a edição 09.567, do periódico *A Gazeta Esportiva*, de 1957, ou seja, o registro do nome da rua antes do falecimento do homenageado. Registro do nome da rua em *A Gazeta Esportiva*, edição de 1958 (10.048), também antes da morte do homenageado. Com data anterior, o *Correio Paulistano* já conta com o registro do nome da rua em 1942 (edição 26.337). Registro do endereço em 1947 no *Jornal de Notícias*, de São Paulo, na edição 378. Um dos mais antigos ou o mais antigo (que é o mesmo ano da lei citada) registro é de 1929, em *A Cigarra*, de São Paulo, na edição 347. Outro documento bastante importante é o *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, de 19 de abril de 1932. Ao tratar de desapropriação de terreno para retificação da Rua Amazonas, cita-se o nome da Rua Serafim Constantino.

Constantino Serafini possui inúmeros registros com seu nome de batismo, entretanto, o nome da rua, cuja data de nomeação é anterior à de seu falecimento, mesmo sem lei que proibisse isso (a lei que proíbe dar nomes aos lugares de pessoas ainda vivas é mais recente), seria uma saída para usar nome de alguém ainda vivo ou apenas uma homenagem a um cidadão ilustre que viveu na cidade e muito trabalhou por ela?

A resposta é menos importante do que a reflexão: Serafim Constantino, nome que está na placa da rua é uma homenagem a quem existiu de fato: Serafini Constantino, nome que, como já evidenciado, tem origem etimológica ilustre (constante, persistente, sublime), para uma pessoa de mesmo gabarito para a cidade e cuja rua que o homenageia está, também, em local extremamente importante.

O exercício de recuperar a história é salutar para, ao olharmos para o local, irmos além do referencial espacial, para que possamos vivenciar memória(s). ■

#### NOTAS

<sup>1</sup> Cf. ISQUERDO, Aparecida Negri Isquerdo. In: Prefácio. AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. Nomes próprios de pessoa: introdução à antropônimo brasileira. São Paulo: Blucher, 2020, p. 10.

<sup>2</sup> *Ibidem*

<sup>3</sup> *Ibidem*

<sup>4</sup> A própria revista *Raízes* trouxe, em sua edição 67, informações sobre a homenagem a quem nunca existiu.

<sup>5</sup> GUERIOS, Rosário Farani Mansur. Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes. São Paulo: Editora Ave Maria, 1981. As entradas utilizadas estão nas páginas 95, 224 e 225 da obra citada.

<sup>6</sup> BAER, Alejandro. La memoria social. Breve guía para perplejos. In: SUCASAS, Alberto (ed.): Memoria, política, justicia. Madrid: Trotta, p. 131-148.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 121. A memória é um conceito de larga data na cultura, que encontramos em gregos e romanos, associado às ideias de rememoração e memorização.

<sup>8</sup> HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

<sup>9</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993, p.13.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>11</sup> POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989, p. 9.

<sup>12</sup> LE GOFF, Jacques. História e Memória. 7ª ed. Revista. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

<sup>13</sup> CARVALHINHOS, Patrícia. 2022. Topônimo monumento, herança imaterial em São Paulo (Brasil). Combatendo o apagamento toponímico. Apropos [Perspektiven auf die Romania] 8/2022, 14-30. doi: <https://doi.org/10.15460/aapropos.8.1928>.

<sup>14</sup> HALBWACHS, Maurice, op. cit.

<sup>15</sup> NORA, Pierre, op. cit.

<sup>16</sup> LE GOFF, Jacques, op. cit., p. 486.

<sup>17</sup> DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

<sup>18</sup> MARTINS, José de Souza. Subúrbio. Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano do Sul do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul, SP: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, p. 198.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> A publicação semestral da revista *Raízes* tem sido de grande importância para as pesquisas sobre a cidade de São Caetano do Sul.

<sup>21</sup> ALDERMAN, Derek H. 2002. Street Names as Memorial Arenas: The Reputational Politics of Commemorating Martin Luther King Jr. In a Georgia County. *Historical Geography* 30: 99-120, p. 99.

<sup>22</sup> *Ibidem*, op. cit.

<sup>23</sup> MEDICI, Ademir. Os primeiros representantes políticos de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 17, p. 5-14, jul. 1998, p. 6.

<sup>24</sup> Há registros do nome também como Seraphim Constantino.

Virgílio Antiequeira é graduado em Letras pela Fundação Santo André, mestre em Letras, pelo Programa de Linguística (USP), e doutorando em Letras, pelo Programa de Filologia e Língua Portuguesa (USP). Pesquisa relações entre as nomeações dos lugares e fatores históricos, político-ideológicos sob a perspectiva da toponímia crítica.

Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade. Os documentos e objetos doados são incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico Municipal

## Acervo Morisa Garbelotto



Prédio da entrada social do São Caetano Esporte Clube. Parte do complexo esportivo do clube foi inaugurada em 27 de abril de 1968, na Rua Ceará, no Bairro da Fundação. A sede está no mesmo local até os dias atuais



Carteirinha de membro da diretoria de Oscar Garbelotto, como presidente do conselho deliberativo no início da década de 1980. Garbelotto foi atleta militante do clube de 1948 a 1955 e integrou a diretoria por diversas gestões



Uma das piscinas do São Caetano Esporte Clube em foto da década de 1960

# O FESTIVAL DE TERÇA-FEIRA

O dia do Trabalho será condignamente festejado em São Caetano. — O grandioso festival artístico-esportivo terá lugar nesse dia. — As pugnas esportivas, os concorrentes, os premios, os juizes. — O espectáculo no "Central" pelos amadores do Gremio Ideal e a demonstração de Athletismo. — A adhesão de todos os clubes locaes.

Vae pelo nosso mundo esportivo uma verdadeira azafama e um verdadeiro entusiasmo pelo festival de terça-feira, 1.º de Maio, em beneficio dos cofres sociaes da S. B. Internacional União Operaria de S. Caetano e em homenagem á data do Trabalho. Não ha esportista que não se exercite bastante para as competições, pelo menos na "torcida"... É esta, para coroar de exito as provas, tem sido já de grande e intenso movimento, não faltando as apostas dos mais "valientes"...

O festival que terá inicio ás 13 horas no campo do São Caetano E. C., gentilmente cedido pela sua digna Directoria, constará do seguinte programma:

## 1.a PARTE

- 1.º — Corrida de 100 metros "Velocidade" (Medalhas de bronze, 1.º e 2.º lugar).
- 2.º — Pulo em distancia sem impulso e pulo em distancia com impulso (Medalha de bronze ao 1.º collocado).
- 3.º — Corrida de bicycleta 100 metros, será premiado o concorrente que chegar em ultimo lugar. (Medalha de prata ao ultimo collocado).
- 4.º — Jogo de Futebol (11 medalhas).
- 5.º — Corrida em obstaculos, 700 metros. (Medalha de bronze, 1.º e 2.º lugar).
- 6.º — Cabo de Guerra (7 medalhas de prata).
- 7.º — Jogo de Futebol (11 medalhas de prata).

8.º — Corrida de resistencia 5.000 metros (medalha de prata com orlas ao 1.º lugar, prata ao 2.º, bronze ao 3.º).

## 2.a PARTE "ARTISTICA"

Às 20 1/2 horas — Cinema Central Pelo corpo scenico do G. I. R. "Ideal" gentilmente cedido pela sua digna directoria, será levado á scena o grande drama em 3 actos, intitulado:

## O ESPECTRO DO PASSADO

Em que tomarão parte os seguintes amadores:

### Distribuição:

São Marcos (Velho capitão de navio), A. Galleazzi.  
Gastão (Mordomo) ou Visconde da Praia, O. Tegão.  
Maximo (Velho criado de São Marcos), J. Costa.  
Conde de Parede, A. Veronesi.  
André (Sobrinho de São Marcos), M. Menin.  
Pedro (Sobrinho de São Marcos), L. Infantí.  
Paulo (Tabellão de São Marcos), J. Barile.  
Margarida "Neta São Marcos", Sra. I. Rutigliani.

## 3.a PARTE

Finalizará o festival com uma demonstração de Athletismo pelo apreciado corpo de Athletas do CIRCO ITALIANO.

Abrilhanará o festival o Jazz-band "Ideal", cedido pela sua digna directoria.

## CURIOSIDADES

# Um grandioso festival artístico-esportivo

Manchete do texto do *S. Caetano Jornal* (edição de 29 de abril de 1928) que divulgou o evento comemorativo do Dia do Trabalho

tivos diversos, como "corrida de 100 metros", "pulo em distância (com e sem impulso)", "jogo de futebol", "corrida em obstáculos (700 metros)", "cabo de guerra", "corrida de resistência (5.000 metros) e corrida de bicycleta (100 metros)". O fato curioso (e nada convencional) ficou por conta da premiação oferecida nessa corrida ciclística: uma medalha de prata ao participante que chegasse em último lugar!

A despeito da inovação anunciada, à segunda parte do "grandioso festival" não foi reservada nenhuma surpresa, nada que pudesse, digamos assim, gerar espanto ou estranheza. De acordo com o que informara o jornal, o grupo cênico do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal (muito famoso na época) se encarregaria da apresentação da peça teatral *O espectro do passado*, programada para iniciar às 20h30 no palco do Cine Central. Integraram o elenco desse "grande drama em três atos" nomes consagrados da arte dramática de São Caetano, como Octavio Tegão, Adriano Galleazzi, Mário Menin, José Costa, João Barile, entre outros.

Por fim, o *S. Caetano Jornal* deixou registrada a participação "do corpo de atletas do Circo Italiano", o qual teria a responsabilidade de finalizar o aclamado festival artístico-esportivo "com uma demonstração de atletismo".

Pelo que foi apresentado nas linhas acima, é possível concluir que a comemoração daquele 1º de maio de 1928 no então distrito de São Caetano revestiu-se de um espírito bastante festivo, que, aliado aos significados políticos e cívicos que cercam a data e a própria tradição comemorativa como um todo, deve ter ocupado um lugar muito especial nas lembranças daqueles que foram testemunhas ou personagens da comemoração. ■

"O DIA DO TRABALHO será condignamente festejado em São Caetano". Com estas palavras, o *S. Caetano Jornal* abria espaço em suas páginas para divulgar a programação que marcaria a comemoração da referida data na localidade no longínquo ano de 1928.

Organizada com o propósito de também arrecadar fundos para a Sociedade Beneficente Internacional União Operária, tal programação compreendeu um "grandioso festival artístico-esportivo", previsto para iniciar às 13h do dia 1º de maio no campo do São Caetano Esporte Clube, então situado na Rua 28 de Julho. Essa primeira parte da programação contou com eventos espor-

# O Semeador 50 anos

## Vida, amor, fé e prática



 Eliete Garcia de Souza

A ESCOLA METODISTA de Educação Especial O Semeador nasceu da necessidade eminente de uma das irmãs da comunidade metodista em São Caetano do Sul. O seu nome: Odete do Nascimento Filliettaz.

Certa vez, compartilhando sua história de vida, ela disse: “quero contar sobre a alegria de ter dois filhos excepcionais”. Seu primeiro filho, Waldyr Jr., nasceu com uma grave deficiência intelectual. Três anos depois, nasceu Pierre com o mesmo diagnóstico.

Para ela, os filhos sempre foram motivos de alegria em sua vida e estímulo para ações que transformariam outras vidas. “Eu gostaria de escrever um livro sobre a alegria de ter dois filhos excepcionais, do prazer que é vê-los desabrochar, de aprender quando parecia não haver possibilidades. Minha vida é feliz”, dizia ela. Infelizmente, não conseguiu escrever o livro.

Odete encarou vários desafios e aprendeu a transformar necessidades em oportunidades. Alguns anos depois, ela ainda teve outros dois filhos: Igor e Elyze, crianças típicas. Hoje, Odete e Pierre não estão mais conosco, faleceram em julho de 2020, vítimas da Covid-19. Waldyr Jr. completou 66 anos no último dia 30 de setembro.

**Semeando amor em terreno fértil** - No início dos anos 1970, Odete Filliettaz enfrentava dificuldades no cuidado de seus filhos Waldyr e Pierre, que, aos 18 e 15 anos de idade, já não poderiam ser assistidos pelas instituições escolares especializadas da época, pois elas desligavam seus alunos a partir dos 15 anos. Pierre, naquele momento, passava por um sério problema dentário e não havia quem o tratasse. “Os dentistas tinham medo de tratar crianças excepcionais. Naquela época, ainda estava em formação a Sociedade Brasileira de Odontologia para Excepcionais”, contou a saudosa Odete em uma entrevista à revista *Raízes* no ano de 1994.

Então, ela expôs seu problema para a Sociedade de Mulheres da Igreja Metodista em São Caetano do Sul, sendo acolhida por suas irmãs de fé, que decidiram concentrar todos os esforços disponíveis para melhorar a qualidade de vida e o bem-estar não apenas dos filhos dela, mas também de todas as pessoas que enfrentavam desafios de deficiência intelectual e que pudessem ser alcançadas.

E, no dia 15 de novembro de 1974, num concílio local histórico, a Associação Metodista de Ação Social de São Caetano (Amas), organização beneficente sem fins lucrativos, decidiu, colocando em prática seu compromisso missionário, dedicar-se, exclusivamente, ao trabalho com pessoas atípicas. Foi o plantio de uma boa semente que, plantada em terreno fértil, iria vingar e dar muitos frutos.



Alunos, professores e equipe da escola reunidos na quadra em foto de 2023

**50 anos de história** - O ano de 2024 é um ano marcante para a Escola Metodista de Educação Especial O Semeador, visto que a instituição está completando 50 anos de fundação. A Amas, sua mantenedora, é uma organização da sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, com atuação nas áreas de educação e assistência social primando pela garantia e defesa dos direitos das pessoas com deficiência e suas famílias desde 15 de novembro de 1974, ininterruptamente. Durante muitos anos, a Escola O Semeador funcionou nas dependências da Igreja Metodista, situada na Rua Amazonas, nº 1441.

No início da década de 1970, Odete apresentou em seu coração o desejo de promover a educação especial nas instalações da própria igreja. Foi um trabalho de formiguinha que, em 1974, tornou-se realidade. A princípio, foi organizada uma sala onde eram ministradas aulas informais. Havia também uma grande demanda na área odontológica. Por meio da doação de equipamentos e o trabalho profissional de um dentista voluntário, Edson de Souza Marques, membro da igreja, foi estruturado um consultório com o objetivo de atender as pes-

No início da década de 1970, Odete apresentou em seu coração o desejo de promover a educação especial nas instalações da própria igreja. Foi um trabalho de formiguinha que, em 1974, tornou-se realidade.

soas com deficiência intelectual.

Nos anos seguintes, o trabalho se tornou conhecido, e mais famílias procuraram a comunidade a fim de matricular seus filhos. Foram, então, organizadas salas de aulas regulares e recreação, ainda nas dependências da igreja.

Com o crescimento do projeto, Odete, que era professora e coordenadora desse trabalho, desafiou seus irmãos e irmãs de fé a fundarem uma escola de educação especial. Inspirada na parábola do semeador, que fala do semear a boa semente em terreno fértil, que, em outras palavras, seria o semear as boas práticas do Evangelho junto a todos que desejassem recebê-la, o projeto educacional recebeu o nome de O Semeador.

Em 1980, o reverendo Jether Ernesto Cardoso levantou a bandeira da construção de uma sede própria para a escola, já que o projeto havia crescido muito, e esse era o desejo da igreja, especialmente de Odete. Buscaram pela cidade terrenos ociosos, sendo encontrada uma área na Rua dos Meninos, no Bairro Mauá. Essa área, com 2.066 metros quadrados, pertencia à Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, que, no mandato do então prefeito Raimundo da Cunha Leite (1977-1982), cedeu-a, em regime de comodato, para a construção da sede. Vários prefeitos passaram pela administração do município, e todos

eles renovaram o comodato com grande alegria e gratidão pelo trabalho realizado. Em 2022, no quarto mandato do prefeito José Auricchio Júnior, a instituição recebeu a Cessão de Uso por Prazo Indeterminado.

Com o terreno disponível, o foco passou a ser a construção da sede. O empenho do reverendo Josias Pereira foi extremamente importante para o levantamento de verbas, movimentando, durante vários anos, campanhas na igreja e fora dela, além do reverendo Nelson Luís Campos Leite, hoje bispo emérito, que, acionando igrejas metodistas nos Estados Unidos e Alemanha, conseguiu doações vultuosas em dinheiro revertidas na íntegra para esse fim.

O complexo escolar foi inaugurado em 1987 com atendimento na área da saúde, por meio do segmento odontológico, e nas áreas da educação e assistência social no trabalho do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Trazemos à memória trecho de uma entrevista concedida por Odete Fillietaz há mais de 30 anos: “A criança deficiente vai crescer e se tornar adulta. Terá cabelos brancos e, muito provavelmente, terá que enfrentar a vida sozinha, depois que seus pais se forem. É preciso que possamos dar a eles muito mais do que uma aula escolar. Temos que pensar no seu futuro e ensiná-los a prática de algum tipo de

trabalho”. Com esse pensamento, na época, O Semeador, além da educação e assistência social, passou a realizar seu trabalho com vistas à orientação profissional, em que os alunos preenchiam seu tempo, ganhavam uma ocupação e se sentiam úteis na execução de um trabalho que, acreditava-se, daria a eles condições de se manterem. Divididos em grupos, realizavam trabalhos de fabricação de vassouras e de flores ornamentais, de empacotamento de giz de cera, de confecção de cartões de felicitações e de pintura de material em gesso. Alguns assistidos com deficiência mais leve foram encaminhados ao mercado de trabalho formal.

Por um período, a escola funcionou em período integral, das 8h às 17h. Nesse tempo, os assistidos estudavam um período e trabalhavam no contraturno recebendo seu salário para tal função. Praticavam educação física, eram incentivados a desenvolver seu lado artístico, participavam de excursões pedagógicas e também tinham momentos de lazer. Além disso, recebiam tratamento odontológico periódico.

O apoio financeiro para a manutenção do projeto vinha por meio de convênios firmados, tanto em nível municipal, estadual e federal quanto externamente com outros países, como é o caso das igrejas metodistas da Alemanha e Estados Unidos, que financiaram a ampliação da escola.

Com o crescimento do projeto, Odete, que era professora e coordenadora desse trabalho, desafiou seus irmãos e irmãs de fé a fundarem uma escola de educação especial. Inspirada na parábola do sementeiro, que fala do semear a boa semente em terreno fértil, que, em outras palavras, seria o semear as boas práticas do Evangelho junto a todos que desejassem recebê-la, o projeto educacional recebeu o nome de O Semeador.



Alunos participam de festa junina da escola. Foto de 2024

A professora Odete definia a finalidade principal da escola - sua ação de resgatar esse indivíduo discriminado e devolvê-lo adaptado à sociedade - não como um “fardo”, mas como uma proposta que concebia o assistido como um cidadão que é responsável, produtivo e bem-aceito, apesar de suas limitações.

Hoje, O Semeador já não presta atendimento odontológico e nem oferece as oficinas para inclusão no mercado de trabalho, uma vez que as necessidades são outras. Leis e decretos foram criados a favor das pessoas com deficiência e, com isso, as famílias têm acesso a esses benefícios.

Nas salas de O Semeador, atualmente, é oferecido Atendimento Educacional Especializado e programa socioassistencial primando pela socialização, fortalecimento de vínculos e autonomia.

A Escola Metodista de Educação Especial O Semeador foi edificada com capacidade para atender 150 alunos em dois turnos. Em 2002, devido à demanda, iniciou-se um atendimento diferenciado a alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Atualmente, a escola oferece atendimento educacional especializado para crianças de 4 e 5 anos na educação infantil, e de 6 a 18 anos no ensino fundamental (1º ao 5º ano). Oferece também um programa socioassistencial para pessoas a partir de 18 anos, sem limite superior de idade. É o projeto *Semear*, que atende pessoas num trabalho de convivência, fortalecimento de vínculos e desenvolvimento da autonomia. Hoje a instituição atende 104 pessoas com as mais diversas deficiências: física, intelectual, auditiva, visual, múltiplas deficiências e TEA.



Atendimento odontológico foi a primeira atividade de O Semeador

Acervo/O Semeador



Empacotamento de giz de cera: trabalho visando à orientação profissional

Acervo/O Semeador



Alunos em oficina: desenvolvendo lado artístico

Nesses 50 anos, muitas situações desafiadoras surgiram, porém muitas conquistas foram alcançadas como a construção do seu complexo educacional e a ampliação e aprimoramento dos serviços prestados nas áreas de educação e assistência social a dezenas de pessoas com deficiência a partir de 4 anos de idade, passando por toda a infância, adolescência, juventude, maturidade até a senilidade.

A instituição conta com espaço físico de 2.066 metros quadrados, onde seus assistidos participam de atividades como informática, artes, musicalização, expressão corporal, dança, karatê, circo, cinoterapia, atividades da vida diária e prática, construção de valores, projeto de vida e atividades físicas a fim de proporcionar-lhes convívio, qualidade de vida e um envelhecimento saudável.

Além do atendimento direto a pessoas com deficiência, a Escola Metodista de Educação Especial O Semeador presta serviço às famílias, tendo uma ação transformadora na história de vida das pessoas com deficiência, seus familiares e todos que, de alguma forma, entram em contato com a instituição, que, assim, expressa sua firme caminhada de dedicação, comprometimento e respeito a todos que um dia adentraram seu espaço, os que hoje se fazem presentes e aos que futuramente farão parte dessa história.

O recurso proveniente para a prestação de serviço com excelência vem de Termos de Colaboração com a Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul por meio da Secretaria Municipal de Educação (Seeduc), da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência ou com Mobilidade Reduzida (Sedef) e da Secretaria Municipal de Assistência e Inclusão Social (Seais). A escola ainda possui Termo de Colaboração com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE).

Fachada da Escola Metodista de Educação Especial O Semeador. Foto de 2023



Outro recurso importante vem também do governo do Estado por meio do programa Nota Fiscal Paulista, em que parte dos impostos é revertida para instituições de assistência social. O trabalho é realizado “boca a boca” no convencimento das pessoas se cadastrarem no site, manifestando-se como doadoras automáticas e favorecendo a escola por meio do seu CNPJ. Realizamos ainda o trabalho de pedir cupons fiscais sem CPF nos comércios para depois cadastrá-los no CNPJ da escola, assim, parte do imposto também retorna para a instituição.

O cinquentenário da Escola Metodista de Educação Especial O Semeador traz a experiência da caminhada e a validação para um futuro promissor, pautado nas parcerias públicas, privadas e individuais de pessoas sensíveis à causa das PCD e que fazem toda a diferença no dia a dia da instituição.

**Nossas gestoras** - Nesses 50 anos de história, várias professoras contribuíram com o seu trabalho na gestão da unidade educacional: Odete do Nascimento Filliettaz; Leni Bittencourt Pereira; Célia Regina Monteiro; Magda Martinez César; Maria das Graças Pereira Campos; Rosicler Ribeiro dos Passos; e Eliete Garcia de Souza.

**Equipe gestora atual** - Eliete Garcia de Souza (diretora); Nanci Arjoni Meira (assistente administrativo); Ana Lúcia Vitali (coordenadora pedagógica); Luciana Maria Sanches dos Santos (assistente social); Milena de Faria Trigo Pelegatti (fonoaudióloga); Nadine Fontanelli Silvestre (terapeuta ocupacional); Vinícius José de Barros Frederico (psicólogo). Participa também da gestão, de forma indireta, a diretoria executiva, composta por Elisabeth Chiroto (presidente); Alfredo Egydio

Eleutério Trindade (tesoureiro); Mara Regina Rodrigues Barbosa Trindade (secretária); e Nadir Cristiano de Carvalho (pastor).

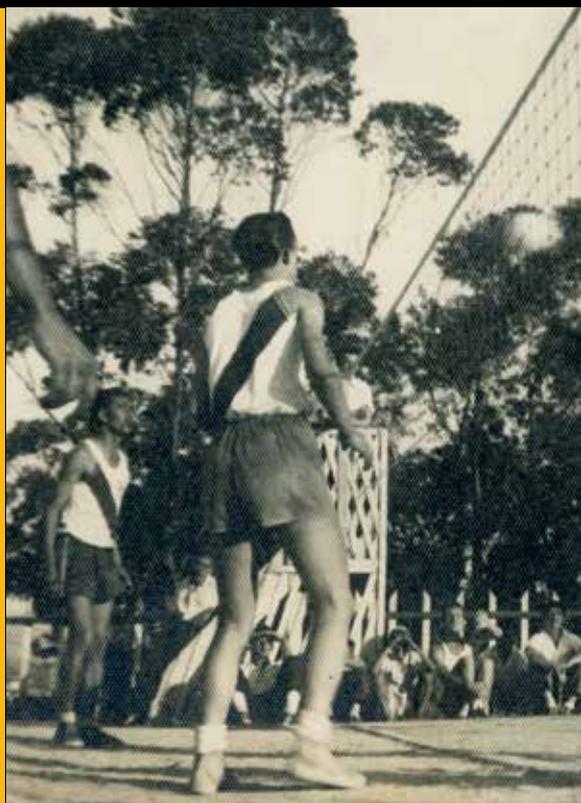
**Convite final** - Faça parte dessa história - Seja um Semeador/Voluntário. Seja um Semeador/Doador. O voluntariado permite que você se conecte com sua comunidade, construa amizades significativas, adquira novas habilidades e desenvolva um profundo senso de propósito. Doar seu tempo, seu sorriso, seu amor, seu carinho, sua disposição, seu trabalho e seus recursos para alegrar o outro, para fazer feliz, para ser útil, não tem preço. Cada ato de voluntariado, por menor que seja, contribui para um mundo melhor. Então, venha fazer parte desse time. ■

---

Eliete Garcia de Souza é diretora da Escola Metodista de Educação Especial O Semeador.

# O Clube Atlético Centenário

☰ Cristina Toledo de Carvalho



A DÉCADA DE 1950 mostrou-se promissora para o cenário esportivo da cidade, sobretudo em razão da autonomia política obtida por São Caetano em 1948, episódio que reverberou na vida local como um todo. O entusiasmo reinante no recém-criado município sul-são-caetanense, após um período de subordinação a Santo André, cuja vigência iniciara-se em janeiro de 1939, transformou-se em iniciativas que alavancaram a sociedade e criaram condição para o cultivo de um forte sentimento identitário nela, passando os seus integrantes a se reconhecerem como parte de uma localidade autônoma.

Tais iniciativas não procederam apenas da municipalidade,

sendo também observadas no âmbito particular. No tocante à prática esportiva, isso ficou bastante evidenciado tanto por meio da Comissão Municipal de Esportes, entidade destinada à promoção do desporto dentro da esfera da política pública, quanto a partir de clubes, que, com os seus departamentos e seções, dedicavam-se a várias modalidades.

Algumas dessas agremiações despontaram na cena esportiva local nos anos 1950, como o Clube de Xadrez de São Caetano do Sul (retratado em artigo publicado na edição 68 de *Raízes*), o Unidos Vôlei Clube e o Clube Atlético Centenário. O ponto de semelhança entre eles reside no fato de terem sido

Flagrante de um jogo disputado entre o Clube Atlético Centenário e o Real Unidos (equipe da Vila Carrão, São Paulo) na quadra do adversário, em 1954

Jogadores do Centenário em foto tirada no dia da partida realizada contra o Real, em 1954, no início da trajetória da agremiação do Bairro da Fundação. Em pé, a partir da esquerda, Stefan Wolyneć, Oswaldo José Lodi, Lino Palmerino Cheschin e Waldir Gallo. Agachados, a partir da esquerda, Ronaldo Perrella, Oscar Garbelotto e Nelson de Paula



criados com a finalidade da difusão exclusiva de modalidades esportivas distintas do futebol, carro-chefe da maioria dos demais clubes citadinos da época. Ressalte-se, aliás, que o olhar da imprensa no período passou a recair também sobre esportes como a bocha, a malha, o pedestrianismo e o tênis. Segundo o *Jornal de São Caetano*, um “grupo de entusiastas” vinha se articulando, em junho de 1955, “em prol da fundação de um tênis-club” na cidade, cuja “instalação de sua praça de esportes” estava prevista para a Vila Gerty.<sup>1</sup>

Entre as modalidades que se projetaram nesse contexto, o voleibol ganhou destaque especial, em virtude de ter reunido em

torno de si alguns clubes que o tinham como a sua razão de ser, como o Dnipro, o Unidos Vôlei Clube e o próprio Clube Atlético Centenário (esses dois últimos fundados, respectivamente, em 29 de junho de 1952 e em 25 de outubro de 1953).

Já abordado nesta revista, mais precisamente em seu número 22, de dezembro de 2000, o Unidos Vôlei Clube abre espaço, neste artigo, ao seu contemporâneo e rival, Clube Atlético Centenário, um dos protagonistas da cena esportiva de São Caetano do Sul na década de 1950. Nas páginas a seguir, serão apresentados aspectos da história dessa agremiação que teve a sua caminhada trilhada no

Bairro da Fundação, com ênfase em seus principais personagens e episódios revelados pelas atas das reuniões realizadas entre 1953 e 1956. Fontes primárias preciosas, tais atas pertenciam ao acervo pessoal de Oscar Garbelotto (que, a partir de julho de 1954, assumiu o posto de diretor esportivo do clube, então ocupado por Stefan Wolyneć) e hoje fazem parte do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, graças à doação efetuada por sua filha Morisa Garbelotto, em julho deste ano.

**História** – No dia 31 de outubro de 1953, seis dias após a sua fundação, o Clube Atlético Cen-



Membros do clube em um dos piqueniques promovidos para a arrecadação de fundos. A partir da esquerda, André Leoni Neto, Ronaldo Perrella, Oscar Garbelotto, Nelson de Paula, Antônio Bortoletto, Darci R. Prado, Gilberto Bueno e Martinho de Gouveia

tenário teve a sua primeira diretoria escolhida em uma reunião. Estes foram os nomes aceitos, por unanimidade, na ocasião: Presidente: Ronaldo Perrella; Vice-presidente: Oswaldo José Lodi; 1º Secretário: Antônio Perrella; 2º Secretário: Tarcísio Waldemar de Souza; 1º Tesoureiro: Nelson de Paula; 2º Tesoureiro: Waldir Gallo; Diretor de patrimônio: Lino Palmerino Cheschin; Conselheiros: Nelson Dardim, Roberto Basso, Sílvio Luluski e Dirço Perrella.

Já em 19 de dezembro daquele ano de 1953, foi realizada, na quadra do General Motors Esporte Clube, a primeira partida da novata agremiação. Ainda no mês de dezembro, mais precisamente no dia 28, a diretoria

do Clube Atlético Centenário aprovou a organização de um campeonato interno a ser disputado em dois turnos, a partir do dia 17 de janeiro de 1954, entre 20 componentes de seu quadro de associados, divididos em três turmas: branca, preta e vermelha. Mais detalhes sobre o assunto foram registrados minuciosamente, como exposto abaixo:

O campeonato (...) será iniciado no dia 17 de janeiro de 1954 (...), sendo disputado um jogo por domingo (...). Para efeito de classificação, serão disputados cinco sets por jogo, obedecendo o mesmo o critério de pontos perdidos, valendo um ponto para cada set jogado. Cada turma se fará representar com um mínimo de quatro joga-

dores, e a turma que não satisfizer esse requisito perderá os pontos em favor do adversário.

Foram ainda escalados juizes e representantes para os jogos, sendo que, para representantes, os senhores Martinho de Gouveia, Ronaldo Perrella (e) Nelson de Paula, e, para juizes, os senhores Lino Palmerino Cheschin, João Gilberto Pinto (e) Stefan Wolynec.<sup>2</sup>

Vencido pela turma branca, formada por Stefan Wolyneec, Roberto R. Prado, Oswaldo José Lodi, Nelson de Paula, Tarcísio W. Souza e Dirço Perrella, o campeonato interno teve o seu encerramento festejado, tendo, para tanto, sido aprovada a quantia de 300 cruzeiros para o custeio do evento.<sup>3</sup>

O ano de 1954 foi um marco para o clube, pois registrara a sua primeira participação no campeonato municipal de voleibol promovido pela Comissão de Esportes da prefeitura e iniciado no mês de maio daquele ano. Antes, porém, da participação em tal campeonato, o Clube Atlético Centenário marcou presença, em abril, em um quadrangular disputado pelo Grêmio São Miguel, Real Unidos e Unidos Vôlei Clube. Embora não divulgado nos registros oficiais da agremiação o vencedor do mencionado quadrangular, percebe-se que esse pequeno torneio despertara a simpatia do Centenário, que se comprometeu a organizá-lo a partir de 1955, conforme decisão tomada por sua diretoria e registrada em ata.<sup>4</sup> E isso se verificou no dia 1º de maio daquele ano. Para essa edição do torneio havia sido prevista ainda a participação das equipes femininas dos três times visitantes. Ressalte-se que o assunto referente à organização de um plantel feminino no clube só se tornou objeto de discussões nos bastidores de sua diretoria durante a reunião de 3 de julho de 1954, ocasião na qual João Gilberto Pinto recebera a incumbência de cuidar do assunto em pauta.<sup>5</sup>

Além da participação no campeonato que era promovido pela Comissão Municipal de

**O ano de 1954 foi um marco para o clube, pois registrara a sua primeira participação no campeonato municipal de voleibol promovido pela Comissão de Esportes da prefeitura e iniciado no mês de maio daquele ano.**

Esportes, o Clube Atlético Centenário teve bastante assiduidade em jogos amistosos, o que evidencia o bom relacionamento mantido pela agremiação junto a equipes da cidade e de outras regiões, como o Clube dos Rapazes nº 1, do Parque Dom Pedro II, contra o qual disputou, “em quadra adversária”, uma partida no dia 7 de dezembro de 1955.<sup>6</sup> Um outro jogo amistoso foi previsto para o dia 11 daquele mês, sendo, para tanto, convidado o Dnipro Clube, agremiação também de São Caetano. A quadra do Centenário foi o local escolhido para esse *derby* do vôlei sul-são-caetanense.<sup>7</sup>

As discussões realizadas pela diretoria em 1956 no tocante à contratação de um técnico sugerem o crescimento da equipe e a necessidade de um respaldo abalizado em face dos desafios que vinham então sendo abraçados pela agremiação. De acordo com os registros a respeito, o nome cotado para assumir o posto era o de Magio.<sup>8</sup>

Outro episódio que aponta para o fortalecimento do clube foi o relativo à criação do cargo de diretor-adjunto no dia 15 de fevereiro daquele ano de 1956. Conforme justificado pela própria diretoria na ocasião, a ideia era criar cada vez mais condição para a elevação do nome do clube<sup>9</sup>, que, na época, estava sob a presidência de Oscar Garbelotto.

Tal decisão reflete o projeto de expansão que vinha sendo sonhado nos bastidores do Centenário desde 1954, antes mesmo da comemoração de seu primeiro aniversário. Na esteira desse sonho, figuram os seguintes fatos: 1) formação do departamento de atletismo em 7 de agosto de 1954, tendo em vista a sua precoce estreia já no dia 15 do referido mês, na “Corrida São Caetano do Sul”<sup>10</sup>; 2) criação, em 23 de janeiro de 1955, do departamento de xadrez, a cargo de Stefan Wolynek<sup>11</sup>; e 3) discussões iniciadas em 1º de fevereiro de 1956 sobre a construção de uma quadra de “bola ao cesto”<sup>12</sup>.

Jogadores de um dos plantéis apresentados pelo Clube Atlético Centenário no decorrer de uma década de atividades. Foto dos anos 1950



Para um clube que nascera sob o objetivo de promover a prática do voleibol (intento no qual, diga-se de passagem, obteve êxito, chegando a disputar, naquele ano de 1956, o Campeonato Paulista da Segunda Divisão), o Clube Atlético Centenário conseguiu ultrapassar os seus limites iniciais já no começo de sua saudosa trajetória de uma década. Embora com uma caminhada breve, a agremiação a agremiação inscreveu o seu nome no cenário esportivo sul-são-caetaneense em um período em que promover modalidades distintas do já hegemônico futebol era um ato de coragem e de ousadia.

Aos abnegados do Centenário dedico este singelo texto. Que os registros aqui apresentados possam também chegar aos que não testemunharam o clube, servindo-lhes de cartão de visita e de estímulo para o abarcamento de memórias que integram a vida dessa simpática<sup>13</sup> instituição esportiva do Bairro da Fundação. ■

Equipe do Centenário no ataque durante um dos jogos disputados ao longo de sua trajetória



#### NOTAS

<sup>1</sup> JORNAL DE SÃO CAETANO, São Caetano do Sul, ano IX, n. 531, última página.

<sup>2</sup> CLUBE ATLÉTICO CENTENÁRIO, Ata, São Caetano do Sul, 28 dez. 1953.

<sup>3</sup> Idem, Ata, São Caetano do Sul, 20 mar. 1954.

<sup>4</sup> Idem, Ata, São Caetano do Sul, 1 mai. 1954.

<sup>5</sup> Idem, Ata, São Caetano do Sul, 3 jul. 1954.

<sup>6</sup> Idem, Ata, São Caetano do Sul, 4 dez. 1955.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Idem, Ata, São Caetano do Sul, 18 jan. 1956.

<sup>9</sup> Idem, Ata, São Caetano do Sul, 15 fev. 1956.

<sup>10</sup> Idem, Ata, São Caetano do Sul, 7 ago. 1954.

<sup>11</sup> Idem, Ata, São Caetano do Sul, 23 jan. 1955.

<sup>12</sup> Idem, Ata, São Caetano do Sul, 1 fev. 1956.

<sup>13</sup> O adjetivo em questão foi destacado em razão de o Centenário ter sido reconhecido como o "Clube mais simpático" por dirigentes esportivos de São Paulo.

Cristina Toledo de Carvalho

é historiadora, mestre e doutora em História Social pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, lançado pela Fundação Pró-Memória em 2015, e de mais de 60 artigos publicados na revista *Raízes*, além de integrante de sua Comissão Editorial.

# Rezar, festejar e auxiliar: as missões da Irmandade de São Caetano

 Humberto Pastore

QUANDO SE FALA das primeiras sociedades surgidas ainda no antigo Núcleo Colonial de São Caetano, dois nomes se destacam: a Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe Di Napoli e a Sociedade Beneficente Internacional União Operária, mas tem uma terceira, nascida até antes e sobre a qual pouco se fala. É a Irmandade de São Caetano, que, se ainda existisse, estaria comemorando, em 2024, 145 anos.

Dois momentos definem o seu nascimento. No dia 8 de maio de 1879, o compromisso da nova entidade foi aprovado pelo então bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues

de Carvalho, mas foi somente no dia 28 de junho daquele ano que o ato de sua criação foi sancionado por um funcionário da Secretaria do Governo de São Paulo. Como vemos, depois da provisão autorizada pelo bispo.

A primeira diretoria, formada por seus fundadores, era composta por Celeste Pantallo, Gaetano Garbelotto, Francesco Coppini, Giuseppe Ferrari e Giovanni Peruch. Da entidade faziam parte ainda famílias residentes em São Paulo, e era seu membro nato o pároco do Brás. Segundo José de Souza Martins, em seu livro *Subúr-*

*bio*, na página 182, “além da tutela do pároco do Brás, a Irmandade de São Caetano se sujeitava ao Juiz das Capelas, uma autoridade civil e laica que examinava as contas das confrarias religiosas”.

As atividades da Irmandade eram de cunho religioso e social. Tinha por missão fazer valer no calendário da igreja a Festa de São Caetano, celebrada no dia 7 de agosto (dia do padroeiro). Havia também “a obrigação de realizar a missa cantada e mais atos de adoração e festividade que puder e quizer fazer o provedor”. Também era de sua competência

Altar da Paróquia  
São Caetano  
localizada no Bairro  
da Fundação. No  
altar, a imagem do  
padroeiro

“as atividades não se reduzem às do culto, mas se estendem a aspectos da vida civil, o compromisso da Irmandade de São Caetano estipulava que as joias e anuidades deveriam ser destinadas ao socorro das viúvas e dos órfãos falecidos ou aos que caírem na indigência”.





cuidar das reformas que se faziam necessárias na capela, isto por causa do completo estado de abandono em que foi encontrada em 28 de julho de 1877, data da chegada da primeira leva de imigrantes italianos ao núcleo. Com essa finalidade, a Irmandade de São Caetano passou a organizar festas e comemorações religiosas para arrecadar fundos para tal empreitada.

Como bem define Martins, na página 183 do citado livro, “as atividades não se reduziam às do culto, mas se estendiam a aspectos da vida civil, o com-

promisso da Irmandade de São Caetano estipulava que as joias e anuidades deveriam ser destinadas ao socorro das viúvas e dos órfãos falecidos ou aos que caírem na indigência”. Em outras palavras, colocar comida na mesa dos mais necessitados.

Outro aspecto da atividade social se relacionava ao serviço de sepultamento dos mortos. Possuíam inclusive um caixão coletivo decente, para transladar os defuntos até o cemitério, em São Paulo. Vale ressaltar que a entidade nasceu no exato momento em que o governo Imperial, após

Procissão de São Caetano, na Rua 28 de Julho, no Bairro da Fundação. Foto de 1935

dois anos, desvinculou-se da responsabilidade pelo Núcleo Colonial, e, portanto, deixou de prestar a assistência. Missão que a Irmandade de São Caetano teve de assumir. ■

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, 363p.

Humberto Domingos Pastore é jornalista, teólogo e pós-graduado em Docência em Ensino Superior. É supervisor do Museu Histórico Municipal, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

# Renascença: o grupo que nasceu por causa da saudade dos bailes da saudade

**ACREDITE!** Até agosto de 1986 a cidade de São Caetano do Sul não possuía um grupo de terceira idade. Essa realidade só foi mudada com a criação do Grupo Renascença, que historicamente tem como data de sua fundação o dia 26 de agosto de 1986. É essa a história que passamos a contar. Aliás, uma história que só foi possível ser transcrita por causa do entusiasmo e dedicação de um de seus ex-presidentes: Clayton Luiz Barontini, que coletou, guardou e deixou registrados documentos, informações, relatos, entrevistas e fotografias sobre o dia a dia da entidade que tão bem representa os grisalhos e grisalhas de nosso município.

A ideia, o plano de se criar um grupo com tal propósito, teve sua origem na iniciativa de dois munícipes, hoje já

falecidos, mas que deixaram seus nomes também em diversos outros empreendimentos sociais da cidade. Falamos de Heitor Bisquolo e Ivan Checkin. Conta a história que Checkin, na década de 1980, mesmo morando em São Caetano do Sul, estava trabalhando em São José dos Campos, no interior de São Paulo, onde presidia o conselho deliberativo do Clube de Terceira Idade Nova Era, entidade filiada ao Serviço Social do Comércio (Sesc) daquela cidade. No ano de 1985, aconteceu um grande encontro estadual reunindo os grupos de terceira idade, e, devido aos seus cargos, Ivan Checkin, Heitor Bisquolo e sua esposa, Elza Bisquolo, foram convocados para representar São José dos Campos.

Em dado momento, o mestre

de cerimônia divulgou os nomes das cidades participantes e apareceu o de São Caetano do Sul. Bisquolo e Checkin ficaram curiosos e foram atrás para saber quem estava representando o município no congresso. Para surpresa geral, descobriram que São Caetano estava sendo representado pelo Grupo de Terceira Idade Força Viva, que, acreditem, fica em Santo André.

Esse fato, digamos até inusitado, fez nascer o desejo de se criar, também em São Caetano, um centro voltado ao público, podemos dizer, mais experiente. Passados alguns meses, a ideia saiu do papel com alguns casais frequentadores de bailes da saudade se reunindo para planificar o projeto.

Tanto Bisquolo como Checkin também faziam parte, co-



mo conselheiros, da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs) e foram levar o plano para o presidente da entidade, Lázaro Saul Imparato, que, sensibilizado com a iniciativa, cedeu um dos salões daquela sociedade, além de se prontificar a colaborar no que fosse mais preciso.

No passo seguinte, entraram em contato com o Sesc São Caetano para que o novo grupo tivesse as mesmas características dos demais grupos filiados. Ambos encontraram excelente acolhida e valiosa colaboração de José Antonio Zacharias (gerente) e Benedito Roberto Manoel “Sabará” (supervisor), que inclusive participaram da primeira reunião, na sede da Acascs, no dia 26 de agosto de 1986, fazendo parte da mesa diretora.



Nessa oportunidade, participaram 28 pessoas, que foram consideradas fundadoras, assim como as outras 22 que participaram na segunda reunião, no dia 1º de setembro. São eles: Heitor Bisquolo, Elza Bisquolo, Ivan Checkin, Neide Checkin, Concetto Constantino, Bruna Constantino, Oswaldo Bisquolo,

As festas do Renascença tinham sempre temas previamente escolhidos, nas quais a criatividade dos figurinos era destaque

Edméia Bisquolo, Moacyr Passador, Elvira Passador, Amilcar Romaldini, Luiz Alvarez Romaldini, Armorico Veronesi, Elvira Veronesi, Angelo Lodi, Norma Lodi, Victorino Garbelotti, Mercedes Garbelotti, Lázaro Saul Imparato, Neide Imparato, Sérgio Bisquolo, Albonéa Bisquolo, Geraldo Cassoni, Jayr Cassoni, José Costa, Alice Costa, Norma Marcucci, Olga Balbino, Orestes Cavassani, Iole Cavassani, Darcy Paula, Emélia de Paula, Juan Gallardo, Marlene Gallardo, David Bechara, Ignez Bechara, Antonio Gianoca, Nazira Gianoca, Ernesto Sacomani, Wilma Sacomani, Alcides Soares, Rita Soares, João Molinari, Pura Molinari, Dorival Myjolare, Nilce Myjolare, Waldemar Bortoletto, Ana Perez Bortoletto, Alice Molinari e Dileta Perino.

O nome Renascença foi aprovado na reunião que aconteceu em outubro de 1986. Já a primeira assembleia geral, com cerca de 100 pessoas presentes, ocorreu na noite de 3 de novembro daquele ano. A primeira diretoria, eleita para o biênio 1987/1988, foi composta por Heitor Bisquolo (presidente); Victorino Garbelotti e David Bechara (vices); Armórico Veronesi, Genésio Carlos Alvarenga e Joaquim Carlos (secretários); Antonio Aversan, Wellington Rubens Pisinato e Loreto Gimenes (tesoureiros); Alberto Abib (diretor social); Moacyr Passador (diretor de patrimônio); Saad Khouri (diretor de esportes); Eleonora de Ros (departamento feminino). No

Sempre com muito brilho e cores, os bailes eram sucesso





conselho deliberativo: Ivan Checkin (presidente); Leonidas Paolone (vice); e Osvaldo Bisquolo e Benedito Dulcideo Nogueira (secretários). Na comissão fiscal: Lázaro Saul Imparato, Fernando Furlaneto Costa e Amilcar Romaldini. Por fim, na comissão de sindicância: Antonio Gianoca, Orestes Cavassani e Primo Sacco.

Logo o grupo passou a contar com cerca de 400 associados e ganhou até um emblema, sugerido que foi pelo sócio Alberto Abib. O símbolo tem um dístico representativo do túnel do tempo, que representa a renascença diária do sol, onde o clarão de seus raios parece iluminar o caminho que a humanidade deve seguir para alcançar a felicidade. Suas cores – azul e amarelo –

foram escolhidas pelo conselho deliberativo. Já a bandeira Renascença só seria aprovada no início de 1988.

Até junho de 1992, os integrantes do Grupo Renascença se reuniam todas as semanas nos salões da Acascs. Um mês depois, com a inauguração do Centro Integrado de Saúde e Educação (Cise) João Nicolau Braido, na Rua Humberto de Campos, nº 600, no Bairro São José, a prefeitura concedeu esse espaço para ser a nova sede. O endereço é utilizado até hoje para os tradicionais Bailes da Saudade, que acontecem às segundas-feiras, além das reuniões festivas realizadas nas noites de quinta. **(Humberto Domingos Pastore) ■**



Casal na pista de dança durante baile do Renascença, realizado no Cise João Nicolau Braido em 1995



nal de Aprendizagem Industrial (Senai), Rangon conseguiu vaga para trabalhar na Mercedes-Benz, em São Bernardo, como aprendiz de ferramenteiro.

Foi lá, aguardando o ônibus na saída da empresa, que fez amizade com outro jovem oriundo do Senai, Evandes, cujas paixões correlatas – instrumentos musicais e rock – o fizeram ser convidado a integrar a banda que o recém-conhecido estava formando, mesmo que não tocasse nada na prática. Em seguida, Evandes apresentou Alaor Rangon ao guitarrista Carlão (José Carlos Gonsales) e, com esse núcleo-embrião, iniciaram os ensaios ainda na virada de 1961 para 1962, já com o nome The Snakes.

Aqui vale uma correção histórica: as fontes que citam o nascimento da banda cravam 1963 como o ano do *debut*, mas esse equívoco provavelmente se deve ao fato coincidente de outra banda homônima ter surgido nesse mesmo ano, em Florianópolis (SC). Para ficar ainda mais divertido para os historiadores, há um terceiro The Snakes, fundado no Rio de Janeiro também na mesma época, dissidência do grupo The Sputniks (este, com Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Tim Maia).

Rangon começou a treinar com o violão os acordes de contrabaixo, acompanhando Carlão (guitarra), Evandes (guitarra), Milton (guitarra base) e Nelsi-



The Snakes em foto da década de 1960. Da esquerda para a direita: Nelsinho, Miltinho, Carlão, Alaor e Evandes. O contrabaixo Snake em destaque, ao fundo

**(...) em seguida, Evandes apresentou Alaor Rangon ao guitarrista Carlão (José Carlos Gonsales) e, com esse núcleo-embrião, iniciaram os ensaios ainda na virada de 1961 para 1962, já com o nome The Snakes.**

inho (bateria) em ensaios cada vez mais constantes no ABC e na Vila Califórnia, tendo como repertório a nata do rock instrumental americano, The Ventures e The Shadows. Na sua cabeça de técnico de eletrônica e ferramenteiro, colocou como prioridade desde o início a fabricação de seu próprio contrabaixo e foi esse seu instinto natural de arte-são e *luthier*, aliado a outras costuras simultâneas, que o fez se tornar, paralelamente à função de instrumentista, um empresário visionário.

**As cordas do destino** - Alaor Rangon passa a tocar cada vez melhor e, além de montar na raça seu primeiro contrabaixo,

com peças moldadas no torno da Mercedes-Benz e fazer toda a estrutura de madeira do instrumento, constrói artesanalmente suas primeiras guitarras sólidas, para os integrantes da banda.

Paralelamente – em mais uma conspiração mágica do universo – o pai de Alaor, Luís Rangon, se torna sócio de João Figueiredo, um *luthier* aposentado da tradicional empresa de violões Del Vecchio - fundada em São Paulo, em 1902, pelo *luthier* italiano Angelo Del Vecchio – que era proprietário da Arte-Som Instrumentos Musicais, uma pequena fábrica na Rua Roberto Simonsen, em São Caetano do Sul, onde produzia por encomenda violões, cavaquinhos e afins. Alaor Rangon visita a Arte-Som e aproveita para pedir a Figueiredo que fizesse a escala do seu contrabaixo semipronto.

Unindo o útil ao agradável, passa a frequentar diariamente a Arte-Som e, aproveitando o maquinário disponível e o acesso irrestrito a técnicas de fabricação de instrumentos acústicos, começa a desenhar e projetar a primeira leva de guitarras e baixos semiacústicos de sua lavra, que, desde então, se tornaram objetos de desejo de várias gerações de músicos no Brasil. A partir desta liga perfeita, estava criada a marca Snake, homenageando seu próprio conjunto.

Enquanto isso, The Snakes se metamorfoseava. Após a fase inicial tocando temas instru-

mentais, a banda passou por um processo de amadurecimento musical, na virada de 1964 para 1965, e, com mudanças na formação – saíram Evandes e Milton e entraram Carlinhos (guitarra-base e percussão) e o tecladista Sidney –, mudou o nome para Os Botões e focou o repertório nas paradas internacionais, principalmente na “invasão britânica” de bandas de rock – The Beatles à frente.

Curiosamente, um dos responsáveis por essa guinada musical foi um rádio PX ao qual o Carlinhos (amigo de infância de Carlão) e o Rangon tiveram acesso na época, que captava diversas frequências mundiais e conseguia alcançar ondas de rádio diretamente da Europa, principalmente da Inglaterra. Foi só a dupla ligar o aparelho num gravador de rolo, gravar todas as novidades – The Beatles, Rolling Stones, The Kinks, The Merseybeats – e, conseqüentemente, tocar essas músicas antes mesmo de chegarem oficialmente ao Brasil. Esse ineditismo no repertório foi a conta para que Os Botões se tornasse uma das bandas de maior sucesso nos circuitos de bailes do ABC e São Paulo, em locais como Primeiro de Maio, Clube Atlético Rhodia, Teuto, Moinho Santo Antonio, Círculo Militar, Clube de Xadrez, Odeon Clube, Sberoc e tantos outros.

Graças a esse *boom* dos bailes de rock com o advento da

**Unindo o útil ao agradável, passa a frequentar diariamente a Arte-Som e, aproveitando o maquinário disponível e o acesso irrestrito a técnicas de fabricação de instrumentos acústicos, começa a desenhar e projetar a primeira leva de guitarras e baixos semiacústicos de sua lavra, que, desde então, se tornaram objetos de desejo de várias gerações de músicos no Brasil.**

Beatlemania e da Jovem Guarda, inúmeras bandas passaram a usar os instrumentos da Snake. Entre 1966 e 1968, a produção cresce muito, com a abertura de vendas em quase todas grandes lojas e magazines da época, exigindo um investimento expressivo em máquinas e na ampliação da empresa, que, desde 1965, já atendia na Rua Piauí, nº188, em São Caetano do Sul. Nessa época, a Snake começa a fabricar amplificadores valvulados – muito elogiados pelos músicos pela sonoridade e design moderno – e caixas acústicas.



Em 1969, por conta de uma crise financeira na fábrica de violão de Luís Rangon e Figueiredo, Alaor, para resolver a situação drástica, assume o negócio e unifica a empresa.

Os Botões no início da carreira

**Saída de São Caetano e equipamentos de som** - A empresa, com essa nova realidade, muda sua fábrica de São Caetano para a Vila Califórnia, local onde permaneceria até 2015. Mesmo com essa mudança de sede, Alaor Rangon e sua família continuaram residentes em São Caetano do Sul, laços que permanecem até hoje. Logo depois d'Os Botões mudarem de nome

para The Buttons e gravarem um compacto com as músicas *Whispering* e *Everywhere* e em seguida um LP em inglês pela gravadora RCA/Victor, Rangon cria a segunda marca de guitarras de sua lavra, a OOKPIK, voltada para modelos- clones das guitarras mais cobiçadas do período, como Gibson, Les Paul e SG,



The Buttons em registro de 1970

que imediatamente chamam muito a atenção do mercado.

O negócio da Snake cada vez mais criava tentáculos e, embora amasse tocar seu baixo, já não tinha mais tempo para sua vida de palcos e gravações como músico. Em 1972, Rangon deixa a The Buttons, que seguiria nos anos seguintes gravando exclusivamente em inglês – dando o pontapé para a “febre” dos artistas nacionais com pseudônimos de artistas estrangeiros – e mudando o nome para Dave McLean, primeiro como batismo da própria banda e depois com Carlão assumindo esse nome artístico e fazendo muito sucesso nas paradas.

No correr da década, a Snake se estabiliza no mercado e, além de fechar uma parceria com a Leimar, uma das maiores lojas de São Paulo, começa a fabricar P.As (*Public Adress* no original), sistemas completos de som para eventos e shows, que até então eram importados – os P.As da Snake passam a equipar artistas de porte como Rita Lee & Tutti-Frutti, Raul Seixas e banda, além da explosiva turnê de Alice Cooper no Brasil em 1974. Com a onda da *disco music* e a procura crescente por equipamentos de som a partir de 1976, a Snake passa a produzir pioneiramente no país alto-falantes, *drivers*, cornetas e *tweeters* profissionais, firmando parcerias importantes com grandes equipes de bailes e locações de sons, mantendo

uma qualidade equiparada a marcas de fora, como JBL e outras. Em 1977, a empresa, com foco no mercado de áudio profissional, descontinua a produção das guitarras Snake e OOKPIK. É o encerramento de duas marcas emblemáticas na história dos instrumentos musicais brasileiros, que ousaram manter o grau de qualidade que só as concorrentes estrangeiras tinham e deixaram marcas que permanecem até hoje. A Snake seguiu firme até o século presente, mas em 24 de janeiro de 2014, Alaor Ciro Rangon faleceu repentinamente. Os funcionários da Snake, abalados e em luto, esqueceram no mesmo dia uma homenagem ao fundador:

“Tributo em memória a Alaor Ciro Rangon

Um dos maiores presentes que o Senhor Alaor Ciro Rangon deu para o Brasil foi a empresa Snake-Pro. Nenhuma empresa conseguiu inspirar tanta criatividade ou estabelecer padrões tão altos. Nossa missão, valores, e experiência foram originados por ele e sempre será o alicerce da Snake. É com grande responsabilidade e privilégio que manteremos o seu legado no futuro. Somos orgulhosos de fazer parte dessa família, por isso firmamos o compromisso de manter sempre vivo seus objetivos, no qual sempre lutou. Esse é um tributo em memória ao Sr. Alaor Ciro Rangon e em tudo que ele sempre acreditou.

São Paulo, 24 de janeiro de 2014.  
Seus funcionários da Snake”

**Legado** - Desde 2001 a empresa se apresentava como Snake-Pro, após um trabalho nos Estados Unidos (onde o nome Snake é domínio público) que modificou o registro da marca. A partir de 2013, apresentava problemas de gestão e com as mudanças do mercado – 90% das vendas eram para a categoria de som automotivo e não mais para shows – a qualidade e a tecnologia de ponta não eram mais prioritárias para os consumidores e a família já cogitava vender a empresa para tentar outro segmento dentro do áudio. Com a partida de Alaor Rangon, os herdeiros acharam melhor vender a marca e, no final de 2015, a Snake foi incorporada pela Ultravox, de Araçatuba (SP).

Mas a história já estava contada. O legado e a importância da Snake ecoam no presente, não só na memória de quem viveu os anos dourados dos bailes dos anos 1960 e 1970, mas também em acervos particulares de preservacionistas obstinados por instrumentos musicais icônicos. Morador de São Caetano do Sul, o músico e colecionador José Mulero (Zezinho Jordans) conheceu Alaor Rangon em 1963, enquanto formava o seu próprio conjunto (The Jet Reds) e frequentava o auditório da Rá-

dio Cacique, ao lado de Carlão (futuro Dave McLean, como visto), Guilherme Dotta (The Jet Blacks) e Evandes, para assistir ao programa Antenor Zanardi, onde um certo Jerry Adriani, que residia na Vila Prosperidade e se tornara amigo da turma toda, fazia suas primeiras apresentações. Zezinho faz questão de deixar em destaque em sua coleção um dos primeiros violões fabricados pela Snake, ainda com o selo interno de fabricação em São Caetano do Sul. Inclusive o raro modelo deixa dúvidas no ar, pois ostenta em sua mão (acima do braço) uma placa com a marca Snake/Arte-Som, o que abre a possibilidade da parceria inicial de Rangon com a oficina de Figueiredo ter gerado alguns poucos (e raros) violões com essa marca híbrida.

Zezinho e Evandes tiveram o privilégio de passar um sábado à tarde na residência de Alaor Rangon no Bairro Jardim São Caetano, alguns meses antes de seu passamento, com The Ventures e The Shadows como trilha sonora na vitrola, lembrando o início de muito sacrifício e suor do trio no movimentado mundo da música instrumental. Eis uma tarde na vida que não tem preço.

Essa epopeia musical deixa frutos perenes também. Alexandre Rangon (filho de Alaor, que trabalhou muitos anos na Snake) e André Gonzales (filho do Carlão) começaram a tocar juntos

ainda na infância – Alexandre, filho de baixista, resolveu tocar guitarra e cantar; André, filho de guitarrista e vocalista, escolheu tocar bateria e cantar.

Tanto Rangon como Carlão incentivavam como podiam os filhos, mostrando influências musicais, indo aos shows das bandas deles na época, e dando uma força para que eles sempre criassem, principalmente no estúdio mantido por Carlão (que tinha em suas instalações monitores *custom made* feitos sob medida pela Snake!). Rangon adorava ter instrumentos em casa – teclados, guitarras, baixos – e os dois amigos acabavam usando e interagindo com todos eles de alguma forma.

Carlão deixou esse plano no ano passado (em 17 de junho de 2023). Os filhos dos velhos amigos seguiram amigos, tocando suas vidas na música – Alexandre mais voltado para a produção e André focado na composição e nas múltiplas possibilidades da bateria, inclusive morando e dando aula na mesma casa em que Alaor Rangon e família moraram nos anos 1980, no Rudge Ramos, e onde começou a tocar bateria ao lado de Alexandre. Coincidência pouca é bobagem. Em 2020, três bandas antológicas da região resolveram se reunir para fazer dois shows no ABC: além dos Botões, Equipe4+, de Sérgio Papagaio, e Porão 99, de Danton, Oséas e cia.

Como Carlinhos não pôde

participar por problema de saúde e o Nelsinho, embora disponível, fosse também integrante do Porão 99 – onde entrou logo depois dos Botões – a produção dos shows decidiu que Nelsinho tocaria no Porão, enquanto André o substituiria nos Botões. O único membro fundador nos Botões, portanto, era o Carlão (como vocalista e guitarrista), mas ao seu lado estava seu filho, o filho do Alaor Rangon, tocando baixo inclusive, e um amigo de infância de ambos, Claudio Duó, na guitarra-base. Um momento único em que a guitarra Snake estava presente, claro. A mesma guitarra Snake, incensada por seguidores em fóruns de discussão na internet, aclamada por músicos de prestígio como Luiz Sérgio Carlini, da banda Tutti-Frutti e usada ainda hoje por músicos como Marcelo Camelo (fundador da banda Los Hermanos), e que, numa tarde inspirada, há mais de 60 anos, veio à luz pela primeira vez pelas mãos criativas e engenhosas de um jovem operário e músico numa pequena sala no centro de São Caetano do Sul. ■

---

Marcos Eduardo Massolini é jornalista e escritor. Em 2001 lançou, de forma independente, o livro *Borboletas Abissais*. Mantém o blog *Almanaque do Malu* desde 2009 e o grupo *São Caetano Inesquecível*, no Facebook. Em 2014, lançou seu segundo volume de poesias, *Aura de Heróis* e, em 2016, o livro de ficção *Abílio e o Espelho* no formato e-book. O ano de 2021 marcou o lançamento de seu terceiro livro de poesias: *Quase Oásis*.

## CURIOSIDADES

## ➔ Não havia faculdade, mas havia centro acadêmico



Festividade reunindo integrantes do Centro Acadêmico, em 1967

A CIDADE de São Caetano do Sul tem particularidades que realmente só ela possui. Afinal qual outro município pode afirmar que já contava com um centro acadêmico sem que existisse ao menos uma faculdade? Pode soar estranho, mas, antes de elas serem criadas em São Caetano, os alunos do ensino superior, que estudavam fora, criaram seu centro acadêmico, e, diga-se de passagem, dos mais dinâmicos. Quem não se recorda dos famosos bailes dos calouros, evento social que movimentava toda a juventude da época.

Um dos primeiros núcleos de ensino superior em São Caetano foi a Faculdade Municipal de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais, instituição cujas aulas se iniciaram em 1º de agosto de 1968 e que

oferecia dois cursos de graduação: Economia e Ciências Políticas e Sociais. Ela viria a ser rebatizada, em 1970, como Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul, o Imes, hoje Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs).

O interessante dessa história é que o Centro Acadêmico de São Caetano do Sul já atuava com muita eficiência na década de 1950. Quem nos revela esse fato é Oscar Garbelotto em suas memórias revisitadas pela coluna *Memória* de Ademir Medici no *Diário do Grande ABC*, na edição de 28 de julho de 2024. Lá ele traz à tona a informação de que, na “década de 1950, quando entrei na faculdade, existia em São Caetano um Centro Acadêmico *sui generis*. Afinal não existia na cidade nenhum curso superior”, explica Garbelotto, que, aliás, foi o segundo presidente da agremiação. O primeiro foi Joaquim Jácome Formiga, e quem sucedeu Oscar Garbelotto foi Norberto Victor Barille. ■



João da Costa Faria (em pé, à esquerda), presidente do Centro Acadêmico de São Caetano do Sul, presta homenagem ao formando Ayrton Filetti (Escola Politécnica da USP). Sentados, a partir da esquerda, professor Vicente Bastos (diretor do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul), José de Souza Martins (recém-ingresso na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-USP) e Paschoal Giardullo (formando do curso de Geologia também da USP). O evento foi realizado no auditório do Instituto de Ensino em 1961

## Acervo Maria Antonia Ferreira Fiorotti



Primos reunidos em passeio ao Zoológico de São Paulo, por volta de 1966. Na frente, a partir da esquerda, vemos: Carlos Morales, Cláudia Ferreira Fiorotti, Denise Caetano Ferreira. Atrás, aparecem, da esquerda para a direita: Sandra Morales, Celso Caetano Ferreira e César Paulo Caetano Ferreira. Ao fundo, à esquerda, está a avó materna das crianças, Urusina Pires Ferreira



O casal Maria Antonia Ferreira Fiorotti e Drausio Fiorotti com sua primeira filha, Cláudia Ferreira Fiorotti, em foto de 1965. O casamento aconteceu no dia 5 de janeiro de 1963 e Cláudia nasceu no dia 20 de dezembro de 1964. O casal teve mais três filhas: Flávia, Paula e Adriana. Na época, a residência da família ficava na Rua Mirim, no Bairro Santa Paula

# Uma ilustre sul-são-caetanense de coração

☰ Gilberto Tadeu de Lima



Arquivo Ferrador

Maria Anna Machado, pintora por nascimento e escritora por adoção

NESTE ESPAÇO, vamos contar a história de Maria Anna Machado, que nasceu em Itapira, no interior de São Paulo, mas que ama São Caetano do Sul, de coração. Sua família migrou para esta cidade do Grande ABC quando Maria Anna ainda era uma menina de apenas 7 anos. Aqui ela viveu e trabalhou por mais de seis décadas.

A pintora M'anna - é assim que assina suas obras de arte - estudou no Grupo Escolar da Cerâmica São Caetano, de saudosa memória em nossa cidade. Aos 14 anos de idade, ficou interna num colégio de freiras no interior do Paraná, onde (entre outras disciplinas que eram então ensinadas às mocinhas) estudou Francês. Porém, o período de clausura durou apenas um ano.



Obra *Signais I - Rupestres*, de 1994, que participou do 23º Salão de Arte Contemporânea de Santo André, em 1995, e integra o acervo da Casa do Olhar Luiz Sacilotto

De volta a São Caetano, deu sequência aos seus estudos na Escola Comercial da Rua Amazonas, mas logo começou a trabalhar para ajudar a família. Seu primeiro emprego foi no escritório do senhor Ribeiro, pertinho da General Motors, na época, a única montadora de automóveis do Grande ABC.

Bem jovem se casou e teve quatro filhos, todos sul-são-caetanenses. Maria Machado é pintora de quadros, artista de enorme talento, dona de um estilo riquíssimo na arte de pintar. Suas telas são de temáticas variadas, sempre belíssimas.

Na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Rua Oriente,

no Bairro Barcelona, os grandes quadros da Via Sacra são de sua autoria. Nas paredes do tradicional templo católico dedicado à Mãe de Nosso Senhor, podemos conferir e admirar a qualidade e perfeição de suas telas.

Por muito tempo, expôs, aos domingos, seu admirável trabalho na Feira de Artesanato da Praça da Sé, além de outras exposições em variados locais. Durante longos anos, manteve seu ateliê de pintura na garagem de sua casa, na Avenida Dr. Augusto de Toledo.

Nesse ano de 2024, aos 93 anos de idade, acaba de publicar seu oitavo livro, *O avexado*, em que narra o cotidiano na

Cerâmica São Caetano. Avó e bisavó, M'anna vive pertinho dos filhos, em Palm Coast, na Flórida (Estados Unidos), onde segue produzindo sem parar, com a qualidade de sempre. Seu coração, entretanto, ficou aqui na São Caetano do Sul que a artista tanto ama e não esquece. ■

---

Gilberto Tadeu de Lima vive em São Caetano desde o início dos anos 1960. Bacharel em Economia pelo Instituto Municipal de Ensino Superior (atual Uscs), é servidor público aposentado, e dedica boa parte de seu tempo à Literatura, uma de suas paixões. É autor de cinco livros (contos, crônicas e um romance). O mais recente *Mal traçadas linhas* foi publicado no ano passado. Em 2012, foi o vencedor do concurso literário promovido pelo Satérite Esporte Clube de Itanhaém (SP).



# A Vera Cruz de São Caetano do Sul

*Crédito/Jornal de São Caetano, ano X, n. 597, primeira página, 28 abr. 1956*



NO ANO DE 1956, entusiastas da sétima arte na cidade ousavam ao criar a Companhia Cinematográfica São Caetano do Sul. As filmagens de *Meu destino é sofrer* marcaram o início das atividades de tal companhia já naquele ano. A produção desse filme tinha em sua equipe técnica e elenco apenas moradores do município. Sob a direção de Carmo Gaeta Neto e Domingos Duó, seria estrelado por Lúcia Damiano, Adelaide Perez, Moacir Duó e Hermínio Rolli. A fotografia, por outro lado, ficaria a cargo de Gregório Rodrigues. Um conjunto de cenas, chamado tecnicamente de “copião”, chegou a ser exibido nos meses de abril e junho de 1956 nos cines Átila e Max, respectivamente, para especialistas e críticos do assunto. Contudo, a proposta de finalizar e de lançar comercialmente o filme não se concretizou, em razão da escassez de recursos tecnológicos e financeiros da companhia.

Por pouco, São Caetano do Sul não teve a sua Vera Cruz, produtora de filmes criada em São Bernardo do Campo que adquiriu projeção nacional, atuando entre 1949 e 1954. ■

Carmo Gaeta Neto e Lúcia Damiano durante cena do filme *Meu destino é sofrer*, da Companhia Cinematográfica São Caetano do Sul, em 1956



**A FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA** apresenta os trabalhos premiados com os primeiros lugares da edição de 2024 do concurso de redação *História da Autonomia*, promovido pelo Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama), para celebrar a emancipação de São Caetano, com apoio da Prefeitura Municipal, da Secretaria Municipal de Educação e da Fundação Pró-Memória.

Reproduzimos, nesta edição, as redações vencedoras dos primeiros lugares, que celebraram os 76 anos da conquista da liberdade política e administrativa de nosso município, produzidas por alunos dos 8º e 9º anos da rede pública municipal. A premiação aconteceu no dia 24 de outubro de 2024, no Teatro Santos Dumont. Na ocasião, foi executado, sob a regência do maestro Ogair Júnior, o Hino dos Autonomistas.



## 8º ano

### 1º lugar • 8º ano

#### Movimento Autonomista

Em 1948, aconteceu uma das situações mais importantes para a cidade, o movimento autonomista. Esse movimento, que deu origem à emancipação político-administrativa da cidade, foi formado por 95 homens e mulheres que lutaram pela independência de São Caetano frente ao município de Santo André.

Uma primeira manifestação ocorreu em 1928, os autonomistas criaram o *São Caetano Journal* para divulgar a ideia emancipacionista, incentivando as pessoas a votarem em seus candidatos, mas infelizmente não deu certo.

Na década de 1940, liderados pelo *Jornal de São Caetano* e pela Sociedade Amigos de São Caetano um abaixo-assinado foi realizado solicitando um plebiscito.

Com mais de cinco mil assinaturas, eles conseguiram fazer com que a Assembleia Legislativa do Estado atendesse sua reivindicação. Em 24 de outubro de 1948, foi feito o plebiscito, no qual 8.463 eram a favor da autonomia e apenas 1.029 eram contra. Em 24 de dezembro do mesmo ano, o governador de São Paulo, Adhemar de Barros,

homologou a criação do município, que recebeu o apêndice do Sul em seu nome. Com isso, acaba o movimento autonomista e a cidade finalmente consegue se libertar e se tornar um município.

A nossa cidade foi fruto desse acontecimento tão importante, ou seja, é uma data muito especial para todos que moram e vivem em São Caetano. Hoje em dia, o movimento é lembrado por um grupo que foi formado com o objetivo de impedir que o movimento separatista seja esquecido e apagado, mais conhecido como GAMA.

**Sarah Paiva Nascimento**  
**Magalhaes Calumby • 8º ano - B**  
**EMEF Senador Fláquer**

### 2º lugar • 8º ano

#### A importância das mulheres no movimento autonomista

O movimento autonomista, que resultou na emancipação político-administrativa de São Caetano do Sul, foi impulsionado por um grupo de pessoas que lutavam pela separação da cidade de Santo André. Embora a participação masculina seja frequentemente ressaltada, o papel das mulheres foi crucial para a concretização desse movimento.

As mulheres foram força motriz não apenas na luta pela

independência de São Caetano, mas também na construção de um espaço para a participação feminina na sociedade. Elas demonstraram força e determinação exemplares, estabelecendo modelos importantes para a atuação em processos políticos e sociais. Isso ampliou significativamente o papel das mulheres em movimentos dominados por homens.

Entre as figuras femininas de destaque, Helena Musumeci mostra-se como personagem notória nesse contexto. Proprietária da Moagem de Café São Caetano, localizada no Bairro da Fundação, Helena exerceu uma influência significativa no movimento autonomista. Durante a Revolução de 1932, além de apoiar a causa local, integrou a comissão feminina que enviou produtos aos soldados na linha de frente, evidenciando seu compromisso com a comunidade e com a causa social. O envolvimento de Helena Musumeci ajudou a sustentar o moral dos soldados e também demonstrou a capacidade da mulher para assumir papéis difíceis em momentos de crise.

Outro exemplo sem igual é Olga Montanari de Mello, jornalista e funcionária da Pirelli, ela foi figura central na política local, sendo eleita para a Câmara Municipal três vezes. Além disso, foi a primeira mulher a obter carteira de motorista em São Caetano do Sul, quebran-

do barreiras e abrindo portas para a futura geração de mulheres. Sua carreira ilustra como a persistência e a inovação podem desafiar normas estabelecidas e criar grandes oportunidades para outras mulheres.

A importância dessas personalidades femininas diferencia o nosso olhar em relação ao contexto histórico do movimento autonomista. Elas não somente contribuíram diretamente para a independência da cidade, mas também inspiraram e encorajaram outras mulheres a se engajarem em movimentos sociais e políticos. Sem essas contribuições decisivas, a independência de São Caetano poderia ter enfrentado desafios ainda maiores, e nossa história local seria muito diferente.

Nesse cenário, reconhecer e valorizar a incumbência dessas mulheres é imprescindível para compreendermos a história completa do movimento autonomista. A dedicação e a coragem feminina ajudaram a moldar o passado e permitiram a construção de um presente direcionado a uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Portanto, é essencial reconhecer e celebrar o papel insubstituível que as mulheres desempenharam no movimento autonomista e em outros momentos históricos. Elas não apenas ajudaram a esculpir a cidade que conhecemos hoje, como também inspiraram futuras gerações a lutar por seus direitos e por um mundo mais justo e equitativo.



Charge feita pelo autonomista Jayme da Costa Patrão defendendo o voto na cédula branca, ou seja, no voto “sim” para a autonomia

Iago Luchini • 8º ano  
EMEFM Arquiteto  
Oscar Niemeyer

### 3º lugar • 8º ano

#### Orgulho do que deixei para você

São Caetano do Sul,  
17 de julho de 2024.  
Minha querida bisneta,

Você sabia que, para que a cidade onde moramos se tornasse independente, houve duas tentativas de autonomia? A primeira não deu muito certo. O engenheiro Armando de Arruda Pereira liderou essa tentativa. Os autonomistas convocaram os moradores de São Caetano para votarem em seus próprios candidatos nas eleições daquele ano. Até criaram jornais para divulgar suas ideias, mas, em 15 de janeiro de 1929, o coronel Saladino Cardoso Franco foi reeleito prefeito de São Bernardo, e São Caetano continuou como um de seus distritos.

A segunda vez foi 20 anos depois. A esperança do povo cresceu de novo quando São Caetano passou a fazer parte do município de Santo André. Lembra daquela Sociedade de Amigos de São Caetano que o biso te contou que participava? Então, fomos nós que lideramos esse movimento.

O *Jornal de São Caetano* nos ajudou publicando sobre a autonomia. Nós batemos de porta em porta para fazer um abaixo-assinado para ser enviado à Assembleia Legislativa do Estado. Conseguimos mais de cinco mil assinaturas pedindo por um plebiscito e fomos atendidos em 24 de outubro de 1948. Perguntamos para o povo se eles queriam ou não a autonomia de São Caetano, e nós tivemos mais de oito mil votos a nosso favor. Havia mais votos nesse plebiscito do que a quantidade de pessoas que participaram do abaixo-assinado.

Em dezembro daquele ano, o governador Adhemar de Barros, que cuidava do Estado de São Paulo naquela época, confirmou a decisão do plebiscito e autorizou a criação do nosso município, São Caetano do Sul, instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1949. Nossa primeira eleição para prefeito e vereadores foi em 13 de março de 1949.

Sabe, minha bisneta, o desejo de autonomia que levou ao movimento da minha época pode ser comparado com muitas situações que vocês vivem hoje. Esta sua geração quer ser independente em várias questões pessoais, empresariais e

políticas e entende que o poder deve ser fortalecido pelas autoridades locais. O mundo de hoje, cheio de coisas novas e com a tal da tecnologia, parece permitir que vocês, jovens, consigam se comunicar melhor, que tenham maior controle das suas vidas e de seus destinos, e até na forma que organizam a política do local onde vivem.

Eu realmente enxergo que o movimento autonomista de São Caetano do Sul, aquele do qual eu tenho orgulho de ter feito parte, ensinou às gerações, que vieram depois da minha, a importância de uma boa administração de uma cidade, e que ela precisa atender às necessidades da população que vive ali.

Fico muito feliz em saber que o nosso movimento, lá de 1948, serve de exemplo até hoje para vocês, para que possam tomar suas próprias decisões e agir por conta própria, fazendo com que sejam capazes de se governar por seus próprios meios.

Um grande abraço  
do seu bisavô,  
Armando Lopes

**Júlia Lopes Barreto • 8º ano B**  
**EMEF Bartolomeu da Silva**

# JORNAL DE SÃO CAETANO

EXEMPLAR Cr\$ 0,80  
ASSINATURA Cr\$ 30,00

Directores:  
LUIZ RODRIGUES NEVES MARIO F. RODRIGUES WALTER THOMR

RUA PERELLA, 380  
SÃO CAETANO - S.P.S.J.

ANO III

São Caetano (Estado de São Paulo), Domingo, 31 de Outubro de 1948

NUM. 63

## Vitória inofismável de São Caetano

# O POVO DISSE "SIM"

Magnífica a ordem reinante durante o pleito — Carros oficiais a serviço do snr. Flaquer — O significado da visita do dr. Teodomiro Dias — Visitaram-nos os deputados Gabriel Migliori, Oliveira Mathias e Cunha Bueno  
A 1.a urna entregue foi a da secção presidida pelo snr. Mário Bortoletto



Não era ainda 7 horas da manhã e os carros oficiais da Prefeitura já estavam se preparando. Na primeira foto, a \*pejua\* 35-03-88 ostentando um cartaz \*ndos\*. O dr. Angelo Rafael Pelegrino depositando seu voto. Honrando São Caetano com a sua visita, o Presidente do Tribunal de Justiça, dr. Teodomiro Dias inspeciona as diversas seccões eleitorais. Ladeado por seus comentes auxiliares, o Juiz Vicente Sabino Jr. fala ao JORNAL DE SÃO CAETANO. O sr. Manoel de Góis dá

ordens expressas ao integralista Milton Migueis para que sabote as eleições, vendo-se em pé de costas, o \*líder da UDN\* (sic), que também trabalhou contra São Caetano. Não faltaram as banquinhas de informações. Voto o vereador Accleto Campanella. Mais carros oficiais. A chegada da primeira urna vendo-se entre outros o vereador Antonio Darris Neto, o deputado Cunha Bueno e o Juiz Vicente Sabino Junior. — (Fotografias de Jacinto Rodrigues)

São Caetano vestiu-se com trajes de festa neste domingo memorável, que as folhetas registavam como sendo o dia 24 do \*primaveril\* mês de Outubro deste \*sexagesimo\* ano de 1948. E era preciso mesmo essa roupagem especial para participar da autêntica festa que foi a realização do plebiscito. Cerca de 7 horas da manhã, quando iniciávamos nossos trabalhos, já o chefe do Executivo santocandense se encontrava à porta de seu escritório, acompanhado de um \*sem-número\* de secretários. E, do oficialismo, não haviam apenas os homens. Era, foi, muito mais notada a presença dos carros oficiais, nove ao todo, que, mais tarde, seriam usados no transporte de eleitores.

As filas começavam a se formar, mas notava-se que o trabalho se desenvolvia \*organadamente\*, do que resultava não haver muita dificuldade para votar, dever cívico que o cidadão cumpria em poucos minutos.

**AUTOS DE CHAPA BRANCA**  
Enquanto as informações indicavam a supremacia esmagadora de cédulas brancas nas sobrecartas, as horas da manhã foram se escoando. Foi de manhã, contudo, que tivemos a presença de várias personalidades ilustres. Referimo-nos ao dr. Teodomiro Dias, Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, e aos deputados Gabriel Migliori e Oliveira Mathias.

DE SÃO CAETANO assim se estendeu o sr. Teodomiro Dias: "Está correndo tudo normalmente, e que acredito acontecerá até o fim do plebiscito, pois acho que a consciência cívica do povo desta localidade. Esta é a maior de todos os plebiscitos realizados no interior do Estado de São Paulo".  
Cerca de meio-dia, em um rápido giro, pela maioria das 23 seções constatamos que quasi 60% dos alistados já haviam votado, o que era um índice deveras animador. A ansiedade da parte da manhã, sobretudo um \*decrecimento\* sensível de \*compreendimento\* durante aproximadamente \*três\* horas, somente entre 2 e 3 horas da tarde recomencaram as mesas a terem um pouco de trabalho. E na parte da tarde, o eleitorado quasi total foi o feminino, que teve a facilidade de encontrar os postos praticamente vazios.

instalado no São Caetano E. C., o Presidente da Comissão de Estatística da Assembleia Legislativa do Estado, convervou imediatamente com o Juiz Vicente Sabino Jr., insinuando-se da liberdade e da ordem imperantes durante a realização do referendun.  
Pouco depois, inúmeros líderes autonomistas, sabedores da presença em nossa cidade do dedicado deputado peedista, dirigiram-se à sede do São Caetano, percorrendo em seguida, na companhia daquele parlamentar, várias seções eleitorais, quasi todas em preparativos para o encerramento dos trabalhos. Entusiasmado com o \*comparcimento\* dos alistados, a essa altura já calculado em 80%, voltou o deputado Cunha Bueno, à sede do São Caetano, onde assistiu à chegada das urnas.

respeito, o que ocasionou alguns protestos, feitos pelos fiscais nomeados pela Prefeitura de Santo André.

### DECLARAÇÕES DO DEPUTADO CUNHA BUENO

O presidente da Comissão de Estatística, deputado Cunha Bueno, declarou à nossa reportagem ter ficado muito bem impressionado com a votação. Na sua opinião, ultrapassou as expectativas o interesse demonstrado pela população de São Caetano pela consulta plebiscitária. Informou-nos esse parlamentar que já havia assistido a este plebiscito em cidades do interior. Eram aproximadamente 18 horas quando o deputado Cunha Bueno regressou a São Paulo.

**Fala o Juiz Vicente Sabino Jr.**  
Ouvimos também a palavra do

A primeira urna a ser entregue, foi a da 8.a secção, de cuja mesa faziam parte os snrs. Mário Bortoletto, presidente, Antonio Giovanni Franzi, La

Não obstante ter se postado nas ruas pouco antes que a maioria dos autonomistas, o sr. Prefeito em pouco minutos perdeu o controle da situação, pois para seus nove carros oficiais e outros tantos carros particulares, sur-

Capa da edição do *Jornal de São Caetano* de 31 de outubro de 1948, anunciando a vitória do "SIM", ou seja, da autonomia de São Caetano em relação ao município de Santo André

## 9º ano



### 1º lugar • 9º ano

#### O silêncio vivo: a história dos autonomistas em pedra



Ela é feita de bronze, representa a imagem de homens e mulheres, com as mãos para o alto, que parecem reverenciar algo. Nenhum dos habitantes da cidade sabia quem eram aquelas pessoas — nem mesmo repararam na placa em seu plinto, que traz seu significado —, mas todos da cidade conhecem a estátua desde a sua inauguração em 24 de outubro de 1998.

Ninguém dava importância àquela escultura no cruzamento da Avenida Goiás com a Rua Espírito Santo. Ela já está começando a perder a cor, suja, e não é possível distinguir todos os detalhes feitos no rosto ou no resto do corpo. Apesar de não ter importância para muitos, a escultura não era ignorada, muito pelo contrário, ela era uma espécie de cidadã fantasma naquela cidade; pouco depois do sol se pôr, o mendigo daquela região ia sempre conversar com ela, falava sobre seu dia, sobre o que tinha arranjado no lixo ou sobre a comida que tinha conseguido. As crianças, depois da escola, ficavam na praça e, se fossem meni-

Alunos, professores, músicos, cantores e membros do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista reunidos ao final do evento de premiação

nas, fantasiavam aquelas figuras com fitas coloridas ou pedaços de tecido, já os meninos brincavam de guerra com ele (o time que o conquistasse primeiro ganharia a brincadeira).

A Dona Neide sempre olhava para o monumento quando esquecia a direção da grande avenida. Coincidentemente, a direção para onde as mãos apontavam indicava os caminhos possíveis. Júnior, o neto dela, sempre brincava de escalar e se pendurar no braço esticado depois que as missas de domingo terminavam.

Nenhum dos cidadãos sabia o nome dessas pessoas, nenhum dos cidadãos limpava ou se dava o trabalho de tirar a ferrugem, mas eles tornavam-nas parte de seu dia a dia mesmo sem saber e, às vezes, parecia que as estátuas sorriam.

O Monumento da Autonomia não retrata apenas pessoas,



mas toda uma história de luta e conquista para que São Caetano do Sul se tornasse uma cidade emancipada. O movimento autonomista contribuiu para consolidar a identidade dos moradores de São Caetano do Sul. A obtenção da autonomia fez com que os cidadãos se sentissem mais representados e envolvidos no desenvolvimento de sua cidade, promovendo um profundo sentimento de pertencimento e orgulho comunitário.

Dessa forma, essa escultura, que já sofre as ações do tempo, nunca terá apagada sua representação simbólica de um povo unido, exemplo de como a mobilização popular e o envolvimento cívico podem trazer mudanças



Foto: Luciano Espinheira Cariani / PRMS/CSJ

reais. A luta pela emancipação engajou grande parte da população, o que reforçou a cultura de participação democrática e ativa na cidade.

Portanto, a partir da luta dos autonomistas, São Caetano do Sul passou a ser amplamente reconhecida como uma das cidades com os mais elevados índices de qualidade de vida no Brasil. Com ótimos indicadores em educação, saúde, segurança e renda, o município proporciona a seus habitantes um ambiente com elevados padrões de bem-estar.

**Maria Clara Pontes dos Santos • 9º ano**  
**EMEFM**  
**Arquiteto Oscar Niemeyer**

## 2º lugar • 9º ano

### Nasce São Caetano do Sul

O movimento autonomista de São Caetano do Sul é um marco importante na história da cidade, simbolizando a luta por autonomia política e administrativa e o desejo de uma comunidade em buscar progresso. A trajetória do movimento começou no final da década de 1940, quando São Caetano era um subdistrito subordinado a Santo André. Com o crescimento da população e o desenvolvimento da região, surgiu a insatisfação com a dependência administrativa, que dificultava a

resolução de problemas locais e limitava o desenvolvimento da cidade.

A localidade, já com características econômicas e sociais diferentes, passou a reivindicar o direito de governar suas próprias coisas, sem depender das decisões tomadas em Santo André. Os moradores começaram a se organizar para lutar pela autonomia. Eles acreditavam que, ao se tornarem um município independente, poderiam conduzir melhor seus próprios recursos e direcionar o desenvolvimento da cidade. A mobilização popular envolveu líderes comunitários e associações locais, como o *Jornal de São Caetano*, que incentivavam a população a apoiar o movimento.

O ponto mais importante ocorreu em 1948, quando foi realizado um plebiscito que consultou a população de São Caetano sobre a possibilidade de se tornar uma cidade independente. A maioria dos habitantes votou a favor da emancipação, aprovando o desejo da comunidade de ser autônoma. O movimento autonomista foi marcado pela força da união popular em torno de um objetivo comum, buscando uma administração local mais eficiente e voltada para as necessidades da cidade.

A vitória do movimento autonomista resultou na criação do município de São Caetano do Sul em 24 de dezembro de 1948. Desde então, a cidade passou por um rápido desenvolvimento, tanto no aspecto econômico quanto no social. A independência permitiu que São Caetano se concentrasse em setores principais para melhorias e o bem-estar de sua população, como saúde, educação e infraestrutura. Hoje, a cidade é uma das mais prósperas do Estado de São Paulo, sendo exemplo de qualidade de vida e desenvolvimento.

O movimento autonomista de São Caetano do Sul não é apenas um capítulo na história local, mas também um exemplo da força da mobilização popular. Ele demonstrou que, com organização e participação da comunidade, é possível chegar a grandes transformações e garantir que as decisões políticas reflitam melhor os interesses do povo. O legado desse

movimento continua presente no orgulho cívico dos moradores e na eficiência com que a cidade é administrada até os dias atuais.

**Gabriela Calou Mattei •  
9º ano D  
EMEF Ângelo Raphael  
Pellegrino**

### 3º lugar • 9º ano

#### O movimento autonomista de São Caetano do Sul

Sem água, esgoto e hospitais. Era assim que vivia quem morava em São Caetano do Sul no início do século XX, até então um distrito de São Bernardo e, posteriormente, subdistrito de Santo André. A situação precária e sem saneamento básico era campo fértil para a proliferação de doenças. É nesse contexto que surge a ideia do movimento autonomista.

O fato de São Caetano estar subordinada a Santo André fazia com que os investimentos feitos na região fossem insuficientes até para as necessidades básicas. Por isso, em 1928, houve a primeira manifestação para que São Caetano fosse autônoma, liderada pelo engenheiro Armand de Arruda Pereira.

A ideia de ter uma São Caetano emancipada cresce e, para isso, cria-se um jornal para divulgação dessas ideias. Entretanto, em

1929, nas eleições de São Bernardo, o coronel Saladino Cardoso Franco foi reeleito, fazendo com que São Caetano continuasse a ser apenas um distrito.

No final da década de 1940, a ideia de emancipação volta à mente dos sancaetanenses e dá origem ao movimento autonomista. Em 1948, organizou-se um abaixo-assinado para que houvesse a realização de um plebiscito. Mais de cinco mil assinaturas são obtidas e enviadas à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, que determinou a execução do plebiscito.

Após muita luta e discussões, o plebiscito foi realizado em 24 de outubro de 1948, registrando 8.463 votos favoráveis à autonomia e 1.029 contra. No dia 24 de dezembro daquele ano, o governador de São Paulo ratificou a decisão dos moradores, assim era criado o município de São Caetano do Sul.

A partir desse ato, São Caetano do Sul, aos poucos, teve seus investimentos aplicados na cidade. Reforma do saneamento básico, criação de hospitais, entre outros. E, para que o movimento autonomista continuasse na memória dos cidadãos sancaetanenses, os principais idealizadores da comunidade autonomista criaram o GAMA (Grupo de Amigos do Movimento Autonomista).

**Davi de Padua Conceição •  
9º ano A  
EMEF Senador Fláquer**



**A CIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES.** Em 2022, um terreno ao lado da Igreja de São Caetano, no Bairro da Fundação, ganhou novo uso e nova configuração, transformando-se no primeiro parque do bairro, inaugurado no dia 28 de julho daquele ano, em uma iniciativa da gestão de José Auricchio Júnior. As ruínas de parte das instalações das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo deram lugar ao Parque Municipal Província de Treviso, que possui 20 mil metros quadrados de área verde e de lazer, e agrega a primeira Inspetoria da Guarda Civil Municipal da cidade.



Aerovô/FMMSCS

1996



Foto/FMMSCS

2022

# ▶ O saudoso Cine Max

Interior do Cine Max em foto da década de 1940



Arquivo/FMUSCS

INAUGURADO em outubro de 1944, o Cine Max foi uma das principais salas exibidoras de São Caetano. Localizava-se na Avenida Conde Francisco Matarazzo e pertencia à família Lorenzini, grande empreendedora desse segmento na cidade. Foi um dos protagonistas da era dos cinemas de rua da localidade, que teve o seu auge na década de 1950, com o surgimento de quase uma dezena deles em muitos bairros.

Às vésperas do alvorecer deste século, em razão do desenvolvimento tecnológico, da expansão

dos shoppings centers e das novas formas de entretenimento, o processo de desaparecimento dos cinemas de rua de São Caetano consolidou-se, deixando um rastro de nostalgia em muitos cantos do município.

O saudoso Cine Max sobrevive nas lembranças de algumas gerações de sul-são-caetanenses e em registros fotográficos como este aqui contemplado, vívida testemunha de uma época de sonhos e de romantismo. ■

# Antonio Carlos Fedato, o Talismã

☰ Mario Edson Botteon



Antonio Carlos Fedato em registro do período no qual vestiu a camisa do Palmeiras

**ANTONIO CARLOS FEDATO**, mais conhecido como Fedato, foi um futebolista brasileiro que teve passagem de destaque pela Sociedade Esportiva Palmeiras, atuando como centroavante. Era bastante versátil, sendo utilizado em várias outras posições. Participou daquela que foi chamada a “Segunda Academia”, que atuou somente de 1972 a 1974, mas foi o suficiente pra cravar na memória – e no coração – dos torcedores uma escalação que soa como música: Leão, Eurico, Luis Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu e Ademir da Guia; Edu, Leivinha, César e Nei.

Descoberto em 1965 por Mário Travaglini durante um jogo do Cerâmica Futebol Clube, de São Caetano do Sul, Fedato chegou para jogar no Juvenil do Verdão, no mesmo ano. Assim que começou a se destacar, foi emprestado a pequenos clubes paulistas.

Muitos são os jargões utilizados para definir os jogadores cujas trajetórias são marcadas por serem sempre a primeira opção do banco de reservas, especialmente aqueles que no decorrer de suas carreiras de lá saíam para marcar gols importantes. A história do futebol é repleta deles, mas, quando o assunto é Palmeiras, o primeiro nome que vem à cabeça sem dúvida é o de Fedato, o Talismã.

Quando ele entrava em campo no decorrer das partidas, este palmeirense de coração se destacava. Não foram poucas — ao contrário, até foram inú-

Notícia do *Diário do Grande ABC*, de 3 de abril de 1993, anuncia Fedato como técnico da AD São Caetano

meras – as vezes em que, graças à sua entrada, o Palmeiras conseguiu vencer um jogo que parecia fadado ao fracasso.

Por atuar tanto pelas pontas quanto no comando de ataque, transformou-se no “primeiro reserva” da equipe, entrando sempre quando um titular da “Segunda Academia” não podia ser escalado. Entretanto, foi assim que Fedato alcançou junto à torcida o status de Talismã. Sempre que entrava ajudava a equipe a vencer ou até mesmo a decidir uma partida.

Fedato, que nasceu em São Caetano do Sul, em 18 de novembro de 1948, rodou o Estádio atuando emprestado por times como Nacional (São Paulo), Botafogo, Comercial (ambos de Ribeirão Preto) e finalmente pelo Noroeste (Bauru), onde se destacou, ajudando no acesso da equipe à primeira divisão. No segundo semestre de 1970, retornou ao Palmeiras e passou a integrar o elenco da “Segunda Academia”.

Na volta, desta vez com mais experiência, tornou-se um dos mais queridos e importantes jogadores da equipe durante cinco anos. Com o fim daquele período mágico, no qual o time se sagrou bicampeão paulista e

# Fedato estreia sem Chulapa



O técnico Fedato (c) orienta treino do S. Caetano: confiança

Logo em sua estreia no comando do São Caetano, o técnico Fedato não vai poder contar com o centroavante Serginho Chulapa, amanhã, em Novo Horizonte, contra o Novorizontino. Chulapa sentiu um estiramento muscular e será substituído por Walbert. Em seu primeiro dia no clube, ontem, Fedato comandou um movimentado coletivo e também ganhou um novo reforço. O meia Osias, ex-Palmeiras, foi contratado por empréstimo até o final do Paulistão.

Fedato, de 44 anos, nasceu e mora em São Caetano. A exemplo de seu tempo de jogador, quando entrava no segundo tempo e sempre marcava gols decisivos, o trabalho de Fedato no São Caetano será mais ou menos o mesmo: levar o time à Série Verde, vencendo os nove jogos restantes. A seguir, trechos da entrevista, que ele con-

cedeu à reportagem do *Diário* na tarde de ontem:

**Diário** — Você realmente acredita na classificação?

**Fedato** — É um momento difícil, sabemos que a situação está complicada, mas vamos fazer um trabalho direcionado para tentar a classificação.

**Diário** — Existe alguma priorificação para um trabalho longo prazo?

**Fedato** — Futebol é momento. Se não der para se classificar, é claro que a gente vai procurar conversar com a diretoria e estabelecer um programa para a próxima temporada.

**Diário** — Depois de dirigir o Palmeiras, você ficou três anos na Arábia Saudita, voltou para o Nacional do Capital e se afastou por quase dois anos do futebol. Por quê?

**Fedato** — Eu tinha que reorganizar algumas coisas na minha vida.

ALECK DUARTE

bicampeão brasileiro, entre outras conquistas, ganhou o passe livre e foi jogar no Náutico, de Pernambuco.

Assim que encerrou sua carreira de atleta, retornou ao Palestra Itália para dar início à de treinador. Primeiro atuou nas categorias de base e, depois, comandou a equipe principal em três oportunidades, totalizando 79 partidas.

Foi técnico da Associação Desportiva São Caetano por três ocasiões, em 1993, 1994 e 1997, tendo dirigido 31 partidas, com 16 vitórias, quatro empates e 11 derrotas.

Depois de encerrar a carreira, Fedato chegou a trabalhar como corretor de seguros em São Caetano do Sul. Antônio Carlos Fedato morreu muito cedo e de forma surpreendente: em 26 de janeiro de 2000, durante um rotineiro exame cardiológico, ele sofreu um infarto. Tinha, então, apenas 51 anos,

sendo sepultado na cidade de São Caetano do Sul, onde nasceu e mantinha residência. ■

## Dados de sua carreira

**Jogos pelo Palmeiras:** 269, com 141 vitórias e 61 gols marcados.

## Clubes de juventude:

Cerâmica Futebol Clube (1965); Palmeiras (1965-1966).

## Clubes profissionais:

Nacional (1967-1968); Botafogo (1969); Comercial (1969); Noroeste (1970); Palmeiras (1970-1975); Náutico (1976).

## Títulos pelo Palmeiras:

Brasileiro 1972/1973, Paulistão 1972/1974 e Ramón de Carranza 1974/1975

## FONTES

WIKIPÉDIA. Acesso em: jun 24  
TERCEIRO TEMPO. Disponível em: [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br). Acesso em: jun 24  
FEDATO. Disponível em: [blogdoipeonline.wordpress.com](http://blogdoipeonline.wordpress.com).

Mário Edson Botteon é empresário aposentado e descendente de família de imigrantes italianos chegados ao Núcleo Colonial de São Caetano em 1877.

# Zilda Natel



Acervo/FPMSCS

Zilda Natel em foto de 11 de março de 1975, tirada durante o evento de inauguração da creche que recebeu o seu nome



Acervo/FPMSCS

Zilda Natel é agraciada com o título de cidadã sul-são caetanense em 1974. Junto a ela, o marido e então governador de São Paulo, Laudo Natel, a primeira-dama de São Caetano na época, Maria Braído, e Lauriano dos Santos, presidente da Câmara Municipal na ocasião

**FILHA DE** José Gamba e Joana Marangon, Maria Zilda Gamba Natel nasceu em 1943 na cidade paulista de Pirajuí. Educadora, foi presidente do Fundo de Assistência Social (atual Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo) no período entre 15 de junho de 1971 e 14 de março de 1975. Sua atuação no comando da entidade foi marcada pelas campanhas em prol dos moradores de rua. Esposa de Laudo Natel, governador de São Paulo em duas ocasiões (1966-1967 e 1971-1975), foi home-

nageada em São Caetano do Sul em 1974, quando recebera o título de cidadã sul-são-caetanense, e em 1975, na oportunidade em que seu nome foi dado a uma creche inaugurada em 11 de março daquele ano: a Creche Zilda Natel, que, em 2019, foi municipalizada, passando a se chamar Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) Zilda Natel, a qual se encontra na Rua Flórida, nº 975, no Bairro Barcelona. Maria Zilda Gamba Natel faleceu no dia 10 de dezembro de 2002. ■



Acervo/FPMSCS

Fachada da Emei Zilda Natel em foto de 2020



# São Caetano já acordou com uma guerra civil em sua janela

A REVOLTA PAULISTA de 1924 ou Revolução de 1924, também conhecida como Revolução Esquecida, aconteceu em parte do território de São Caetano, que, na época, era um distrito de São Bernardo.

A revolta foi um levante militar organizado por jovens oficiais do Exército que faziam parte do chamado tenentismo, movimento político-militar iniciado em 1922 que reuniu jovens oficiais de média e baixa patentes, insatisfeitos com o regime oligárquico vigente no Brasil. Os rebeldes pretendiam derrubar o governo do então presidente Artur Bernardes, pois estavam descontentes com a crise econômica e a concentração de poder nas mãos das oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, a famosa “política do café (SP) com leite (MG)”, por meio da qual paulistas e mineiros revezavam-se no comando do país.

O conflito teve início na madrugada do sábado, dia 5 de julho. Naquele dia, foram interrompidos os tráfegos dos trens da São Paulo Railway, afetando em especial as estações de São Caetano e do Ipiranga. O cenário de São Caetano ganhou o verniz da guerra quando, nesse mesmo dia, os soldados do Exército do 3º Grupo de Artilharia de Costa, do Forte Itaipu, em Santos, sob comando do Major Alberto Eduardo Backer, depois de tentar chegar ao Ipiranga, tiveram de recuar, preferindo acampar na Estação de São Caetano.

O quartel-general montado em São Caetano pertencia à tropa legalista, que apoiava o governo de Artur Bernardes e enfrentava as forças militares rebeldes comandadas pelo general Isidoro Dias Lopes. ■

Antonio Marron fazia parte do 4º Regimento de Artilharia Montada, em Itu, durante a Revolução de 1924



Acervo/FPMSCS



Acervo/FPMSCS

Estação de São Caetano em foto da primeira metade do século passado. Nela, as forças legalistas implantaram o seu quartel-general durante a Revolução de 1924

# O primeiro automóvel da família Zucato

☰ Angelo Honorato Zucato

NÓS MORÁVAMOS em um sobrado enorme, construído pelo meu avô Onorato Cappelli, que ficava na Rua Pitagueres, nº 21, atual Major Carlo Del Prete, com minha avó Ugolina e minha tia Vanda.

Os dez anos a mais faziam de Vanda, minha irmã mais velha, minha mentora nas traquinagens, além de minha heroína e confidente...

Meu pai, Angelo Zucato, quando jovem, havia adquirido experiência com mecânica automobilística, pois havia trabalhado como aprendiz de mecânicos italianos que imigraram para São Caetano do Sul, muitos instalados na Rua Baraldi.

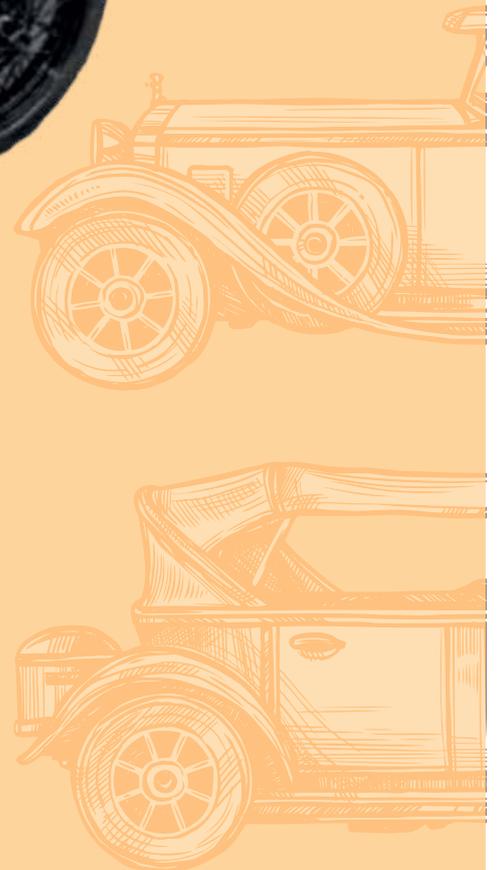
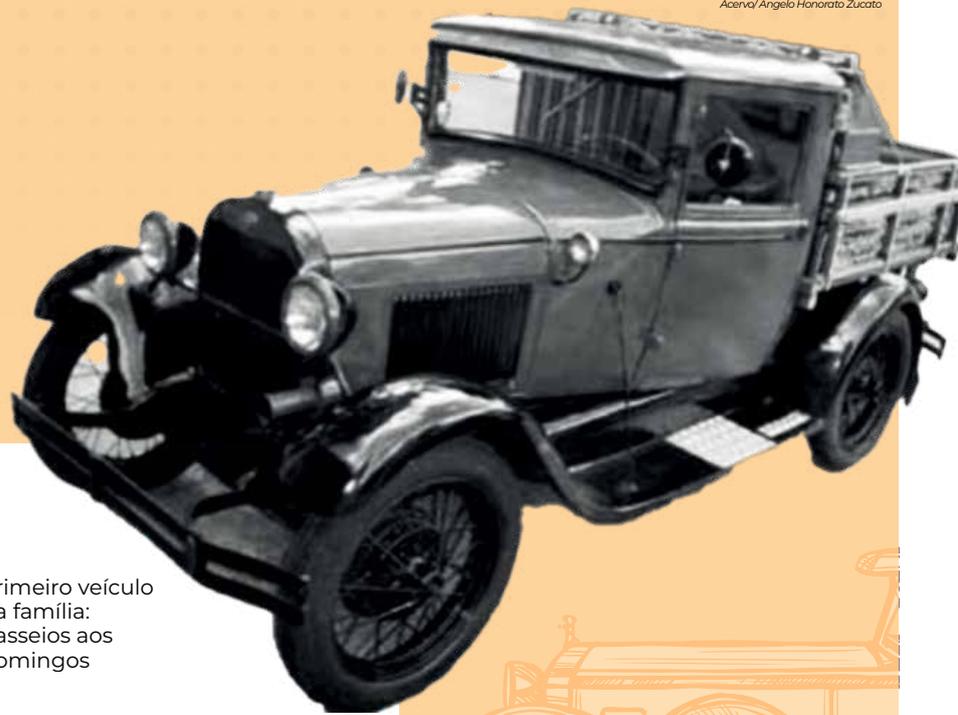
Nos anos 1950, abriu a Mecânica Angelim, localizada na Avenida Souza Ramos, atual Goiás. Como o local ficava a alguns quilômetros de nossa residência, utilizava como transporte uma bicicleta Bianchi, herança de meu falecido avô...

Primeiro veículo da família: passeios aos domingos

Numa tarde, chegou em casa com uma nova aquisição: a Ximbica. Era um Ford 1929, na cor verde, com para-lamas pretos, rodas raiadas vermelhas e caçamba de madeira enfeitada com aqueles traços ornamentais que se utilizam nos caminhões. Ele exultou toda a família com a importante novidade, já que, na época, poucos possuíam carro.

Na cabina, fazíamos caber em seu banco: meu pai, minha mãe, eu e Vanda. Passamos a realizar passeios domingueiros com destinos escolhidos por meu pai, lugares conhecidos em suas

Acervo/Ângelo Honorato Zucato





Sobrado da família Zucato, que ficava localizado na Rua Pitagueres, em foto de 1927

andanças de bicicleta com seu companheiro e cunhado, Santo. Na juventude meu pai praticava ciclismo amador, tendo realizado até desafiadoras descidas da Serra Velha do Mar.

A ida a Itaquera para compra de pêssegos era um dos nossos passeios preferidos, assim como simplesmente trafegar nas marginais da recém-construída Rodovia Anchieta. Se bem que meu pai evitava dirigir nas rodovias por causa da licença veicular ainda incompleta.

Nós quatro, apertados naquele banco extremamente duro, depois de ali chacoalhar nas tardes de domingo, retornávamos lamentando o desconforto e as dores. Mas, no final da semana seguinte, as dores já estavam esquecidas e estávamos prontos para uma nova aventura com a Ximbica.

No ano seguinte, meu pai encostou defronte de casa com um Chevrolet preto, quatro portas, ano 1937. Com entusiasmo, ele falou: “Agora podemos levar

também sua avó Ugolina aos passeios!”. Ficamos contentes, mas, no fundo, como na canção do Roberto Carlos: “Meu coração ficou com o Calhambeque!”. ■

---

Angelo Honorato Zucato é formado em Engenharia Mecânica pelo Instituto Mauá de Tecnologia, em Administração, pela Fundação Getúlio Vargas e pela Universidade Califórnia, em Los Angeles (Estados Unidos). Sua carreira profissional abrange as áreas de engenharia, gestão e direção em empresas nacionais e transacionais na área de bens de capital sob encomenda.

# Nossas três primeiras ruas cresceram e trocaram de nome

**BENDITA HORA** em que peguei para reler o livro *Subúrbio*, do professor José de Souza Martins, sociólogo e pesquisador que narra como ninguém as descobertas documentais sobre a história de São Caetano do Sul, aliás, desde os seus primórdios, quando o Brasil ainda não havia completado 100 anos da colonização portuguesa.

Na página 119, no capítulo *A Rua na Geografia Imaginária do Subúrbio*, ele descreve os caminhos que, partindo das terras da fazenda dos monges beneditinos (no hoje Bairro da Fundação), levavam para o atual Rudge Ramos e para o Centro de Santo André, que, na época, tinha o nome de São Bernardo.

A riqueza histórica do livro é gigante, o qual merece ser lido e relido, mas quero me ater à informação que se inicia na página 122, que cita a planta do núcleo colonial que abrigou os imigran-

Nossas duas primeiras ruas nasceram no pátio dessa capela. A primeira recebeu o nome de Rua Speers, profissional contador da empresa São Paulo Railway (...)  
A segunda rua de São Caetano também nasceu desse ponto, mas do lado oposto. Seu nome era Rua Joaquim Cândido, em homenagem a Joaquim Cândido de Azevedo Marques, que era contador da Tesouraria da Fazenda e Juízo de Feitos.

tes italianos que aqui chegaram no dia 28 de julho de 1877. Vale recordar que a fazenda beneditina foi desapropriada pelo governo do Império para ser dividida em lotes. No centro dessa fazenda, existia a casa-grande, que acolheu, por meses, as famílias italianas e que ficava pertinho da então Capela São Caetano.

Nossas duas primeiras ruas nasceram no pátio dessa capela. A primeira recebeu o nome de Rua Speers, uma homenagem a William Speers, profissional contador da empresa São Paulo Railway que residia na Rua Aurora, nº 1, na capital. Essa rua depois ganhou nova denominação, passando a se chamar Rua Rio Branco e parte dela Rua Maximiliano Lorenzini.

A segunda rua de São Caetano também nasceu desse ponto, mas do lado oposto. Seu nome era Rua Joaquim Cândido, em homenagem a Joaquim Cândido



Acervo/PMSCS

Rua Perrella em foto da década de 1920. Vemos a fachada do São Caetano Esporte Clube à esquerda e do Cine Central, à direita



Rua 28 de Julho em 1927. Vemos, ao fundo, a Igreja São Caetano

de Azevedo Marques, que era contador da Tesouraria da Fazenda e Juízo de Feitos. A mencionada rua também ganhou outra denominação. Em 1890, já era conhecida por Rua 28 de Julho. O interessante é que, depois disso, também teve o nome trocado diversas vezes. Foi Rua Manuel Coelho, Rua da Matriz, Rua Saladino Cardoso Franco e Rua João Pessoa para, no fim, receber de novo o nome de Rua 28 de Julho.

O livro *Subúrbio* brinda-nos também com o detalhamento histórico da terceira rua surgida em São Caetano. Na página 125, podemos ler: “Uma terceira rua foi acrescentada ao núcleo colo-

nia, ainda antes de 1890. Recebeu o número três e o nome de Rua Araújo Costa, uma homenagem a Manuel José de Araújo Costa, que era vice-presidente da Câmara Municipal de São Paulo. Essa rua foi implantada sobre o traçado do caminho que ia para o Caaguçu, Oratório e Moji das Cruzes. Hoje ela corresponde à Rua Perrella. Nos anos 1920, um trecho dessa rua, o qual atualmente consiste na Avenida Conde Francisco Matarazzo e na Rua Comandante Salgado, tinha o nome de Rua José Mariano Garcia Júnior. **(Humberto Domingos Pastore) ■**

## Acervo Claudio Vecchia



Grupo reunido na residência de Lauro Gomes de Almeida, então prefeito de São Bernardo do Campo, no dia 9 de dezembro de 1952, em celebração à vitória de Anacleto Campanella na eleição que o levou ao comando da prefeitura de São Caetano do Sul pela primeira vez. Campanella aparece na imagem, no canto superior direito (de camisa branca e bigode). Ao seu lado direito está Almeida, e, do lado esquerdo, o vice-prefeito eleito Jacob João Lorenzini

# AFIADOR

UM DOS OBJETOS que mais chamam a atenção entre o acervo do Museu Histórico Municipal é este afiador, que, aliás, encontra-se em bom estado. Ele desperta curiosidade, primeiro pelo seu tamanho (mede 112 cm de altura, por 110 cm de largura e 60 cm de profundidade), depois por ser bastante diferente de tantas modernidades com as quais estamos acostumados.

Interessante registrar que se trata de uma peça construída no ano de 1891 e que pertencia a moradores oriundos da Itália que vieram morar no Núcleo Colonial de São Caetano, que ficava onde hoje temos o Bairro da Fundação.

O afiador de ferro foi doado por Atilano Guarizo em 27 de outubro de 1981. ■



Acervo Museu Histórico Municipal



Foto: <https://facebook.com/fotosantigaistoriaodajornaleirodepofo-omaddor-de-faca-passando-no-sua-trincheira>

# TÂNIA TURCATO



©SISKAL/RedBull/Imagem/Contrasto

Sem título  
Série *Cactus e Suculentas*  
Acrílica sobre tela  
150 x 100 cm  
2013

TÂNIA TURCATO nasceu em São Caetano do Sul no dia 26 de junho de 1973. Iniciou seus estudos na Fundação das Artes, depois formou-se em Artes Visuais pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo e se especializou em Gestão Cultural pelas Faculdades Integradas Coração de Jesus. A artista ainda estudou desenho com o renomado arquiteto Roberto Rondino e teve aulas de esculturas em cerâmica com a mestra Massako Koga e de pintura tradicional chinesa com o mestre Fong Shiu Yuen.

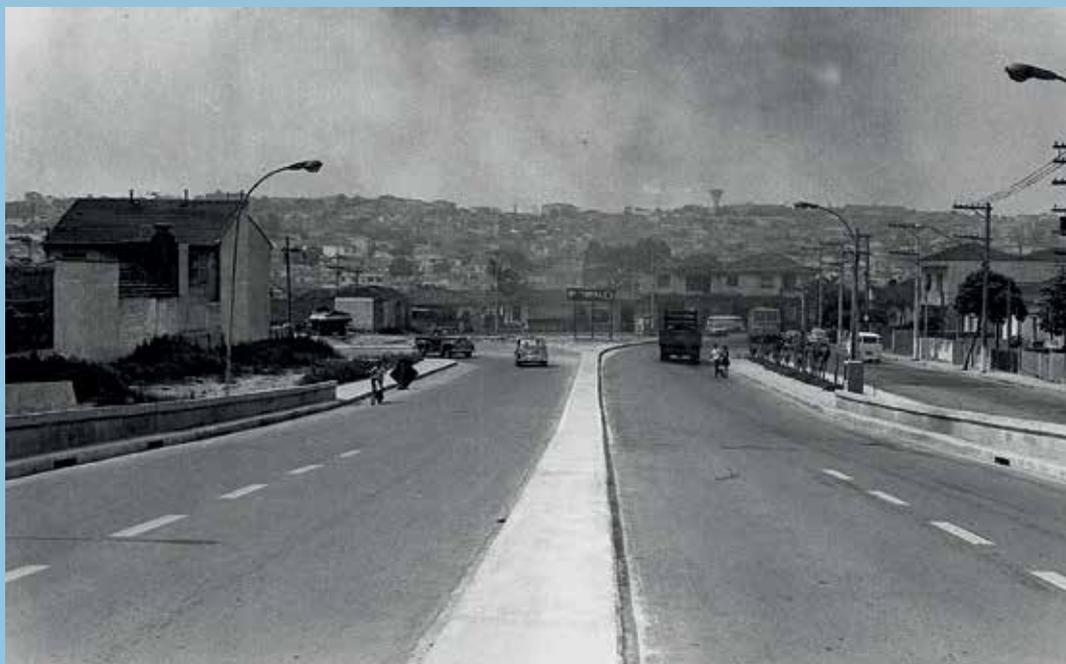
Foi premiada no 4º Grande Salão de Arte do Bunkyo (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa) e recebeu o título de Artista Sul-Sancaetanense pelo Salão de Artes Visuais de São Caetano do Sul. Sua primeira mostra individual, intitulada *Tânia Turcato – Em cores*, foi realizada em 2010

Tânia Turcato já expôs algumas vezes na Pinacoteca de São Caetano, como em 2008, na mostra coletiva *Curto-circuito*; em 2010, ao lado de Filipi Amorim e Lennon Monfort, na exposição *Diversidade*; e em 2014, com a individual *Semiótica dos Afetos: Pinturas de Tânia Turcato*. Além disso, a artista já participou de edições da *Vitrine – Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul*. O acervo da Pinacoteca Municipal conta com cinco obras de Tânia sob sua salvaguarda. ■



**A CIDADE E SUAS TRANSFORMAÇÕES.** O Viaduto Independência foi inaugurado no dia 29 de julho de 1972, como a segunda via elevada de ligação entre os bairros Centro e Fundação, e interligando também o município a São Paulo, confirmando o desenvolvimento urbano da cidade em crescimento. Pouco mais de 50 anos depois de sua instalação, o equipamento foi modernizado, transformando-se no primeiro estaiado da região do ABC, inaugurado em 2024, na gestão de José Auricchio Júnior. Na imagem antiga, podemos visualizar parte do Bairro da Fundação e de São Paulo. Na foto atual, no sentido contrário, vemos a imponente obra e uma vista da região central de São Caetano do Sul e bairros próximos.

1972



Foto/FMNSCS

2024



Foto/FMNSCS



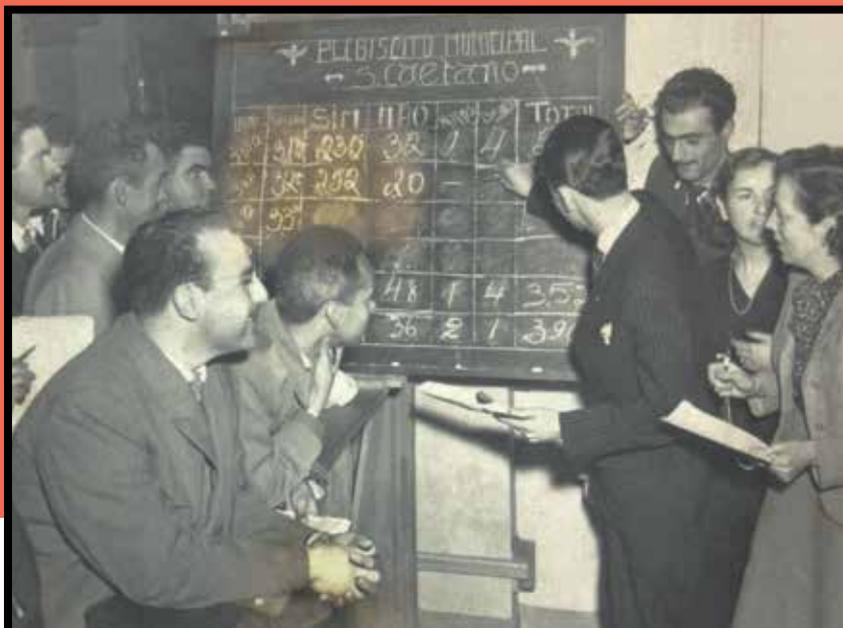
# Votação do plebiscito aconteceu em dez locais diferentes

A PRIMEIRA VOTAÇÃO envolvendo um tema específico do então subdistrito de São Caetano foi o plebiscito que possibilitou a sua emancipação do jugo de Santo André e a sua transformação em uma cidade de fato e de direito. Essa eleição aconteceu em um domingo, dia 24 de outubro de 1948, e terminou com a vitória dos que queriam a separação frente ao município andreense, garantia para que pudéssemos andar com as nossas próprias pernas. Os números finais registraram 8.463 votos favoráveis à emancipação e 1.029 votos contrários.

Uma informação que poucos conhecem é a de que o plebiscito teve dez locais de votação. A seção

1ª a 8ª, correspondente às iniciais que iam da letra A até a C, ficava no Grupo Escolar Senador Fláquer, na Rua Heloísa Pamplona, 275. A seção 9ª a 13ª, englobando as iniciais que iam das letras D a G, na Escola 9 de Julho, situava-se na Rua Rio Branco, 229. A seção 14ª e 15ª, indo das letras H a I, estava localizada no Externato Santo Antonio, então instalado na Rua Manoel Coelho, 31 (fundos). A seção 16ª até 22ª, que ia da letra J à letra L, ficava na Escola de Comércio, na Rua Amazonas, 354. A seção 23ª a 26ª compreendia só a letra M e ficava no Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, na época, situado na Rua Monte Alegre, 90. A seção 27ª, abarcando

a letra N, estava no Escritório Comercial, na Rua Manoel Coelho, 218. A seção 28ª, correspondente à letra O, estava localizada no Instituto de Aposentadoria, na Rua Manoel Coelho, 220. A seção 29ª, que ia da letra P à Q, encontrava-se instalada no Escritório Contábil Giardullo Ltda, na Avenida Conde Francisco Matarazzo. A seção 30ª até 31ª, que ia da letra R até a S, estava no Instituto Rocha Pombo, situado na Rua Pernambuco, 420, e a seção 32ª e 33ª, abrangendo as letras T, U, V, X, Z, ficava no Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza, localizado, na época, na então Rua Goiás, 1.582. ■



Arquivo/FMNSCS

Apuração dos votos do plebiscito de 24 de outubro de 1948

## Acervo Cristina Sernagiotto Soares



Formatura do curso de Curso Técnico de Cerâmica no Senai Armando de Arruda Pereira, no ano de 1975. Cristina, em destaque, tinha 19 anos. No fundo, à esquerda da foto, vemos Elizabeth von Zeidler Stasieniuk. As duas são melhores amigas até hoje.

## EXPOSIÇÕES

### **Em Cartaz - Os saudosos cinemas de rua de São Caetano**

Para recordar o tempo em que as portas dos cinemas ficavam nas calçadas, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul colocou em cartaz uma exposição que justamente conta a história dessa que é uma das maiores manifestações artísticas da humanidade. Ao todo são cerca de 30 fotos, do acervo do Centro de Documentação Histórica da instituição, que integram a mostra *Em Cartaz - Os saudosos cinemas de rua de São Caetano*.

A distinta plateia e o estimado público estão

convidados a ganhar importantes momentos de nostalgia visitando a exposição, montada no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes. Além das fotografias, um tótem exibe curtas-metragens selecionados na Mostra Retomada ABC de Cinema.

Realizada pela Ibirá Cultural por meio da Lei Paulo Gustavo, a Mostra Retomada ABC de Cinema teve como objetivo a promoção do cinema na região do grande ABC. Aconteceu entre os dias 18 e 21 de setembro de 2024.



## EXPOSIÇÕES

### **Legado, aquisições e um acervo em movimento**

Importante braço de atividades da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, a Pinacoteca Municipal tem se firmado nestes seus 22 anos como a principal vitrine para artistas de renome e em surgimento, não só da cidade, da região, e porque não, nacional. Ao longo dos anos se gabaritou também por ser um rico celeiro para dar guarida a um vasto acervo de obras, não só proveniente dos trabalhos expostos nos 11 salões de arte contemporânea ocorridos em São Caetano, como de peças ad-

quiridas e doadas pelos mais diversos e expoentes artistas. Ao todo, hoje a Pinacoteca é a casa para cerca de 900 obras, armazenas e catalogadas.

Parte do acervo pode agora ser visto na exposição *Legado, aquisições e um acervo em movimento*, em cartaz na Pinacoteca Municipal, que reúne uma seleção de obras advindas das doações recebidas nos últimos cinco anos, realizadas por artistas ou familiares. No total, são trabalhos de 37 artistas. Estas obras foram organizadas neste ano, após a realização do último inventário do acervo e apresentadas de acordo com sua procedência: doações espontâneas, as provenientes de exposições e doações realizadas a partir de um convite da instituição.



## PARCERIAS

### **Exposição temporária *Museu de Brinquedos e Brincadeiras***

De 26 de outubro a 10 de novembro, o Espaço do Forno recebeu a exposição temporária *Museu de Brinquedos e Brincadeiras*, um projeto realizado anualmente pela Escola Villare. Foram expostos brinquedos antigos pertencentes aos pais dos alunos do ensino fundamental e imagens do trabalho realizado em sala de aula, a partir de conceitos de acervos, exposições, memória e patrimônio.



## PROJETOS

### **Inventário do acervo da Pinacoteca Municipal**

Entre dezembro de 2023 e maio de 2024 foi realizado o inventário da coleção de arte da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul. Com o objetivo de checar e diagnosticar o estado de conservação e localização de cada item, além de reorganizar as reservas técnicas de forma estratégica, o trabalho foi realizado pela pesquisadora e historiadora da arte Bruna Marassato. Atualmente, o acervo artístico da Fundação Pró-Memória conta com mais de 900 obras, organizadas em duas reservas técnicas.



## PARTICIPAÇÕES EM PROJETOS E EVENTOS

### **Semana da Autonomia**

Com representantes no Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama), a Fundação Pró-Memória participou da organização dos eventos da Semana da Autonomia que, em 2024, comemorou os 76 anos da conquista da autonomia política e administrativa da cidade.

A programação teve início no dia 18 de outubro, no Campus Conceição da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, com o seminário *Narrativas reveladas: memórias autonomistas do ABC*, durante o qual foram realizadas as palestras *Um sonho não realizado: os movimentos autonomistas de Utinga e Paranapiacaba*, com os memorialistas Vanderlei Antonio Retondo e Elias Pereira da Silva, com mediação da historiadora Cristina Toledo de Carvalho, e *O lado oculto da história da autonomia dos municípios do Grande ABC*, proferida pelo sociólogo José de Souza Martins.

No dia 20 de outubro, foi a vez da Missa dos Autonomistas, celebrada na Matriz Sagrada Famí-

lia. No dia seguinte, 21 de outubro, os jornalistas Humberto Pastore e Paula Fiorotti realizaram um bate-papo sobre o documentário *Autonomistas* durante jantar festivo no Rotary Club de São Caetano do Sul. Nos dias 22 e 23, a homenagem aos autonomistas foi realizada pela Fundação das Artes, no Teatro Timochenco Wehbi, primeiramente com uma apresentação da Orquestra Sinfônica da instituição e, na sequência, dos grupos de dança e das alunas do curso livre de dança e técnico da Fundação das Artes.

A programação da Semana da Autonomia foi encerrada no dia 24 de outubro, com dois eventos. No período da manhã, o Tiro de Guerra promoveu palestras sobre o tema, apresentadas pelos atiradores. À noite, o Teatro Santos Dumont foi palco da premiação do Concurso de Redação sobre a autonomia, realizado entre alunos dos 8º e 9º anos da rede municipal de ensino. Fechando com chave de ouro, aconteceu a apresentação do Hino da Autonomia, com o maestro Ogair Júnior e grupo musical.





Acervo/FPMSCS



No dia 6 de março de 1960, os jogadores do São Cristóvão Futebol Clube foram homenageados pelos diretores do Esporte Clube Vila Bela pela conquista do campeonato de 1959 da segunda divisão da Liga de Esportes de São Caetano. Na imagem, Osvaldo Pinto Albino, goleiro do São Cristóvão, é cumprimentado por Domingos Chiovani, dirigente da liga

Acervo/FPMSCS



Vista de parte dos bairros Centro e Fundação, com destaque para o Viaduto dos Autonomistas. Foto da década de 1960

Acervo/FPMSCS



Córrego do Moinho na Avenida Presidente Kennedy, em foto da década de 1970

Acervo/FPMSCS



Aspecto panorâmico das instalações da General Motors na década de 1940. Na imagem, é possível visualizar a Avenida Goiás e a linha férrea



Inauguração do antigo Grupo Escolar de Vila Marlene (atual Escola Municipal de Ensino Fundamental – Emef – Padre Luiz Capra) na década de 1950

Acervo/FPMSCS

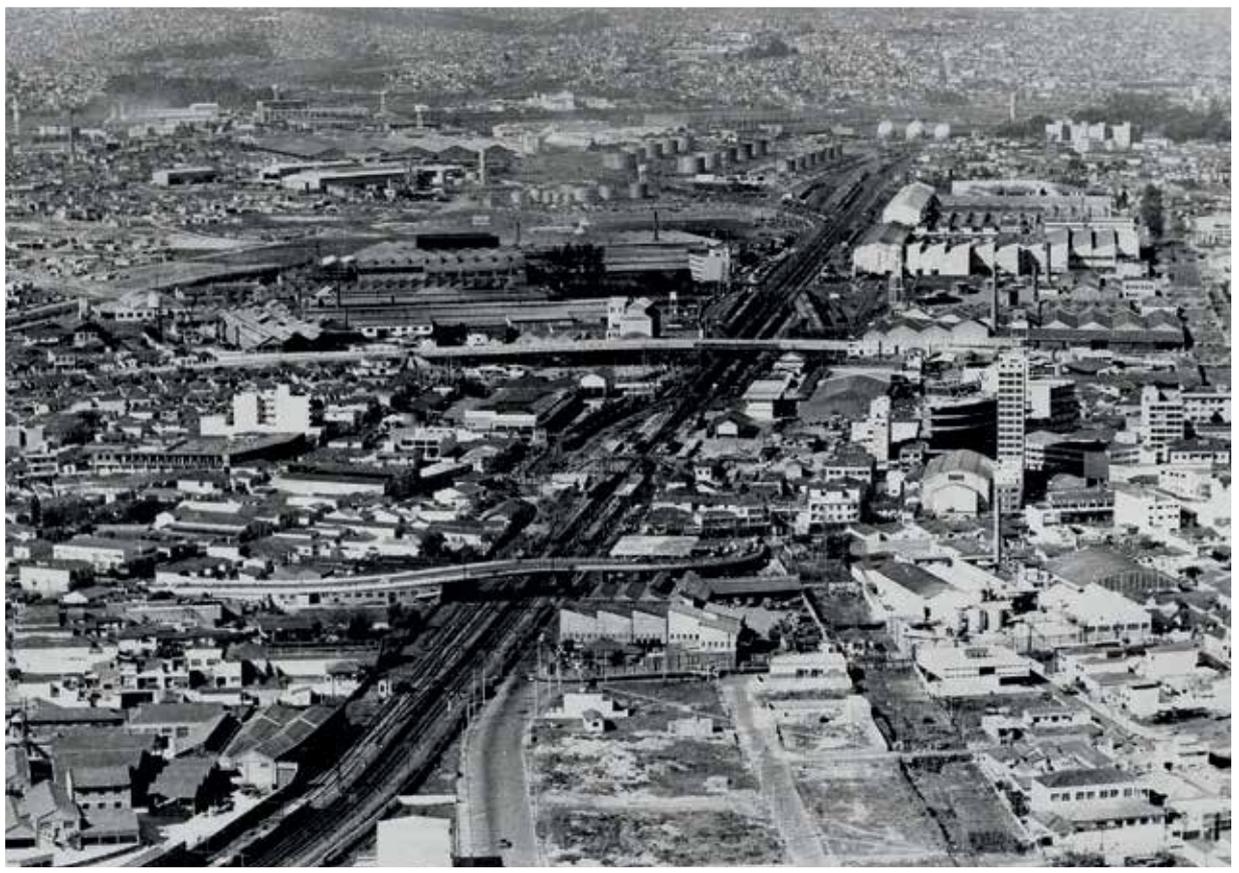


Imagem panorâmica da cidade na década de 1970. Destaque para os viadutos Autonomista (em primeiro plano) e Independência sobre a estrada de ferro

Acervo/FPMSCS



Rua Santo Antônio em foto da década de 1950. À esquerda, é possível observar a mureta do Viaduto dos Autonomistas. Ao fundo, destaque para o Edifício Vitória

Acervo/FPMSCS



Aspecto da Concha Acústica e do prédio do antigo Paço Municipal em foto da década de 1960

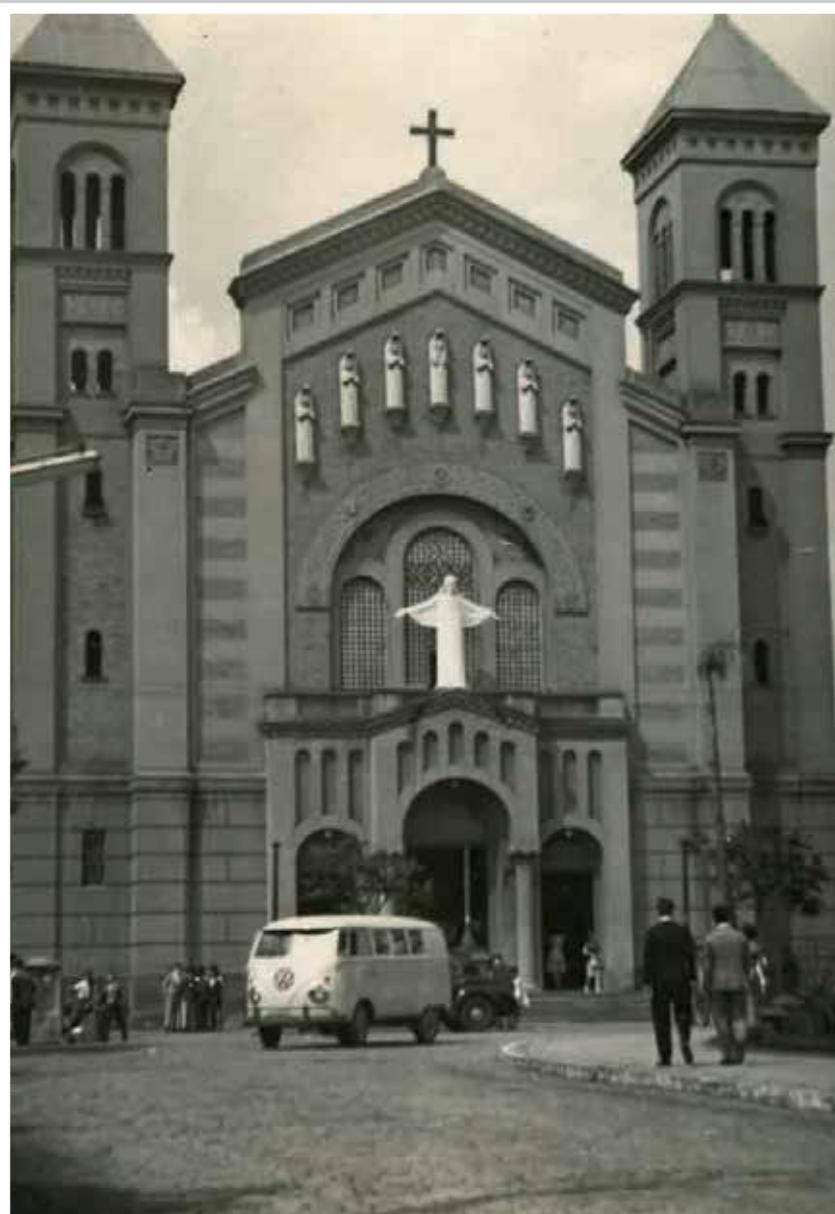
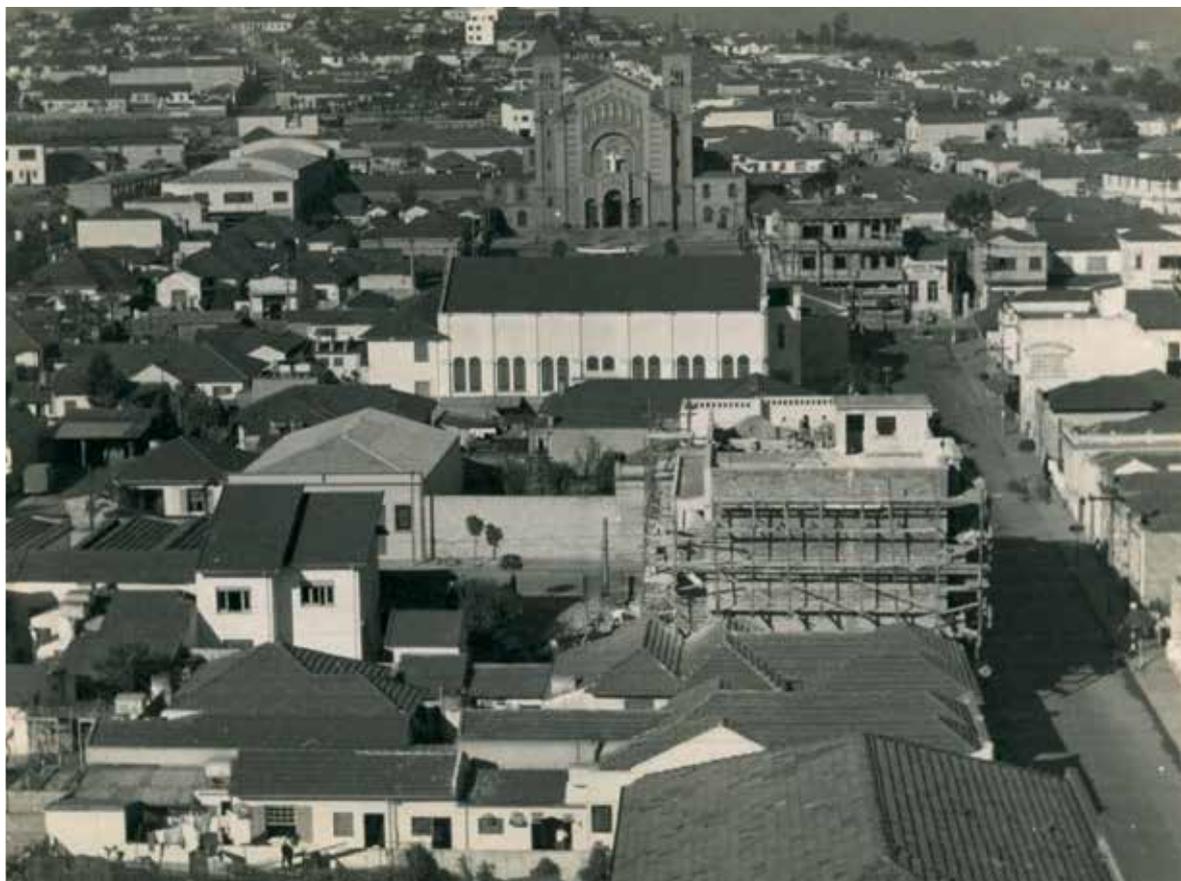


Foto da década de 1960, que mostra uma movimentação em frente à Paróquia Sagrada Família

Acervo/FPMSCS



Em destaque, o templo da Paróquia Sagrada Família em foto panorâmica da década de 1950. À direita, trecho da Rua Santa Catarina

Acervo/FPMSCS



Prédio da Escola Estadual Profa. Yolanda Ascencio em foto de 7 de junho de 1980

Acervo/FPMSCS



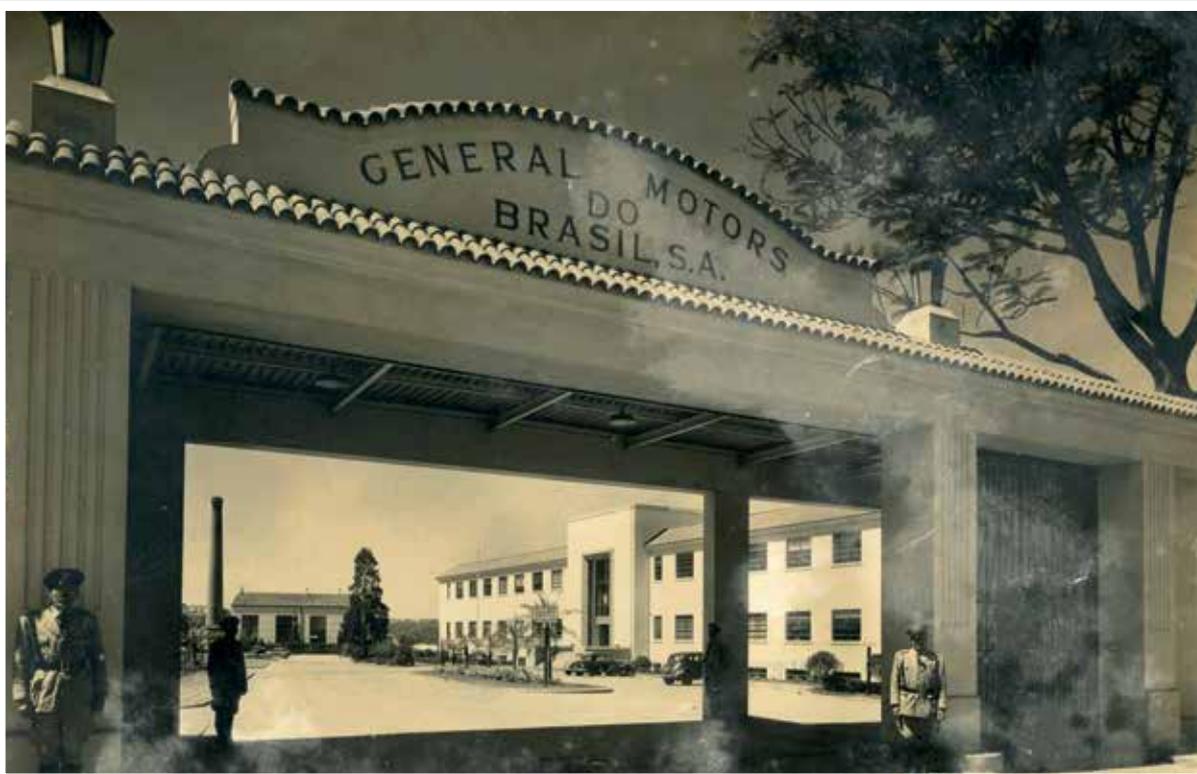
Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito do município, com Sívlio Santos no programa Cidade contra Cidade, em 1978. Na ocasião, São Caetano do Sul perdeu a disputa contra São José do Rio Preto (SP). Na imagem, foi também identificado o então deputado estadual Osmar Ribeiro Fonseca (ao lado da mulher de vestido branco)

Acervo/FPMSCS



Corporação Musical São Caetano do Sul, sob a regência do maestro Eduardo Sasso, em foto tirada durante um evento no campo do São Caetano Esporte Clube, na Rua Paraíba

Acervo/FPMSCS



Entrada principal da General Motors em São Caetano do Sul



Foto tirada por ocasião da inauguração da sede do grupo teatral A Turma no dia 19 de agosto de 1967. Por ter se estabelecido no sótão do Edifício Del Rey, situado na Rua Baraldi, nº 1.005, a sede ficou conhecida como Sótão 1.005, espaço no qual foi construído um teatro de arena para os ensaios e apresentações do grupo. Entre os que aparecem na imagem, foram identificados: Jayme da Costa Patrão (o primeiro, em pé, à esquerda), Ettore Dal'Mas (logo na sequência), José Bonifácio de Carvalho (de camisa xadrez), Mário Dal'Mas (o nono, em pé, a partir da esquerda), Milton Andrade (após Mário Dal'Mas) e Josmar Martins (com um copo em uma das mãos)

Acervo/FPMSCS



Sessão solene da Sociedade de Mútuo Socorro Principe di Napoli em 1936. A instituição foi fundada no então Núcleo Colonial de São Caetano em 11 de dezembro de 1892, com o propósito de conceder auxílios aos membros de seu quadro associativo, em face das questões sociais, culturais e econômicas que vinham atingindo os imigrantes italianos não só da localidade, mas também os que estavam presentes em outras regiões do Brasil. No grupo que aparece na imagem, estão nomes como os de José Paolone, Antônio Barile, Arthur Garbelotto, entre outros



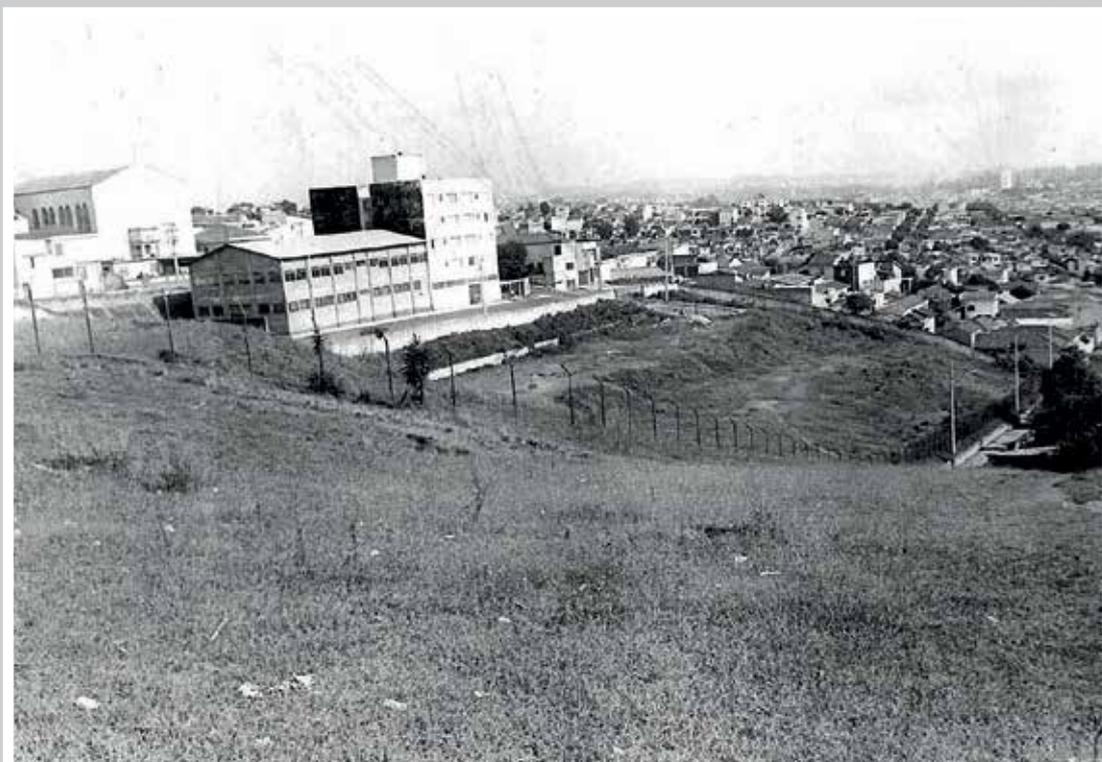
Registro do casamento de Euclides e Adalfe Tomazella, realizado no dia 7 de fevereiro de 1948

Acervo/FPMSCS



Rua 28 de Julho em foto da primeira metade do século passado. Destaque para o edifício onde hoje funciona o Frigorífico Cardeal

Acervo/FPMSCS



Terreno onde foi criada a Praça dos Nordestinos, no Bairro Nova Gerty, na década de 1980

# REVISTA RAÍZES

Há 35 anos contando e fazendo história.



Um dos elementos fundamentais da constituição de um cidadão é a identidade cultural. *Raízes*, publicada pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, é composta por várias seções que abordam aspectos diferenciados da história e da memória da cidade. A revista contribui diretamente para este processo de identificação e permite que tenhamos contato com quadros de referência de nosso passado. ***Raízes faz parte da sua história.***

Submissão de artigos pelo e-mail [raizes@fpm.org.br](mailto:raizes@fpm.org.br)



FUNDAÇÃO  
PRÓ-MEMÓRIA  
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO  
CAETANO  
DO SUL  
PREFEITURA MUNICIPAL



# FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

== SEDE ADMINISTRATIVA  
== PINACOTECA MUNICIPAL  
**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA**  
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255  
São Caetano do Sul – SP  
(11) 4223-4780  
fpm@fpm.org.br  
pinacoteca@fpm.org.br  
centro.documentacao@fpm.org.br

---

== MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL  
== Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122  
São Caetano do Sul – SP  
(11) 4229-1988  
museu@fpm.org.br

---

== SALÃO EXPOSITIVO  
== ESPAÇO VERDE CHICO MENDES  
Avenida Fernando Simonsen, nº 566  
São Caetano do Sul – SP

---

== ESPAÇO CULTURAL  
== CASA DE VIDRO  
Praça do Professor  
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)  
São Caetano do Sul – SP

---

== ESPAÇO DO FORNO  
== Praça do Forno  
Espaço Cerâmica  
São Caetano do Sul – SP

---



**WWW.FPM.ORG.BR**



ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO  
PRÓ-MEMÓRIA  
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO  
CAETANO  
DO SUL  
PREFEITURA MUNICIPAL